



*Programa de Pós-Graduação
em Linguística*



Universidade Federal de São Carlos

**ESPECIFICIDADES DO USO DE INGLÊS (LE) NA ÁREA
TÉCNICA EMPRESARIAL: A RELAÇÃO ENTRE
NECESSIDADES, PLANEJAMENTO DE CURSO E MATERIAL
DIDÁTICO.**

JAQUELINE LOPES

**SÃO CARLOS
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L864ei

Lopes, Jaqueline.

Especificidades do uso do inglês (LE) na área técnica empresarial : a relação entre necessidades, planejamento de curso e material didático / Jaqueline Lopes. -- São Carlos : UFSCar, 2008.
181 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Língua inglesa – ensino e aprendizagem. 2. Material didático. 3. Língua inglesa – inglês técnico. I. Título.

CDD: 428 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

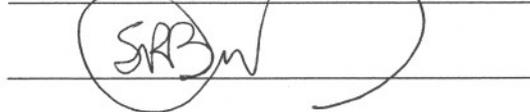
Profa. Dra. Eliane Hércules Augusto Navarro



Profa. Dra. Denise Campos Kuhn



Profa. Dra. Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**ESPECIFICIDADES DO USO DE INGLÊS (LE) NA ÁREA TÉCNICA
EMPRESARIAL: A RELAÇÃO ENTRE NECESSIDADES, PLANEJAMENTO DE
CURSO E MATERIAL DIDÁTICO.**

Jaqueline Lopes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Lingüística.
Área de Concentração: Ensino-Aprendizagem de Línguas
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Hércules Augusto-Navarro

São Carlos
2008

**Dedico este trabalho ao meu esposo, Robson,
aos meus pais José Maria e Tânia,
e à minha irmã, Janaina.**

*I keep six honest serving-men.
(They taught me all I knew.)
Their names are What and Why and When
And How and Where and Who.*

Rudyard Kipling

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Eliane Hércules Augusto-Navarro não apenas pela orientação, mas pelo apoio, amizade, compreensão e conselhos valiosos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, em especial às professoras Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula e Maria Silvia Cintra Martins pelas contribuições para o aprimoramento deste trabalho.

Ao meu esposo, Robson, por toda compreensão e apoio em todos os momentos.

À minha família por apoiar e incentivar minhas escolhas.

À minha prima, Monique, e à minha irmã, Janaina, por me ajudarem a revisar este trabalho em pleno dia de Natal.

Às amigas Daniela Terenzi e Luciana Marchetti por terem compartilhado minhas incertezas e angústias.

À minha tia, Maria Elena, pelo apoio e incentivo durante a graduação e o mestrado.

E a Deus que me deu a motivação necessária para eu terminar este trabalho de pesquisa.

RESUMO

Este estudo objetiva comparar os cursos de inglês de duas empresas a fim de avaliar qual o tratamento dado às especificidades de uso da língua no desempenho das funções de seus funcionários-alunos em suas rotinas de trabalho. Embasados, principalmente, nos achados de Hutchinson e Waters (1984, 1987) e Dudley-Evans e St John (1998), discutimos a relevância da análise de necessidades como instrumento essencial para o planejamento de um curso para propósitos específicos mais adequado às necessidades e aos interesses de um público-alvo. A análise de dados mostra a importância que o conhecimento teórico sobre o ensino de línguas para propósitos específicos tem no trabalho de profissionais que se propõem a atuar nessa, fértil e crescente, área do ensino de línguas. Esta pesquisa pode ser utilizada como um embasamento teórico inicial para professores de língua estrangeira, sobretudo língua inglesa, que queiram conhecer ou saber mais a respeito do planejamento de um curso para propósitos específicos.

Palavras-chave: Inglês para Propósitos Específicos, análise de necessidades, material didático.

ABSTRACT

This study presents a comparison of the English as a Foreign Language courses offered at two companies. Our purpose is to evaluate what is the treatment of the language use specificities in these companies' employees performance of their functions in their daily work routine. We discuss the key role of needs analysis in the design of effective LSP courses, as stated by Hutchinson and Waters (1984, 1987) and Dudley-Evans and St John (1998), among other reserchers in the field. Our data analysis shows how important it is that professionals who decide to work in this area search for solid theoretical information on this fruitful and progressive branch of EFL/ESL, more specifically. Our study can provide initial theoretical basis for those language teachers, especially the ones working with EFL, who wish to be introduced or to obtain more information on LSP course design and development.

Key-words: Language for Specific Purposes, English for Specific Purposes, needs analysis, teaching material.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Amostra do material didático utilizado por na empresa I	117
Figura 2 – Amostra do material didático utilizado por na empresa I	118
Figura 3 - Amostra do material didático utilizado por na empresa II	119
Figura 4 – Amostra do material didático utilizado por na empresa II	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Função exercida pelos funcionários da empresa I e o tempo que estão na empresa	69
Tabela 2 – Função exercida pelos funcionários da empresa II e o tempo que estão na empresa	70
Tabela 3 – Motivos pelos quais os funcionários da empresa II procuraram o seu curso	85
Tabela 4 - Motivos pelos quais os funcionários da empresa II procuraram o seu curso	87
Tabela 5 – O que é recebido e/ou produzido em inglês dentro da empresa I	89
Tabela 6 - O que é recebido e/ou produzido em inglês dentro da empresa II	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	Coordenador I
CII	Coordenadora II
ILE	Inglês como Língua Estrangeira
ISL	Inglês como Segunda Língua
F1I, II, III...	Funcionário I, II, III... da empresa I
F2I, II, III...	Funcionário I, II, III... da empresa II
IPE	Inglês para Propósitos Específicos
IPEN	Inglês para Propósitos Específicos de Negócios
IPG	Inglês para Propósitos Gerais
IPGN	Inglês para Propósitos Gerais de Negócios
IPN	Inglês para Propósitos de Negócios
LE	Língua Estrangeira
PA, B...	Professora A, B...
RH	Recursos Humanos

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	V
ABSTRACT	V
LISTA DE FIGURAS	VIII
LISTA DE TABELAS	IX
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	X
INTRODUÇÃO	14
<i>PROBLEMA E JUSTIFICATIVA</i>	17
<i>OBJETIVOS</i>	19
<i>PERGUNTAS DE PESQUISA</i>	19
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	22
1.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE INGLÊS PARA PROPÓSITOS ESPECÍFICOS (IPE)	22
1.2 O “INSTRUMENTAL” NO BRASIL	24
1.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE IPE	26
1.3.1 Os papéis desempenhados pelo profissional de IPE	30
1.4 INGLÊS PARA PROPÓSITOS DE NEGÓCIOS	34
1.4.1 Professores de inglês para negócios	36
1.5 A ANÁLISE DE NECESSIDADES	37
1.5.1 O papel da análise de necessidades no ensino de inglês para negócios	42
1.5.2 Como realizar a análise de necessidades	43
1.5.2.1 Questionários e Listas de checagem.....	44
1.5.2.2 Entrevistas Estruturadas	45
1.5.2.3 Observação	45
1.5.2.4 Análise de textos autênticos	45
1.5.2.5 Avaliação	46
1.5.2.6 Discussões	46
1.6 PLANEJAMENTO DO CURSO PARA PROPÓSITOS ESPECÍFICOS	47
1.6.1 Intensivo ou extensivo	49
1.6.2 Avaliar ou não	50
1.6.3 Necessidades imediatas ou posteriores	51
1.6.4 O professor enquanto fornecedor ou facilitador/consultor	51
1.6.5 Foco amplo ou restrito	52
1.6.6 Pré-experiência ou paralelamente à experiência	53
1.6.7 Materiais para fins gerais ou materiais para fins específicos	53
1.6.8 Grupos homogêneos ou heterogêneos e motivação	54
1.6.9 Planejamento de curso fixo ou negociado e flexível	55
1.6.10 Desenvolvendo o planejamento de um curso	56
1.7 O PAPEL DOS MATERIAIS	58
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	62

2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	62
2.2 CONTEXTOS DE PESQUISA.....	64
2.2.1 Empresa I	64
2.2.1.1 Curso de inglês da empresa I.....	64
2.2.2 Empresa II.....	65
2.2.2.1 Curso de inglês da empresa II.....	65
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	66
2.3.1 Coordenadores dos cursos	67
2.3.2 Professoras do curso da empresa I.....	67
2.3.3 Professoras do curso da empresa II.....	68
2.3.4 Funcionários – alunos da empresa I	69
2.3.5 Funcionários – alunos da empresa II.....	69
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	70
2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	72
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS.....	75
3.1 AS NECESSIDADES DAS EMPRESAS E DOS FUNCIONÁRIOS-ALUNOS.....	75
3.1.1 As necessidades das empresas sob o ponto de vista dos coordenadores I e II	76
3.1.2 A consciência dos funcionários em relação as suas necessidades lingüísticas para seu desempenho profissional.....	84
3.1.3 A relação entre as necessidades e interesses dos funcionários	93
3.2 O MATERIAL DIDÁTICO ADOTADO NOS CURSOS E AS NECESSIDADES E INTERESSES DOS FUNCIONÁRIOS-ALUNOS.....	108
CONCLUSÃO E POSSIBILIDADES DE PESQUISAS FUTURAS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
BIBLIOGRAFIA.....	128
APÊNDICES	129

INTRODUÇÃO

Conforme discutido por Hutchinson e Waters (1987), com a enorme expansão científica, tecnológica e econômica que se iniciou no final da Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a ser dominado pela tecnologia e pelo comércio, havendo a necessidade de uma língua internacional. Principalmente em razão do poder econômico exercido pelos Estados Unidos, a língua inglesa adquiriu o papel de língua internacional.

A partir desse desenvolvimento comercial e tecnológico, uma grande quantidade de pessoas passou a aprender inglês por necessidades específicas e logo os profissionais do ensino de línguas foram pressionados a produzirem cursos desenvolvidos com objetivos claramente definidos, os quais foram denominados cursos de Inglês para Propósitos Específicos (IPE).

Salientamos que adotamos a terminologia IPE, proposta por Augusto (1997), por concordarmos com a visão da autora de que o termo inglês instrumental, como ficou conhecido no Brasil, não expressa com clareza o propósito dessa metodologia de ensino. Augusto chegou a essa conclusão ao propor e investigar um curso de ensino de escrita acadêmica em inglês a alunos e funcionários de duas universidades públicas do interior do estado de São Paulo. Ao desenvolver sua pesquisa, a autora observou que o termo inglês instrumental estava muito ligado à idéia de ensino de estratégias de leitura, optando, então, pelo termo IPE por acreditar que ele define melhor o ensino de inglês voltado para atender as necessidades e as expectativas específicas de um público-alvo.

Acrescentamos que, como não há um consenso entre pesquisadores da área sobre o ensino de línguas para propósitos específicos tratar-se de uma abordagem ou de uma metodologia, optamos pelo termo metodologia, conforme Augusto (1997), já que o definimos como os meios pelos quais se dará o ensino-aprendizagem de uma língua, ou seja, os

objetivos gerais de um curso, os conteúdos lingüísticos a serem estudados, entre outros. A nosso ver, o ensino de IPE é uma metodologia de ensino que está inserida em algo maior que é a abordagem comunicativa, pois definimos abordagem como a teoria a respeito da natureza e da aprendizagem de línguas.

Para Hutchinson e Waters (1987), o ensino de IPE é uma metodologia de ensino de língua que tem como finalidade atender às necessidades dos aprendizes.

Segundo Johns (1991) e Dudley-Evans e St John (1998), o IPE tem se preocupado com a análise cuidadosa de necessidades, bem como tem feito parte de sua metodologia o desenvolvimento de um currículo e a adoção e/ou confecção de material didático (MD).

Conforme proposto por Dudley-Evans e St John, o ensino de IPE para empresas se enquadra no que é chamado de IPO (Inglês para Propósitos Ocupacionais). Dentro dessa área insere-se o ensino de Inglês para Propósitos de Negócios (IPN) que pode ser dividido em dois ramos: o Inglês para Propósitos Gerais de Negócios (IPGN) e Inglês para Propósitos Específicos de Negócios (IPEN)¹.

Em termos gerais, podemos dizer que o IPN engloba o ensino de inglês para atender as necessidades de funcionários de empresas os quais lidam com linguagem e tarefas específicas da área de negócios, tais como escrita de *e-mails*, negociações comerciais, entre outros.

Cabe ressaltar que não são somente funcionários dessa área que necessitam aprender inglês para desempenharem sua rotina de trabalho. Há também aqueles que trabalham na área técnica da empresa e muitas vezes lidam com linguagem e tarefas muito específicas, sendo que em livros didáticos disponíveis no mercado geralmente não há uma previsão de trabalho com esse tipo de linguagem.

¹ Discutimos todos esses termos no capítulo 1 deste trabalho.

É por isso que, para que se conheçam as necessidades e os interesses dos aprendizes, é preciso que se realize uma análise de necessidades antes do planejamento do curso e da seleção, adoção e/ou confecção de um MD. Além disso, segundo Braine (2001), projeto de currículos de língua inglesa sem alguma consideração das necessidades dos aprendizes é quase impensável hoje.

Essa análise é um instrumento bastante reconhecido (BRAINE, 2001; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 1998; HUTCHINSON; WATERS, 1984,1987) como essencial para o desenvolvimento de um curso mais adequado aos objetivos do público-alvo. De acordo com Dudley-Evans e St John (1998), a análise de necessidades é o alicerce do IPE.

Acrescentamos que Augusto-Navarro e outros (no prelo) avaliou o processo de realização de análise de necessidades em um curso de IPE em uma empresa da área da aviação e observou que essa avaliação deve ser realizada continuamente para o aperfeiçoamento de um curso de IPE, isto é, não basta realizá-la no início do curso, a avaliação deve ser repetida diversas vezes ao longo do curso, dependendo da duração do mesmo.

Nesse sentido, uma das preocupações centrais deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre o papel da análise de necessidades e interesses no cenário de IPE. Para tanto nos propomos a refletir sobre a relação entre o desenvolvimento de dois cursos de IPE na área empresarial e a análise de necessidades e de interesses realizadas em razão do oferecimento dos mesmos. Em vista disso, apresentamos, nesta pesquisa, resultados da comparação dos cursos de IPE desenvolvidos nessas duas empresas, analisando o que seus funcionários-alunos descrevem como suas necessidades e seus interesses, procurando verificar a coerência entre as necessidades em cada um desses contextos e as propostas de cada um dos cursos.

O propósito deste estudo é justamente analisar se existe algum desencontro, levantar possíveis razões e verificar a adequação dos materiais didáticos adotados nessas duas

empresas para o ensino de IPE com relação às necessidades e aos interesses apresentados pelos funcionários-alunos.

Problema e Justificativa

Nosso primeiro contato com o ensino de inglês em contexto empresarial ocorreu durante a graduação quando trabalhávamos em um projeto de extensão que integrava uma universidade pública e uma empresa de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Exercíamos a função de professora de IPE e a habilidade focada era a leitura. Os funcionários necessitavam compreender os manuais técnicos que utilizavam na realização de seu trabalho. Trabalhávamos em uma equipe de sete professores e éramos coordenados por duas docentes do departamento de Letras da universidade citada. Produzíamos todo o material a partir dos manuais técnicos fornecidos pelos próprios funcionários-alunos e fazíamos uma análise de necessidades prévia ao início do curso.

Ao terminarmos a graduação fomos indicados para trabalhar em outra empresa dessa cidade. Quando iniciamos nossa atuação, percebemos que o curso desta era muito diferente daquela. O tradutor técnico da empresa era o responsável por contratar os professores, selecionar o material didático utilizado, assim como dividir os grupos, tarefa realizada sem ao menos avaliar o nível de proficiência de cada funcionário.

Ao notarmos que eram necessárias mudanças na organização e estrutura do curso dessa segunda empresa e não sabíamos como efetivá-las, buscamos por embasamento teórico sobre o ensino de inglês em contexto empresarial.

Nessa busca, observamos que, de acordo com Nickerson (2005), *estudos realizados em diferentes países confirmaram que o inglês é parte intrínseca da comunicação em contextos multinacionais e é uma realidade na vida de profissionais da área empresarial*².

Além disso, esses profissionais possuem necessidades e interesses específicos em relação à aprendizagem de inglês, haja vista que precisam do conhecimento da língua-alvo para melhor desempenharem suas tarefas de trabalho. Entretanto, geralmente, as necessidades dos funcionários-alunos não são levadas em consideração nem no planejamento dos cursos e nem na sala de aula (HUTCHINSON; WATERS, 1984; VIAN JR, 2002).

Em vista do que observamos durante o período que trabalhamos em contexto empresarial, bem como em nossa busca por pressupostos teóricos sobre o ensino de inglês para fins específicos, notamos a importância de conhecermos as necessidades e os interesses de nosso público-alvo, constatando a relevância da análise de necessidades como instrumento essencial para o planejamento de um curso de inglês mais adequado aos propósitos específicos de um grupo de aprendizes.

Apontando para a mesma direção, verificamos que, alguns autores, como Augusto e outros (no prelo), Braine (2001), Dudley-Evans e St John (1998) e Hutchinson e Waters (1984, 1987), já indicavam o importante papel que a avaliação de necessidades tem no desenvolvimento de cursos de inglês voltados a atender os objetivos específicos de aprendizes. Além disso, Hutchinson e Waters (1987), especificamente, afirmam que necessidades e interesses são diferentes e podem coincidir ou não.

Percebido as diferenças entre os cursos de inglês ministrados em duas empresas, um no qual uma análise de necessidades é realizada e outro em que essa avaliação é desconhecida, optamos por investigar esses dois cursos, comparando-os a fim de avaliar qual

² Tradução nossa: *Studies around the world, (...) all confirm that English is an intrinsic part of communication in multinational settings and a fact of life for many business people.*

o tratamento dado às especificidades de uso da língua no desempenho das funções dos funcionários-alunos em suas rotinas de trabalho. Dispusemo-nos também a analisar em que medida o material didático utilizado nos cursos dessas empresas atende às necessidades e aos interesses desses funcionários bem como se essas necessidades e interesses coincidem ou diferem haja vista o que apontam Hutchinson e Waters (1987).

Objetivos

Temos como objetivo investigar os cursos de inglês de duas empresas, comparando-os com a finalidade de avaliar qual o tratamento dado às especificidades de uso da língua no desempenho das funções dos alunos (funcionários) em suas rotinas de trabalho. Avaliamos, também, em que medida o material utilizado atende às necessidades e aos interesses desses aprendizes e se suas necessidades e interesses coincidem ou não.

Visamos a comparar os dois cursos de inglês nos contextos mencionados acima tendo em vista a relevância de se realizar uma análise de necessidades prévia ao início de cursos de inglês para propósitos específicos, bem como processual no desenvolvimento do curso, e a importância da conscientização dos alunos funcionários de empresas em relação às suas necessidades sobre a língua inglesa na execução de seu trabalho, conforme discutido por Augusto-Navarro e outros (no prelo), assim como a necessidade de se relacionar essas necessidades, o planejamento do curso e o material didático.

Perguntas de pesquisa

Interessa-nos, assim, observar e analisar a relação estabelecida entre a análise de necessidades e de interesses com o planejamento dos cursos e a adoção ou desenvolvimento de material didático. Para tal, desenvolvemos quatro perguntas norteadoras deste trabalho:

- 1) Em que medida os coordenadores dos cursos de inglês das empresas por nós investigadas sabem explicar as necessidades dessas empresas?
- 2) Em que medida os funcionários das empresas I e II estão conscientes de suas necessidades lingüísticas em LE para seu melhor desempenho profissional?
- 3) Em que pontos as necessidades e interesses dos funcionários-alunos tanto da empresa I quanto da empresa II:
 - a) coincidem?
 - b) diferem?
- 4) Qual a relação do material didático adotado nos cursos das empresas I e II com as necessidades e aos interesses apontados pelos funcionários-alunos?

Em seguida, descrevemos a organização deste trabalho.

No primeiro capítulo, trazemos resenhas sobre as principais teorias que embasam esta investigação: Inglês para Propósitos Específicos – IPE, análise de necessidades, Inglês para Propósitos de Negócios.

O segundo capítulo apresenta a metodologia desta pesquisa, explicitando a sua natureza, seu contexto, seus participantes e seus instrumentos.

No terceiro capítulo tratamos da análise dos dados, discutindo respostas às entrevistas, aos questionários e as amostras do material adotado nos dois cursos.

Nas considerações finais, apresentamos uma reflexão sobre teoria e prática retomando as especificidades de cada curso decorrentes dos dados e oferecemos sugestões de

encaminhamentos e pesquisas futuras. Além disso, discorreremos sobre as contribuições e limitações deste trabalho.

Capítulo 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentaremos ao longo deste capítulo algumas discussões a respeito de IPE (Inglês para Propósitos Específicos) por tratar da questão central deste estudo; IPN (Inglês para Propósitos de Negócios) por tratarmos do ensino de inglês em contexto empresarial e análise de necessidades por ser o cerne do ensino de inglês para propósitos específicos.

1.1 Breve Histórico sobre Inglês para Propósitos Específicos (IPE)

Como mencionamos anteriormente, em discussão sobre o histórico do surgimento do IPE, Hutchinson e Waters (1987) informam que com o final da Segunda Guerra Mundial iniciou-se, internacionalmente, uma era de enorme expansão científica, tecnológica e econômica. Essa expansão deu origem a um mundo dominado por duas forças - a tecnologia e o comércio - necessitando de uma língua internacional. Por várias razões, principalmente pelo poder econômico dos Estados Unidos, o inglês adquiriu este papel de língua internacional.

Uma grande quantidade de pessoas começou a aprender inglês não por prazer ou prestígio, mas porque essa língua era a chave para as tendências tecnológicas e comerciais. Diferentemente do que acontecia anteriormente, o inglês era procurado por uma nova geração de pessoas que sabiam especificamente porque estavam aprendendo essa língua, haja vista homens de negócios que precisavam vender seus produtos, mecânicos os quais precisavam ler manuais de instrução, médicos que precisavam ficar a par dos desenvolvimentos de sua área, além de estudantes cujo curso incluía livros e revistas acadêmicas somente em inglês.

Todo esse desenvolvimento comercial e tecnológico logo começou a pressionar os profissionais do ensino de línguas a produzirem cursos desenvolvidos com objetivos claramente definidos. O inglês passava a fazer parte dos desejos e necessidades de pessoas que não professores de língua.

Conforme Hutchinson e Waters (1987), ao mesmo tempo em que a demanda por cursos de inglês planejados para necessidades específicas crescia, novas idéias surgiam no estudo de língua. Tradicionalmente, o objetivo da lingüística era descrever as regras do uso da língua. Todavia, os novos estudos passaram a descobrir formas nas quais a língua é usada na comunicação real. Uma das descobertas desses estudos foi a de que a língua que falamos e escrevemos varia consideravelmente de um contexto para outro. Essas idéias harmonizaram muito bem com o desenvolvimento de cursos de inglês para grupos específicos de aprendizes. A idéia era simples: se a língua varia de uma situação de uso para outra, seria possível determinar as características de situações específicas e então fazer dessas características a base do curso dos aprendizes. Resumindo, o inglês necessitado por um grupo particular de aprendizes poderia ser identificado por meio da análise das características lingüísticas da área de estudo ou trabalho desse grupo.

Novos desenvolvimentos na psicologia educacional também trouxeram contribuições para o IPE. Os aprendizes passaram a ser vistos como tendo diferentes necessidades e interesses os quais poderiam ter uma importante influência na motivação para aprender além da eficácia na aprendizagem desses alunos. A suposição que sustentava essa metodologia era a de que a clara relevância de um curso de inglês voltado para as necessidades dos aprendizes melhoraria a motivação destes, tornando o aprendizado melhor e mais rápido.

O crescimento do IPE veio à tona por uma combinação de três fatores: a expansão da demanda por inglês que suprisse necessidades específicas e os desenvolvimentos

nas áreas da lingüística e da psicologia educacional (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 8).

De acordo com Johns e Dudley-Evans (1991), através da história do IPE, seus profissionais têm se preocupado com as necessidades dos aprendizes, com a identificação dos desejos e propósitos do aprendiz como elementos obrigatórios e essenciais na confecção de materiais.

Segundo Widdowson (1998), o termo *English for Specific Purposes* (Inglês para Propósitos Específicos) pressupõe que é um inglês próprio da gama de princípios e procedimentos os quais definem uma profissão particular. Dessa forma, temos um inglês que é específico, associado a um tipo de atividade institucional a qual é também concebida enquanto específica. Ainda de acordo com esse autor, o inglês para propósitos específicos é que traz em seu cerne um propósito comunicativo. Ele afirma que esse reconhecimento levou ao desenvolvimento de princípios gerais sobre o ensino de uma língua comunicativa no início dos anos 70.

A despeito do caráter comunicativo de IPE, já nos anos 70, para Hutchinson e Waters (1984), o planejamento de um curso de IPE tradicional tem duas desvantagens principais: primeiramente, o desenvolvimento da capacidade de se comunicar do aprendiz é negligenciado e, segundo existe uma falha ao analisar e levar em consideração as realidades da situação de aprendizagem do IPE. Segundo esses autores, para a metodologia clássica do IPE, o aprendiz precisa estudar a sua especialidade em inglês para que se sinta mais motivado. Seria aconselhável que o problema, a seleção do que e como ser ensinado fosse comunicado aos estudantes e juntamente com eles se procurasse a melhor maneira de satisfazer todas as partes envolvidas não só o professor e os aprendizes, mas também, a universidade, o sistema educacional e a sociedade em geral.

1.2 O “Instrumental” no Brasil

A metodologia de ensino de IPE surgiu no Brasil na década de 70, primeiramente com trabalhos na área do francês. No fim dessa década, a língua inglesa começou a despertar para essa área e teve início em 1978 um projeto de ensino de inglês para fins específicos nas universidades brasileiras (AUGUSTO, 1997; CELANI, 1998; CELANI E HOLMES, 2006; RAMOS, 2005).

Diversos fatores contribuíram para a criação de um centro de excelência em IPE que oferecesse conselhos, recursos e educação de professores nas universidades brasileiras (CELANI E OUTROS 1984, apud AUGUSTO 1997; RAMOS 2005). O primeiro desses fatores era o grande número de professores que estavam cursando mestrado em Linguística Aplicada e que demonstraram forte interesse por IPE já que não se sentiam confiantes para oferecerem cursos especializados de inglês aos departamentos de suas universidades. Um segundo fator era a forma como o ensino de IPE era considerado pela maioria dos professores de inglês: uma atividade menos nobre. Um terceiro fator foi a pressão que os departamentos de inglês começaram a sofrer para que oferecessem cursos especializados dessa língua.

Segundo Celani (1998), o projeto nacional de IPE objetivava melhorar o uso do inglês de pesquisadores brasileiros, professores da área de ciências e técnicos, principalmente, em relação à leitura especializada e técnica. Ainda de acordo com essa autora, o projeto priorizou algumas áreas tais como: a preparação de materiais, a fundação desse centro nacional de recursos, o desenvolvimento de pesquisa e a educação de professores.

Uma análise de necessidades foi realizada em algumas universidades brasileiras e constatou-se que os alunos necessitavam da leitura de literatura especializada. Decidiu-se focalizar essa habilidade por ter sido a única identificada.

Conforme Ramos (2005, p.15), para que os professores aprendessem a ensinar a compreensão escrita, criou-se uma metodologia de ensino de leitura no país. “Essa

metodologia enfatizava o uso de textos autênticos, o aprendizado de estratégias de leitura e buscava fazer com que os alunos pudessem lidar rapidamente com textos escritos em inglês, já que os cursos eram de curta duração (um a dois semestres letivos)”.

Celani (1998) afirma que se percebeu a necessidade de mudanças na prática dos professores participantes do projeto. Esses professores tinham uma característica comum: eram todos professores de inglês para fins gerais.

Essa metodologia contribuiu para o ensino de leitura por meio do uso de estratégias de leitura, conscientização no processo envolvido nessa atividade entre outros. Capacitou também o professor a elaborar seus próprios materiais ou seu próprio curso sem ter que usar um livro didático.

Parece-nos que, devido ao foco no ensino somente da leitura, o IPE ficou conhecido no Brasil como ensino de inglês instrumental e se criou o mito de que esse ensino está relacionado somente a essa habilidade. Entretanto, denominam-se instrumental um curso planejado para atender a fins e a necessidades específicos de um aluno ou grupo de alunos.

Para Ramos (2005), os termos inglês instrumental e Inglês para Propósitos Específicos “querem dizer a mesma coisa”. No entanto, instrumental é um termo não muito compreendido pelas pessoas. Além disso, aqueles que o conhecem já têm em mente um curso de inglês voltado para o ensino de leitura. Por isso, acreditamos que o termo Inglês para Fins/Propósitos Específicos é mais claro e define melhor o que um curso que utiliza essa metodologia propõe.

1.3 Considerações Gerais sobre IPE

Conforme Dudley-Evans e St John (1998), o IPE se preocupa principalmente, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, com a análise de necessidades, a análise de texto e a preparação de aprendizes para se comunicarem eficazmente nas tarefas que realizam em suas situações de estudo ou trabalho. Cabe salientar que essa análise de texto consiste na avaliação de textos das áreas de estudo ou trabalho dos aprendizes de IPE com o objetivo de analisar a linguagem especificamente utilizada nesses textos. Com isso, os professores de IPE podem desenvolver seus cursos de Inglês para Propósitos Específicos guiados tanto pela análise de necessidades quanto pelo material utilizado por esses aprendizes. Talvez seja essa uma das razões pela qual se criou o mito de que IPE é um curso para o ensino de uma única habilidade – a leitura – já que seu planejamento é pautado também na análise e uso de textos.

Segundo Hutchinson e Waters (1984), o objetivo de um curso de IPE deveria ser fornecer ao aprendiz a capacidade de manter a comunicação no contexto em que deseja utilizar a língua. Além disso, o material do curso deveria ser escolhido baseado no quanto ele poderia ajudar a desenvolver a competência do aprendiz. É necessária, então, uma interpretação dos tipos de discurso do contexto desejado para descobrir que competência é exigida para lidar com eles. Essa competência deveria formar a base do curso de IPE.

Esses estudiosos resumem essa discussão argumentando que apesar da análise do contexto-alvo nos guiar ao decidirmos o que ensinar; como ensinar e que materiais utilizar, esses aspectos devem ser deliberados a partir das restrições e do potencial da situação de ensino-aprendizagem.

Para Dudley-Evans e St John, o ensino de IPE se baseia em uma metodologia que difere daquela utilizada no ensino de Inglês para Propósitos Gerais. Esses autores consideram, enquanto metodologia, a natureza da interação entre o professor de IPE e seus aprendizes. O professor às vezes se torna um consultor de língua, obtendo um *status* igual ao dos aprendizes os quais possuem sua própria especialidade no assunto que embasa o curso.

Conforme Johns e Price-Machado (2001), Inglês para Propósitos Específicos (IPE) é um movimento baseado na suposição de que todo ensino de língua deveria ser feito sob medida para as necessidades de uso da língua e aprendizagem específicas de grupos de alunos. Além disso, esse ensino deve ser sensível aos contextos sócio-culturais nos quais esses alunos usarão o inglês. Para as autoras, essa é uma das virtudes do IPE.

Assim como Johns e Price-Machado, Hutchinson e Waters (1987) descrevem o ensino de IPE como uma metodologia de ensino de língua que tem como finalidade atender às necessidades dos aprendizes. Além disso, para eles, grande parte do trabalho realizado pelos professores de IPE está associado ao planejamento de cursos para diferentes grupos de aprendizes.

Flowerdew e Peacock (2001), em seu artigo *The EAP curriculum: Issues, Methods, and Challenges*”, discutem as questões envolvidas no ensino de Inglês para Propósitos Acadêmicos (IPA). Segundo os autores, o ensino e a aprendizagem de IPA possui seus próprios desafios, problemas, oportunidades, falhas e sucessos. Além disso, aqueles que desenvolvem um curso e um currículo têm que aceitar e atender a esses desafios e oportunidades. Flowerdew e Peacock acrescentam que um passo vital no processo de planejamento de um curso de IPA é produzir uma descrição ampla das necessidades e desejos do estudante de inglês para fins acadêmicos; outro é descrever detalhadamente a natureza do processo de ensino e aprendizagem de IPA; um terceiro passo é aceitar que as metodologias e abordagens válidas em outra área de Inglês como Segunda Língua (ISL) não são necessariamente as mais apropriadas para o IPA.

Corroboramos os achados desses autores, bem como acreditamos que suas ponderações são relevantes para nossa discussão sobre IPE, em razão do ensino de Inglês para Propósitos Acadêmicos fazer parte da metodologia de ensino de inglês para fins específicos.

Segundo Johns (1991, p. 72), a maior contribuição do IPE para o ensino de língua tem sido seu apelo à relevância da realização de análises cuidadosas e amplas de necessidades e tarefas para o desenvolvimento do currículo de um curso. Os profissionais de IPE sustentam que devemos constantemente desenvolver novas técnicas para que examinemos as tarefas que estudantes desempenham em inglês a fim de que entendamos as situações – alvo nas quais eles operam, bem como para determinar as estratégias de aprendizagem do aprendiz.

A autora afirma que em vista da crença dos profissionais de IPE em análises cuidadosas e amplas, eles freqüentemente discordam daqueles que fazem parte da comunidade de ensino de IPG e que desenvolvem e publicam materiais os quais são muito amplos e inapropriados para qualquer grupo de aprendizes, além de currículos que são desenvolvidos sem serem embasados em uma avaliação cuidadosa da língua, tarefas e cultura da situação-alvo.

Ainda conforme Johns (1991), a segunda maior contribuição do IPE é o seu trabalho com o desenvolvimento do programa ou currículo de um curso. Ela ressalta que grande parte do trabalho criativo em desenvolvimento de materiais para o ensino de Inglês como segunda língua ou como língua estrangeira (ISL/ILE) teve origem com os profissionais de IPE, os quais estão preocupados com atividades e discurso para populações específicas. Essa metodologia sobre organização de currículos influenciou muito do ensino de língua e representa uma grande mudança de paradigma de materiais em que elementos gramaticais eram o foco.

Por fim, Johns apresenta como a terceira contribuição do IPE a questão da autenticidade, questão essa intimamente ligada a decisões sobre avaliação de necessidades e planejamento de currículo. Para o profissional de IPE não se deveria simplificar o discurso real para propósitos pedagógicos. Esse profissional sustenta que textos orais e escritos

autênticos e não-modificados devem ser fornecidos para alunos de qualquer nível de proficiência. Segundo essa autora ao enfatizar o processo de aprendizagem, surgiu uma nova definição de autenticidade a qual considera a autenticidade das estratégias e atividades em vez de autenticidade do discurso. Essa nova visão de autenticidade considera importante o uso de atividades e estratégias que contribuam para o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, além de um discurso autêntico o aprendiz também precisa de atividades que estimulem a aprendizagem da língua-alvo.

1.3.1 Os papéis desempenhados pelo profissional de IPE

Conforme Dudley - Evans e St John (1998), o profissional de IPE teria cinco papéis principais: professor; planejador de cursos e fornecedor de materiais; colaborador; pesquisador; avaliador.

Para Hutchinson e Waters (1987), professores de IPE têm que se esforçar para dominar a linguagem e o assunto específicos que estão além de seus domínios. Professores os quais foram treinados para o ensino de IPG ou literatura se depara com o ensino de textos cujo conteúdo eles conhecem pouco ou até mesmo desconhecem.

Carver (1983) e Strevens (1988), citados por Flowerdew e Peacock (2001), descreveram as qualidades que professores de Inglês para Propósitos Acadêmicos deveriam possuir para que um curso de IPA seja bem sucedido. Segundo esses autores, os professores deveriam estar dispostos a ajustarem os materiais e atividades de ensino às necessidades dos estudantes; a se familiarizarem com a linguagem da área de estudo dos alunos e se interessar e adquirir o conhecimento do mundo dos aprendizes.

Como já salientamos, as discussões a respeito do ensino de Inglês para Propósitos Acadêmicos cabem aqui, uma vez que este está inserido na área de ensino de IPE.

Sullivan e Girgener (2002) afirmam que professores de inglês sem experiência (novatos) no ensino de IPE, por não estarem, de alguma forma, familiarizados com as necessidades específicas de seus alunos, freqüentemente, buscam por materiais tanto didáticos quanto profissionais. As autoras sugerem que eles também entrevistem ou observem seu público-alvo trabalhando. Elas ressaltam que entrevistas, observação e exame dos materiais escritos representam procedimentos comuns de análise de necessidades que foram sistematizados já nos anos 70. Além disso, Sullivan e Girgener vêem a coleta de dados autênticos como crucial para a análise de necessidades de um curso de IPE já que esses dados podem proporcionar uma visão mais interna daquilo que não está evidente para o professor de inglês para fins específicos, para os alunos, ou talvez até mesmo para os próprios profissionais.

De acordo com Dudley-Evans e St John, o IPE utiliza uma metodologia de ensino que não difere radicalmente da metodologia do Inglês para Propósitos Gerais, porém há uma diferença básica que afeta essa metodologia e se torna mais visível quando o ensino é mais específico: o professor não é quem detém o conhecimento primário do conteúdo profissional do material. Os alunos podem, em muitos casos, saber mais sobre o conteúdo do que o professor. Isso ocorre certamente nos cursos especificamente orientados para o conteúdo da área de estudo ou trabalho desses alunos.

Segundo Hutchinson e Waters (1987), para haver comunicação significativa na sala de aula, é essencial que haja um interesse e conhecimento comuns entre o professor e o aprendiz. Isso implica que o professor de IPE deve conhecer, até certo ponto, o assunto dos materiais de IPE. No entanto, ao se embasar em uma abordagem de ensino centrada na aprendizagem, isso não é visto como um movimento unilateral com o professor tendo que aprender um assunto muito específico.

Dudley-Evans e St John (1998) discutem que, comumente, o professor de IPE precisará de um entendimento razoável do assunto, exercendo o papel de organizador da sala de aula. Ele tem objetivos claros para a aula e um bom entendimento do conteúdo profissional do material de ensino. Todavia, quando se ensina em um curso mais específico, é essencial que o professor adote a postura de um consultor que negocia com seus alunos a melhor maneira de explorar o conteúdo para que seus objetivos sejam alcançados.

Conforme Hutchinson e Waters (1987), o professor de IPE deve exercer também o papel de negociador. Afinal, esses professores podem, por exemplo, ter que trabalhar em cooperação com patrocinadores (*sponsors*) ou especialistas os quais são responsáveis pelo trabalho ou estudo dos aprendizes fora da sala de aula de IPE. Nessa área de ensino, é importante que o professor estabeleça claras diretrizes sobre os papéis e responsabilidades que tanto ele quanto os especialistas exercem. Para esses autores, o papel dos professores de IPE aqui é o de adaptabilidade e flexibilidade.

Dudley-Evans e St John afirmam que profissionais de IPE freqüentemente planejam o curso que ensinam e fornecem materiais para esse ensino. É raramente possível usar um livro sem a necessidade de material complementar e às vezes não existem materiais publicados que atendam a certas necessidades identificadas. O papel dos professores enquanto fornecedores de material envolve a escolha de material publicado adequado, a adaptação de material quando o publicado não é adequado ou até mesmo a confecção de um material quando nada adequado existe. Professores de IPE também precisam avaliar a eficácia do material utilizado no curso, seja ele encontrado no mercado ou auto-produzido. Para esses autores, o papel de planejador de cursos e fornecedor de materiais descrito aqui parece um papel difícil e exigente para alguém novo em IPE. Porém, eles acreditam que essas exigências é que tornam o ensino de IPE interessante.

Nesse sentido, conforme demonstram Augusto-Navarro e outros (no prelo), a constante análise de necessidades e interesses e a reflexão contínua sobre a eficácia de um curso de IPE em desenvolvimento e dos materiais didáticos nele utilizados tornam-se fundamentais para um trabalho adequado e coerente com o que há de específico em cada contexto.

Apesar de existirem poucas pesquisas na área de Inglês para Propósitos de Negócios (IPN), há um interesse crescente na investigação dos gêneros, linguagem e habilidades envolvidas na comunicação dessa área (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 1998, p. 15).

Conforme esses mesmos autores, os professores de IPE têm que estar conscientes e em contato com essas pesquisas. Os profissionais que estão realizando uma análise de necessidades, planejando um curso ou escrevendo materiais, precisam estar aptos a incorporar os resultados desses estudos. Para os autores, quando se trabalha com um assunto específico, seja acadêmico ou de trabalho, ele é mais bem abordado por meio da colaboração entre professores de IPE e especialistas do assunto trabalhado.

Tanto Hutchinson e Waters (1987) quanto Dudley-Evans e St John ressaltam que o profissional de IPE está freqüentemente envolvido em vários tipos de avaliação, incluindo os testes feitos por alunos e a avaliação de cursos e materiais. Aplicam-se testes para avaliar se os alunos têm o nível de língua e as habilidades necessárias para participarem de um curso acadêmico ou profissional para fins específicos. O professor de IPE também precisa aplicar testes que avaliem o quanto os aprendizes aproveitaram de um curso.

Conforme Dudley-Evans e St John (1998), a avaliação do planejamento de um curso deveria ser feita enquanto o curso está sendo desenvolvido, no final do curso e após o curso ter sido encerrado.

Além disso, segundo esses estudiosos, a avaliação por meio da discussão e a análise de necessidades contínua podem também ser usadas na adaptação do currículo de um

curso. Em diversas situações a avaliação forma a base da negociação com alunos sobre seus sentimentos a respeito do curso, suas necessidades e prioridades, os quais serão adicionados no próximo estágio do curso.

Concordamos com os pesquisadores previamente citados, que um professor de Inglês para propósitos Específicos deve estar sempre atento às necessidades e aos interesses de seu público-alvo para então planejar o curso que oferecerá aos seus alunos, selecionar e/ou confeccionar um material didático que atendam aos propósitos de seus aprendizes. Acrescentamos que a avaliação do desenvolvimento do curso e dos alunos também é relevante para o aperfeiçoamento do trabalho do profissional ou da equipe responsável por um curso de IPE. Lembramos que, para que isso ocorra, é necessária a realização de uma análise de necessidades processual e contínua, como salientam Augusto e outros (no prelo).

1.4 Inglês para Propósitos de Negócios

Trataremos nesta seção do Inglês para Propósitos de Negócios, haja vista que em um curso de uma das empresas investigadas nesta pesquisa há o ensino desse tipo de inglês, já que alguns de seus funcionários precisam utilizá-lo na realização de suas tarefas de trabalho.

Dudley-Evans e St John (1998, p. 53) definem Inglês para Propósitos de Negócios (IPN) como a área de maior atividade e crescimento em IPE. Conforme esses autores, essa área teria crescido enormemente nos últimos tempos, em vista da grande expansão dos negócios internacionais. Juntamente com IPE, o maior setor de materiais publicados é o de inglês para negócios, além disso, existe um crescente interesse de professores, editoras e empresas nessa área.

Harris e Bargiela-Chiappini (2003) afirmam que se tem argumentado que a linguagem de negócios é um campo de estudo relativamente novo e está emergindo de maneira variada tanto interdisciplinarmente quanto metodologicamente. Para as autoras, há um desafio em questionar não somente o valor, mas até mesmo a existência de uma variedade ensinável e universalmente relevante do inglês de negócios para ser utilizado em contextos pluriculturais. Elas acrescentam que o grande crescimento no uso do computador e outras tecnologias na comunicação dentro e fora das empresas significa que a comunicação por meio de novas mídias na área de negócios tem um papel significativo em pesquisas recentes.

Nickerson (2005) descreve duas mudanças nas tendências das pesquisas sobre IPN. Primeiramente, analisavam-se a linguagem usada em textos escritos ou discursos isolados e passaram a investigar gêneros comunicativos contextualizados. Segundo, passou-se a se preocupar mais com a identificação de estratégias de linguagem, como por exemplo, a preocupação com a identificação dessas estratégias que podem ser associadas à comunicação eficiente nos negócios, independente de o falante/escritor ser um falante nativo ou não.

Ocupando-se mais especificamente do ensino de IPN no Brasil, Heberle e Salm (2002) discutem que pesquisas realizadas neste país demonstraram que cursos de inglês para negócios surgiram devido a uma grande demanda de instituições públicas e privadas.

Dudley-Evans e St John (1998) distinguem o ensino de Inglês para Propósitos Gerais de Negócios (IPGN) e Inglês para Propósitos Específicos de Negócios (IPEN). Cursos de IPGN são geralmente para aprendizes sem experiência ou no início de suas carreiras. Esses cursos são similares aos cursos de ILE e utilizam materiais focados em contextos de negócios. Muitos aprendizes freqüentam esses cursos em uma escola de línguas e os grupos são formados com base no nível de língua e não no nível de experiência profissional de seus aprendizes.

Além disso, os livros publicados são designados principalmente para o uso em cursos extensivos os quais têm uma aula ou duas por semana por um longo período de tempo. A maioria das unidades trabalha com as quatro habilidades, com uma gramática específica e o desenvolvimento de vocabulário.

Cursos de IPEN são freqüentados por aprendizes com experiência no seu trabalho, os quais trazem conhecimento e habilidades da área de negócios para a situação de aprendizagem. Esses cursos são cuidadosamente feitos sob medida e focam uma ou duas habilidades da língua e eventos comunicativos específicos da área de negócios. Os materiais freqüentemente incluem seleções de uma gama de livros, materiais – modelo e principalmente atividades escritas originárias provavelmente do próprio contexto de trabalho dos aprendizes. Os cursos são geralmente intensivos, os grupos são pequenos e os funcionários de alto escalão podem optar por cursos individuais.

1.4.1 Professores de Inglês para Negócios

Conforme Dudley-Evans e St John (1998, p. 59), personalidade, conhecimento e experiência são importantes para o professor de inglês para negócios. Além disso, professores bem-sucedidos de inglês para negócios têm a flexibilidade e a adaptabilidade de qualquer professor de IPE.

Muitos professores de IPE não têm conhecimento e nem experiência no conteúdo e contexto dos negócios. Um professor de inglês para negócios, como ponderam os autores acima citados, não precisa ser uma pessoa de negócios, mas sim entender a interface entre os princípios dos negócios e a sua linguagem. Esses professores têm que ler, às vezes observar as pessoas trabalhando, e até mesmo participar de cursos e conferências da área específica de atuação de seus alunos.

Ao investigarem o uso de materiais didáticos de inglês para negócios no Brasil, Heberle e Salm (2002) observaram algumas questões sobre a avaliação desses materiais por professores brasileiros. Primeiramente, muitos professores de inglês são recrutados para ensinarem IPN utilizando livros de turmas que têm objetivos diferentes daquelas dos aprendizes de inglês da área de negócios ou impostos pelas instituições. Outra questão é a falta de informação prática relacionada a materiais de inglês para negócios.

Entendemos que é necessário que o professor exerça aqui o papel de investigador, buscando até mesmo em outras pesquisas informações que o ajudem no entendimento do conteúdo e contexto específicos do cenário em que está ensinando. Além disso, professores de IPE enquanto avaliadores e/ou fornecedores de MD devem optar por materiais que sejam adequados às necessidades e aos interesses de seu público-alvo.

1.5 A Análise de Necessidades

Conforme Dudley – Evans e St John, a análise de necessidades é o alicerce do IPE e sua utilização proporciona a criação de um curso bem direcionado aos seus propósitos específicos. Segundo esses autores, com o ensino de IPE, a definição de necessidades e análise de necessidades foi ampliada devido à experiência e pesquisa. Nos anos 60 e início dos anos 70, professores de língua e literatura tiveram que ensinar inglês a estudantes da área de ciências para apoiar estudos em áreas específicas. Os professores de língua conheciam muito pouco sobre o funcionamento dessas áreas e concomitantemente sobre a linguagem da ciência e tecnologia.

Hutchinson e Waters (1987) identificaram a fase da análise de necessidades como a chegada da maturidade em IPE, porque Johns e Dudley-Evans (1991), ao definirem as

necessidades dos aprendizes como os elementos identificáveis das situações-alvo do inglês, identificaram o que parece ser a base óbvia para o planejamento de cursos de IPE. Esses estudiosos afirmam que qualquer planejamento de curso deveria ser baseado na análise de necessidades do aprendiz. Para esses autores, a unidade mais básica da metodologia de ensino de IPE seria a análise de necessidades, haja vista que esta é a consciência de uma situação-alvo – uma necessidade definível para se comunicar em inglês – e é esse aspecto que distingue o aprendiz de IPE de um aprendiz de IPG. Os autores acrescentam que se pode chamar de análise de necessidades o tipo de necessidade determinado pelas exigências da situação-alvo, ou seja, o que o aprendiz tem que saber para atuar eficazmente na situação-alvo. Além disso, ressaltam que é uma questão de observar em quais situações o aprendiz precisará atuar e então analisar as partes que as constituem.

Flowerdew e Peacock (2001) discutem que há um consenso de que a análise de necessidades, a qual é definida como a coleta e aplicação de informações sobre as necessidades dos aprendizes, é uma característica que define o IPE. De acordo com esses autores, a análise de necessidades é o ponto de partida necessário para desenvolver o conteúdo, as tarefas e os materiais, bem como tem a preocupação de afinar o currículo às necessidades específicas do aprendiz. Eles afirmam ainda que independente da metodologia utilizada para definir as necessidades do aprendiz, os alunos precisam fazer parte do processo de planejamento de um curso de IPE e os professores deveriam se assegurar de que esses aprendizes têm uma visão geral dos objetivos do curso e de cada lição. Isso encoraja a participação do aluno no processo de aprendizagem e reduz a possibilidade de uma frustração.

De acordo com Braine (2001), o projeto de currículos de língua inglesa sem alguma consideração das necessidades dos aprendizes é quase impensável hoje.

Segundo Nunan (1999, p. 49), citado por Vian Jr (2002), a análise de necessidades é definida como o conjunto de ferramentas, técnicas e procedimentos para se

determinar o conteúdo lingüístico e o processo de aprendizagem para grupos de aprendizes específicos.

Conforme Johns e Price-Machado (2001), em todo curso genuíno de IPE, a avaliação de necessidades é obrigatória e, em muitos programas, a análise processual (AUGUSTO E OUTROS, no prelo; FLOWERDEW; PEACOCK, 2001) de necessidades é essencial ao desenvolvimento e avaliação de um currículo.

Quando Munby (1978), citado por Dudley – Evans e St John, (1998) publicou *Communicative Syllabus Design* a área de ensino de língua inglesa havia começado a reconhecer que função e situação eram também fundamentais. Munby forneceu listas detalhadas sobre microfunções e seu processador de necessidades comunicativas. De acordo com Dudley – Evans e St John, Munby não escreveu sobre como priorizar estes aspectos nem considerou qualquer fator afetivo que nos dias de hoje reconhecemos ser tão importantes quanto os demais aspectos.

Segundo Dudley – Evans e St John (1998), atualmente, professores e “treinadores”³ que se propõem a determinar as necessidades de aprendizes, começam a fazê-lo a partir de uma base diferente e mais ampla. Antes de eles procurarem alunos e clientes, eles podem procurar por análise de necessidades utilizadas previamente, materiais disponíveis e resultados de pesquisas. Os autores afirmam que esses profissionais não são só capazes de fazer essa pesquisa como também acreditam que eles devem fazê-la. De acordo com esses autores, necessidades objetivas são derivadas por estranhos a partir de fatos, do que é conhecido e pode ser verificado, enquanto necessidades subjetivas são derivadas pelas próprias pessoas e correspondem a fatores cognitivos e afetivos. Ser capaz de seguir instruções precisamente é uma necessidade objetiva, já se sentir confiante é uma necessidade subjetiva. Similarmente, necessidades orientadas para um produto derivam de uma situação-

³ Os autores utilizam a palavra *trainers* para descrever profissionais que orientam a prática pedagógica de professores.

alvo e necessidades orientadas para um processo derivam da situação de aprendizagem. Esses pares podem ser vistos como correspondentes à análise da situação-alvo e análise da situação de aprendizagem. Uma terceira peça do quebra-cabeça, de acordo com esses autores, é o que os aprendizes já conhecem: análise da situação do presente a partir da qual podemos deduzir suas lacunas.

Conforme Hutchinson e Waters (1987), não basta identificar as necessidades dos aprendizes. Também é necessário que se saiba o que os aprendizes já sabem em relação à língua, assim podem-se decidir quais são as lacunas das necessidades desses aprendizes. Dessa forma, a proficiência-alvo precisa ser comparada à proficiência que os aprendizes já possuem.

Além da identificação das necessidades e das lacunas no conhecimento da língua-alvo, esses autores ressaltam a importância de se identificar os desejos dos aprendizes a respeito da língua-alvo. Hutchinson e Waters (1987) afirmam que tendo em mente a importância da motivação do aprendiz no processo de aprendizagem, os desejos dos aprendizes não podem ser ignorados. De acordo com esses autores, não é relevante utilizar a metodologia de ensino de IPE, a qual é fundamentada no princípio de envolvimento do aprendiz, e ignorar os desejos e opiniões do público-alvo.

Conforme discutido por Augusto-Navarro e outros é importante dizer claramente que necessidade é uma coisa e interesse (desejo) outra e que esses fatores podem estar combinados ou não na mente do aprendiz dependendo de cada caso particular.

Costa (2002) ao investigar os cursos de inglês oferecidos em duas empresas, observou que quando se determina a razão pela qual os alunos precisam de inglês, todo o trabalho envolvendo o conteúdo lingüístico e o material será influenciado positivamente, já que o ensino-aprendizagem será direcionado às metas de aprendizagem delineadas com base na identificação das necessidades dos aprendizes. A autora acrescenta que essas necessidades

estão relacionadas à conscientização dos envolvidos no desenvolvimento de um curso de IPE (aluno, contratante e professor), assim como à compatibilidade das mesmas com as situações reais em que o aluno fará uso do idioma aprendido.

Concordamos com a proposta de análise de necessidades de Dudley - Evans e St John (1998, p. 125), uma vez que, para esses autores, ela deve ser realizada abrangendo os seguintes aspectos:

A: informação profissional dos aprendizes: as tarefas e atividades nas quais os aprendizes utilizam ou irão utilizar a língua inglesa;

B: informação pessoal dos aprendizes: fatores que podem afetar a forma como eles aprendem tais como experiências de aprendizagem anteriores, informação cultural, razões para freqüentar o curso e expectativas a respeito dele, atitude em relação à língua inglesa;

C: informação sobre o uso que os aprendizes fazem da língua inglesa: em quais habilidades os aprendizes utilizam a língua;

D: o que precisa ser desenvolvido nos aprendizes: a diferença (*gap*) entre (C) e (A);

E: informação sobre o perfil do aprendiz com relação ao aprendizado de língua: formas eficazes de aprender as habilidades e a língua no (D);

F: informação sobre a comunicação profissional a respeito do item (A): conhecimento sobre como a língua e as habilidades são utilizadas na situação – alvo.

G: o que se quer do curso

H: informação sobre o ambiente no qual o curso será desenvolvido.

Conforme esses mesmos autores, o objetivo da análise de necessidades é conhecer os aprendizes enquanto pessoas, enquanto usuários e aprendizes da língua; para saber como a aprendizagem da língua e das habilidades pode ser maximizada para um determinado grupo de aprendizes; e finalmente conhecer as situações – alvo e o ambiente de aprendizagem a fim de que possamos interpretar os dados apropriadamente. Ainda de acordo

com Dudley – Evans e St John (1998), os resultados da análise de necessidades não são absolutos, mas sim relativos e não há um único conjunto de necessidades. Os resultados dependem de quem e o que se pergunta e como as respostas são interpretadas. Teoricamente, a análise de necessidades é o primeiro passo realizado antes do início de um curso para que o delineamento do curso, os materiais e outros recursos estejam prontos antes do ensino começar. Em uma situação em que o curso é repetido com um grande número de alunos bastante análise prévia pode ser possível e justificada.

1.5.1 O Papel da Análise de Necessidades no Ensino de Inglês para Negócios

Segundo Dudley-Evans e St John (1998), a análise de necessidades muitas vezes é mais fundamental para o inglês para negócios uma vez que as necessidades dos aprendizes podem ser muito mais variadas e a linguagem e as habilidades menos previsíveis.

É importante que essa análise seja conduzida para que aspectos lingüísticos e afetivos, entre outros, sejam levantados e assim o curso planejado sob medida.

Conforme St John (1996), a análise de necessidades visa a compreender os aprendizes e também os eventos de comunicação dos quais eles participam. Para a autora, analisar amostras de textos é parte do processo de análise de necessidades.

St John (1984), citada por St John (1996), afirma que com profissionais é também necessário estabelecer o que eles requerem de um curso e não somente suas necessidades de linguagem, pois as duas podem não ser idênticas.

Nesse sentido Hutchinson e Waters (1987) e Augusto e outros (no prelo) demonstram em seus estudos que as necessidades e os interesses dos aprendizes nem sempre

coincidem, por isso a importância de uma análise cuidadosa dessas necessidades e interesses antes e durante o desenvolvimento de um curso de IPE.

No entanto, de acordo com os achados de Acosta (1999), apesar da maioria dos alunos-funcionários de empresas terem motivos específicos para aprenderem inglês, muitas empresas utilizam cursos de inglês geral para ensinar esse idioma a aprendizes que necessitam de inglês para propósitos específicos. Essa autora ressalta que algumas empresas “optam por coordenar os programas de inglês internamente”, ou seja, o departamento de RH (Recursos Humanos) se responsabiliza pela contratação de escolas ou profissionais autônomos. Há ainda aquelas empresas que indicam várias escolas de idiomas para que o funcionário escolha o curso que deseja fazer.

Segundo Dudley-Evans e St John (1998, p. 58), o custo-efetividade é uma importante razão para se realizar uma análise meticulosa no desenvolvimento de um programa amplo de uma empresa o qual pode cobrir centenas de empregados durante alguns anos.

Há relatos de que em cursos extensivos de IPGN os professores alegam não ter tempo para realizarem uma análise de necessidades meticulosa, assim como afirmam que seus alunos estariam contentes com o livro utilizado, provavelmente contentes por ignorarem outras possibilidades.

Em vista disso, reiteramos a relevância de uma análise de necessidades cuidadosa afim de que os professores de IPE saibam com clareza as necessidades reais de seus alunos e adequem o MD a essas necessidades, assim como, na medida do possível, aos interesses dos aprendizes.

1.5.2 Como realizar a análise de necessidades

Conforme Dudley – Evans e St John (1998), as principais fontes para a realização da análise de necessidades são: os aprendizes; pessoas que trabalham ou estudam na área; ex-alunos; documentos relevantes para a área; clientes; empregadores; colegas; pesquisa sobre o ensino de IPE na área.

Hutchinson e Waters (1987) e Dudley-Evans e St John listam os principais métodos de coleta de dados para a análise de necessidades: questionários; análise de textos escritos e orais autênticos; discussões; entrevistas estruturadas; observações; avaliações.

Hutchinson e Waters ressaltam que é desejável que se utilize mais de um desses métodos já que a identificação de necessidades é um processo complexo. Além disso, é importante lembrar que a análise de necessidades deve ser um processo contínuo no qual as conclusões são constantemente checadas e reavaliadas. A importância de reiteradas e variadas formas de se proceder a análise de necessidades é também destacada por Augusto-Navarro entre outros (no prelo) ao relatarem e analisarem uma experiência de cinco anos desenvolvendo cursos de IPE para uma mesma empresa.

Passamos agora ao detalhamento de cada um desses métodos sob a visão de Dudley Evans e St John (1998), pois esses autores discorrem sobre cada um deles separadamente.

1.5.2.1 Questionários e Listas de checagem

De acordo com Dudley – Evans e St John, questionários são geralmente mais abrangentes do que listas de checagem e como são usados para obter informação quantitativa, eles precisam ser construídos cuidadosamente. *Listas de checagem* têm um escopo mais limitado e são mais usadas para obter informações qualitativas podendo determinar fatos e atitudes. Quando usadas em grandes quantidades, somente respostas objetivas podem ser analisadas restringindo a informação coletada. Todos os questionários devem ser pilotados

antes de serem muito utilizados e técnicas estatísticas devem ser utilizadas na análise dos resultados.

1.5.2.2 Entrevistas Estruturadas

Segundo Dudley – Evans e St John, entrevistas estruturadas são constituídas por questões cuidadosamente pensadas e selecionadas. Questões adicionais podem ser feitas para esclarecimento e mais detalhes. Deveria haver um tempo limitado para a entrevista e ser gravada para que o entrevistador possa realmente ouvir ao invés de anotar muita coisa.

1.5.2.3 Observação

Conforme Dudley – Evans e St John, para a análise de necessidades, a observação pode abranger uma gama de atividades desde assistir a uma tarefa específica sendo realizada até seguir (*shadow*) pessoas durante o trabalho. Os autores explicam que *shadow* alguém significa acompanhar tudo que ele faz por um período de tempo como um dia, vários dias consecutivos ou um dia por mês. Um bom trabalho de campo (*groundwork*) é uma parte crucial do processo assim como explicar o objetivo, dar garantias de confidencialidade, mostrar talvez resultados das observações prévias e assim ganhar a confiança das pessoas.

1.5.2.4 Análise de Textos Autênticos

Segundo Dudley – Evans e St John, analisar textos autênticos é um estágio crucial da análise de necessidades. Os textos podem ser documentos escritos ou gravações em áudio e vídeo de eventos tais como palestras, reuniões, conversas ao telefone, atividades de sala de aula. Assim como na observação, neste estágio a confidencialidade é uma questão importante; as pessoas podem desejar omitir informações tais como quantias e o nome de empresas. Textos autênticos têm um valor inestimável na aprendizagem sobre o conteúdo geral e profissional. Eles podem também formar a base dos materiais utilizados em sala de aula com três condições: o cliente ou a fonte ter permitido; fatos fictícios substituam os confidenciais; e qualquer coisa que possa identificar o autor deve ser retirada.

1.5.2.5 Avaliação

Dudley – Evans e St John afirmam que a avaliação inclui julgamentos formais e informais sobre o desempenho e o progresso dos alunos por meio de trabalho em sala de aula, trabalhos e testes. Nesse caso, os dados obtidos a partir da avaliação serão utilizados para o estabelecimento das necessidades e dos interesses desses alunos.

1.5.2.6 Discussões

As discussões são mais informais e podem ser planejadas, mas frequentemente são mais espontâneas. Conversar informalmente com os alunos enquanto tomam um café ou durante alguns minutos da aula pode promover intravisiões (*insight*) sobre como as atividades foram realizadas, o que foi mais benéfico, em que pontos as dificuldades surgiram, o que mais precisa ser suprido.

Como vimos, todos esses métodos podem ser utilizados para a coleta de informações sobre as necessidades e os interesses de um grupo específico de aprendizes. Entretanto, cada professor ou grupo de professores de IPE pode avaliar se esses métodos são adequados ao contexto-alvo ou não, bem como criar outros de acordo com seu público-alvo. Ressaltamos que muitas vezes são necessários diferentes métodos para que se obtenham informações claras sobre as necessidades e expectativas dos aprendizes e, então, se desenvolva um curso que as atenda.

1.6 Planejamento do Curso para Propósitos Específicos

Após a aplicação da análise de necessidades, é preciso que o planejamento do curso seja realizado. Segundo Dudley – Evans e St John (1998, p. 145), a análise de necessidades faz questões sobre as necessidades e interesses dos aprendizes, sobre as expectativas da instituição e sobre as características da atual situação de ensino. Para os autores, ao desenvolver o delineamento de um curso, há perguntas adicionais a serem feitas e questões a serem enfrentadas. Além disso, há um número de parâmetros que precisam ser investigados.

Eles sugerem os seguintes parâmetros a serem questionados:

- a) O curso deveria ser intensivo ou extensivo?
- b) O desempenho dos aprendizes deveria ser avaliado ou não?
- c) O curso deveria lidar com necessidades imediatas ou posteriores?
- d) O professor deveria ser aquele que fornece o conhecimento e as atividades ou aquele que é um facilitador das atividades provenientes dos interesses dos aprendizes?
- e) O curso deveria ter um foco amplo ou restrito?

- f) O curso deveria ser pré-estudo ou pré-experiência ou ser conduzido paralelamente ao estudo ou experiência?
- g) O material deveria ser geral ou específico aos estudos ou trabalho do aprendiz?
- h) O grupo de alunos deveria ser homogêneo ou heterogêneo?
- i) O planejamento do curso deveria ser feito pelo professor depois de consultar os aprendizes e a instituição ou deveria ser um processo de negociação com os aprendizes?

Conforme Hutchinson e Waters (1987), o planejamento de um curso envolve o uso de informações teóricas e empíricas disponíveis para produzir um currículo (*syllabus*), selecionar, adaptar e escrever materiais de acordo com esse currículo com o objetivo de desenvolver uma metodologia para o ensino com esses materiais e estabelecer procedimentos de avaliação pelos quais o progresso será medido.

Diferentemente de Dudley – Evans e St John (1998), Hutchinson e Waters descrevem três tipos de abordagem para o desenvolvimento de um curso de IPE: uma abordagem centrada no ensino da língua, uma abordagem centrada no ensino de habilidades e uma abordagem centrada na aprendizagem.

Segundo Hutchinson e Waters (1987), o processo de desenvolvimento de um curso centrado na língua objetiva estabelecer uma conexão entre a análise da situação-alvo e o conteúdo do curso de IPE. Para os autores, o apelo lógico e direto dessa abordagem é sua fraqueza.

De acordo com esses autores, a abordagem de ensino centrada nas habilidades tem sido muito utilizada em diversos países principalmente na América Latina. Isso ocorre porque alunos de universidades têm que ler textos de suas áreas em inglês, haja vista que não estão disponíveis em suas línguas maternas. Dessa forma, vários projetos de IPE foram criados com o objetivo específico de desenvolver a habilidade leitura. Reiteramos que o projeto brasileiro de IPE é um exemplo de cursos de inglês para fins específicos que tem

desenvolvido a leitura em inglês de estudantes e profissionais que têm essa necessidade (Augusto, 1997; Celani, 1998; Celani e Holmes, 2006; Ramos, 2005). Eles afirmam que a hipótese teórica básica dessa abordagem é que sustentando qualquer comportamento da língua estão certas habilidades e estratégias, as quais o aprendiz utiliza para produzir ou compreender um discurso.

Por fim, Hutchinson e Waters (1987) discutem a diferença entre uma abordagem centrada no aprendiz (*learner-centred approach*) e aquela centrada na aprendizagem (*learning-centred approach*). Conforme esses estudiosos, a primeira abordagem é embasada no princípio de que a aprendizagem é totalmente determinada pelo aprendiz. Contudo, no processo de aprendizagem há mais do que simplesmente o aprendiz a se considerar. Em razão disso, os autores defendem que um curso de IPE deve ser centrado na aprendizagem, uma vez que se preocupa em maximizá-la.

Avaliando essas três abordagens, corroboramos os autores quando defendem o ensino de IPE centrado na aprendizagem, já que essa abordagem engloba todos os elementos que fazem parte do processo de ensino e não apenas uma estratégia, habilidade ou somente o aprendiz. Ressaltamos que um curso de ensino de língua, principalmente para fins específicos, deve ser organizado com base em uma análise de necessidades cuidadosa com o propósito de se avaliar tudo que está envolvido no processo de ensino-aprendizagem de um contexto e público-alvo específicos.

Isso posto, passemos agora à descrição de cada um dos parâmetros a serem investigados no planejamento de um curso de IPE segundo Dudley-Evans e St John (1998). A nosso ver, essa descrição se faz necessária, pois é relevante que professores de IPE conheçam os aspectos constituintes de um curso que segue essa metodologia.

1.6.1 Curso Intensivo ou Extensivo

Conforme Dudley – Evans e St John (1998, p. 146 e 147), durante um curso intensivo de inglês para propósitos específicos, o tempo dos aprendizes está comprometido com o curso. Entretanto, um curso extensivo ocupa uma pequena parte da agenda de estudantes ou de profissionais. Eles afirmam que, freqüentemente, cursos de inglês para propósitos específicos são intensivos. As empresas enviam seus gerentes, secretárias ou técnicos para participarem de um curso intensivo e curto na expectativa de que a concentração exclusiva em certas habilidades ou linguagem melhorará o desempenho deles em atividades que requerem o uso da língua inglesa. Para esses autores, em um curso intensivo, os alunos estão totalmente focados no seu propósito para aprender inglês e se o curso for residencial, eles podem ser imersos em um ambiente de língua inglesa mesmo fora da sala de aula. No entanto, sem reforço o que é aprendido em um curso intensivo pode permanecer dormente. Um curso extensivo pode ser desenvolvido em paralelo com a atividade profissional e ser relacionado a isso e adaptado ao acontecerem mudanças na experiência ou necessidade dos aprendizes. De acordo com Robinson (1991), citada por Dudley – Evans e St John (1998), a principal desvantagem desse tipo de curso é a potencial falta de continuidade das aulas principalmente se as aulas não forem freqüentes.

Finalmente, Dudley – Evans e St John afirmam que a escolha entre cursos intensivos ou extensivos é geralmente determinada pelas condições da empresa para a qual o curso está sendo conduzido.

1.6.2 Avaliar ou Não

Segundo Dudley – Evans e St John, cursos intensivos curtos de Inglês para Propósitos de Negócios, por exemplo, não estão preocupados em testar a proficiência global dos aprendizes. Todavia, existem diversos testes padronizados de proficiência para a comunicação profissional e de negócios. E muitos aprendizes acreditam que passar em um desses exames melhora as possibilidades de suas carreiras.

É importante considerarmos a relevância pedagógica da avaliação não somente como um instrumento que mede o quanto um aluno sabe utilizar o conteúdo lingüístico estudado em um curso, mas também como um meio de permitir que o aprendiz analise o seu desempenho como um todo e não apenas acerca da estrutura da língua. Além disso, é necessário que o professor e o aprendiz avaliem o desempenho do próprio professor, do curso e do material didático nele utilizado.

1.6.3 Necessidades Imediatas ou Posteriores

Dudley – Evans e St John definem necessidades imediatas como aquelas que os alunos têm no momento em que fazem o curso (concomitante) e necessidades posteriores aquelas que se tornarão mais significativas depois, isto é, quando o curso prepara o aprendiz para uma necessidade vindoura.

1.6.4 O Professor Enquanto Fornecedor ou Facilitador/Consultor

Dudley – Evans e St John definem um professor fornecedor de insumo e atividades como aquele que controla a aula e as atividades, fornece informações sobre habilidades e linguagem. Em outras situações o professor de inglês para propósitos específicos gerencia e não controla. Esse professor não toma decisões sobre o planejamento do curso, ele negocia com os aprendizes sobre o que é mais apropriado a ser incluído e quando. Esse é o tipo de professor que os autores chamam de facilitador ou consultor. Conforme Dudley – Evans e St John, este papel de facilitador é difícil de adotar principalmente por um professor inexperiente. Contudo, onde for possível adotá-lo, é um papel muito apropriado e produtivo para aprendizes sofisticados os quais possuem um conjunto de propósitos específicos e claros.

Acreditamos que um professor de IPE pode se mover entre esses dois papéis de fornecedor de conhecimento e facilitador/consultor. Concordamos com os autores quanto à dificuldade de um professor inexperiente especialmente em IPE em exercer o papel de consultor no ensino de língua inglesa para propósitos específicos, pois muitas vezes sua formação inicial não oferece o embasamento teórico nem prático relacionado ao ensino de inglês para propósitos específicos.

1.6.5 Foco Amplo ou Restrito

Ainda conforme Dudley – Evans e St John, um foco amplo pode ocorrer em uma situação na qual concentramos em uma gama de eventos alvo tais como habilidades de estudo e profissional ou em uma variedade de gêneros. O foco é amplo devido à gama de eventos-alvo envolvidos, mas isso não significa que as habilidades são ensinadas de um modo geral e superficial. As habilidades são vistas detalhadamente e o material pode incluir até

mesmo algum conteúdo profissional específico. Esse foco pode ser mais útil se a motivação for um problema já que geralmente os aprendizes gostam de um foco específico em cursos IPE, porém também se sentirão mais confortáveis com uma mudança na rotina normal como um trabalho de conversação geral ou uma apresentação sobre o contexto de outros países.

O foco restrito é definido como a concentração em poucos eventos – alvo como, por exemplo, somente a compreensão oral ou apenas um ou dois gêneros. Um foco restrito é apropriado quando as necessidades são limitadas e os aprendizes convencidos da importância da concentração nestas necessidades.

1.6.6 Cursos Pré-Experiência ou Paralelamente à Experiência

Dudley – Evans e St John definem como curso pré-experiência aqueles destinados a aprendizes que não têm experiência na situação-alvo no momento em que cursam IPE. Já paralelamente à experiência é definido como um curso conduzido concomitantemente com a atividade profissional. Os autores argumentam que existe sempre vantagem em ensinar IPE a aprendizes que já têm algum conhecimento profissional. O professor pode se apoiar no conhecimento dos aprendizes, pedir para que eles dêem exemplos a partir do conhecimento que têm e usar certas estratégias de aprendizagem que são familiares à aprendizagem sobre sua profissão.

1.6.7 Materiais Para Fins Gerais ou Materiais Para Fins Específicos

Dudley-Evans e St John (1998) definem materiais para fins gerais como aqueles que usam conteúdo profissional o qual pode ser de natureza geral. Material específico é definido pelos autores como aquele que utiliza conteúdo profissional o qual faz parte da área profissional do aprendiz. Eles citam como exemplo estudos de caso relacionados a aprendizes de IPN. Para os autores, utilizar algum trabalho específico na aula de IPE, seja como foco principal do curso ou complemento de aspectos gerais do curso é geralmente benéfico. Todavia, a possibilidade de introduzir mais trabalho específico depende do tempo de curso, de restrições institucionais assim como da motivação dos aprendizes.

1.6.8 Grupos Homogêneos ou Heterogêneos e Motivação

De acordo com Dudley-Evans e St John, um outro fator a se considerar é se a aula de IPE é constituída por um grupo homogêneo de uma profissão ou heterogêneo com aprendizes de diferentes profissões ou níveis de gerenciamento. Segundo esses autores se um grupo é heterogêneo é difícil introduzir muito trabalho específico sendo mais apropriado procurar por tópicos e atividades que são mais comuns aos vários interesses dos grupos. Já, se o grupo é homogêneo é possível utilizar trabalho específico. A principal questão é sobre a motivação dos aprendizes. A maioria se entusiasma sobre a aula de IPE que está relacionada diretamente às suas necessidades, entretanto, há situações em que aprendizes ficarão menos entusiasmados ao estudarem tópicos mais específicos. Para Dudley-Evans e St John, é importante considerar fatores motivacionais e afirmam que muitas vezes, na análise de

necessidades, ignoramos os interesses dos aprendizes. Além disso, afirmam que se houver a possibilidade de escolha, é melhor formar grupos homogêneos para aulas de IPE.

Um outro aspecto da questão homogêneo ou heterogêneo é o nível de língua dos alunos. No trabalho com IPE, é muito difícil assegurar que os grupos também sejam homogêneos no nível de língua. É geralmente vantajoso no aprendizado de língua dividir grupos por nível, mas em IPE a homogeneidade nos propósitos específicos dos aprendizes é mais importante.

1.6.9 Planejamento de Curso Fixo Versus Curso Negociado e Flexível

Dudley-Evans e St John (1998) afirmam que um planejamento de curso fixo é realizado antes do início do curso e raramente modificado. Um planejamento de curso negociado e flexível permite que haja mudanças baseadas no *feedback* dos aprendizes. Muitos aprendizes esperam seguir um currículo fixo. Outros realmente gostam de opinar ou até mesmo controlar o que lhes é ensinado. Segundo esses autores, um curso seguindo um planejamento mais ou menos fixo, o qual permite que algum tempo seja utilizado para o ensino de tópicos ou questões levantadas pelos alunos, é possível. Assim como um curso negociado também pode incluir alguns componentes pré-planejados.

Cursos também podem ser repetidos ou ministrados somente uma vez. Aqueles são cursos que são aplicados novamente depois de um período de tempo específico. O delineamento do curso e os materiais são preparados e, mesmo sendo revisados depois do curso, eles permanecem essencialmente similares cada vez que são usados. Estes são conduzidos para um grupo particular e não são repetidos. Um planejamento de curso e materiais pode ser preparado, porém é mais provável que o curso utilize fontes específicas

fornecidas pelos aprendizes ou pelo professor para atender a uma necessidade ou interesse expressado pelos alunos.

1.6.10 Desenvolvendo o Planejamento de um Curso

Segundo Hutchinson e Waters (1987), desenvolver o currículo de um curso de IPE é a primeira etapa para o planejamento deste. Os autores descrevem currículo como um documento no qual é definido o que será ou pelo menos deveria ser aprendido durante o desenrolar do curso. Ressaltamos que entendemos currículo enquanto o conteúdo lingüístico a ser ensinado durante o desenvolvimento de um curso de inglês.

Hutchinson e Waters acrescentam que existem diferentes currículos envolvidos ao se planejar um curso: avaliativo; organizacional; de materiais; do professor; da sala de aula e do aprendiz. Eles afirmam que cada um desses currículos carrega certas suposições sobre a natureza da língua e da aprendizagem. Ressaltam que os materiais didáticos deveriam utilizar diversos currículos ao mesmo tempo. Entretanto, comumente, apenas um deles será utilizado como a base para a organização desse material.

Acreditamos que assim como os materiais didáticos podem fazer uso de diversos currículos, um curso de IPE também possa. Acrescentamos que concordamos com Hutchinson e Waters quando dizem que qualquer currículo que objetiva ensinar as pessoas como se comunicarem deveria reconhecer a complexidade da comunicação.

Conforme Dudley-Evans e St John (1998), com a gama de cursos de IPE que foram ensinados pelo mundo e materiais publicados, mesmo para um curso novo, não deveríamos criar tudo novo. Com a análise de necessidades, uma parte importante do processo

é aprender a partir do que nós e outros já fizemos. A rota para inovação pode ser a evolução e não a revolução ou invenção.

Segundo esses autores, no planejamento de um curso é importante que se relacionem todos os seus componentes em uma tabela. O primeiro componente é constituído por situações-alvo e tarefas que os aprendizes de IPE necessitam e desejam desempenhar juntamente com as necessidades de consciência retórica. A partir disso, podemos considerar as habilidades e realizações lingüísticas associadas - gêneros, gramática, vocabulário - e micro-habilidades. Entretanto o curso não é somente sobre realizações lingüísticas e habilidades. Ele também precisa de materiais, tópicos profissionais, processos de aprendizagem e interações de sala de aula. Esses componentes devem ter seu lugar na tabela.

Alguns itens que compõem a tabela resultarão da análise de necessidades, outros itens surgirão de cursos existentes e materiais disponíveis. Quando se acredita ter todos os itens principais, deve-se agrupá-los e ordená-los de uma maneira que se melhore a aprendizagem. Quando já estiverem ordenados, deverá-se ter uma tabela para checar se tudo está incluso e bem balanceado.

Hutchinson e Waters (1987) descrevem o papel que o currículo desempenha no processo de desenvolvimento de um curso de acordo com a abordagem utilizada. Assim como vimos acima, esses autores citam e definem três tipos de abordagem: aquela centrada na língua, a centrada nas habilidades e a centrada na aprendizagem, sendo esta última a abordagem mais defendida pelos autores.

Conforme esses autores, na abordagem centrada na língua, o currículo é que fundamenta um material didático. Nesse caso, ele é a inspiração para a produção de textos e exercícios e a base na qual a proficiência do aprendiz será avaliada. Já na abordagem centrada nas habilidades, o currículo é desenvolvido de forma que se promovam oportunidades para os aprendizes empregarem e avaliarem as habilidades e estratégias consideradas necessárias para

a execução de tarefas na situação-alvo e, por fim, na abordagem centrada na aprendizagem, o currículo e os materiais evoluem juntos. Dessa forma, ele é o gerador de boas e relevantes atividades de aprendizagem.

A nosso ver, a mistura de abordagens e currículos é mais relevante para o planejamento de um curso de IPE, uma vez que todos os aspectos positivos de cada um deles podem ser utilizados na produção de atividades significativas para a aprendizagem do público-alvo. Reiteramos que todo esse planejamento será realizado com base em uma análise de necessidades.

1.7 O Papel dos Materiais

Para Dudley-Evans e St John (1998), pesquisar em materiais existentes publicados ou não é parte do processo de analisar o que está envolvido na comunicação eficaz na situação-alvo e na aprendizagem também. É por meio dessa pesquisa que podemos aprender sobre as habilidades e a linguagem associada. A escolha final de alguns tópicos a serem ensinados e a ordem em que serão ensinados virão dos materiais que os professores selecionam.

Conforme Dudley-Evans e St John há quatro razões para se usar materiais os quais parecem significantes no contexto de IPE:

- 1- como fonte de língua
- 2- como apoio para aprendizagem
- 3- para motivação e estímulo
- 4- para referência

Segundo esses autores, em situações nas quais o inglês é uma língua estrangeira, a aula de IPE é provavelmente a única fonte de inglês. Portanto, materiais têm um papel crucial em expor os aprendizes à língua, implicando na necessidade de que esses materiais apresentem uma linguagem real, como ela é usada, e tudo aquilo que os aprendizes requerem. Onde a sala de aula é a principal fonte de língua, os materiais precisam maximizar a exposição à língua, fornecendo material adicional. É importante também que ao ensinar aprendizes com nível baixo de língua, o professor utilize tanto a língua materna quanto a estrangeira e gradualmente pare de utilizar a materna.

Para os autores, enquanto apoio de aprendizagem, os materiais precisam ser confiáveis, isto é, funcionar, ser consistentes e ter algum padrão reconhecível. Para melhorar a aprendizagem, os materiais devem envolver os aprendizes no pensar sobre a linguagem e como utilizá-la. As atividades precisam estimular os processos cognitivos e não mecânicos.

Os autores acrescentam que para estimularem e motivarem, os materiais precisam ser desafiadores e alcançáveis; oferecer novas idéias e informações enquanto são baseados na experiência e conhecimento dos aprendizes; encorajar a diversão e a criatividade. O insumo deve conter conceitos e/ou conhecimento que são familiares, mas deve oferecer também algo novo, um motivo para comunicar, se envolver. O propósito e a conexão com a realidade dos aprendizes precisam ser claros.

Além disso, os autores afirmam que o material é uma referência para muitos aprendizes de IPE os quais têm pouco tempo para aula e dependem de um misto de aulas, auto-estudo e material de referência. Para propósitos de auto-estudo ou referência, os materiais têm que ser completos, bem organizados e auto-explicativos.

Conforme Hutchinson e Waters (1987), professores de IPE podem avaliar e fazer adaptações em materiais já publicados ou até mesmo desenvolver seus próprios materiais. Para esses autores, a avaliação de um material consiste em relacionar as

necessidades dos aprendizes ao que pode saná-las. Esses autores ressaltam que um material de ensino de IPE tem que atender às necessidades de professores, aprendizes e patrocinadores.

De acordo com Dudley-Evans e St John, um dos mitos do IPE é que o professor tem que escrever seus próprios materiais. Isso leva ao mito de que todo professor de IPE é também bom em planejar materiais. Para esses autores, todos os profissionais de IPE têm que ser bons fornecedores de materiais. Um bom fornecedor de materiais é capaz de:

- 1) selecionar apropriadamente a partir do que já está disponível;
- 2) ser criativo com o que já está disponível;
- 3) modificar atividades para atender às necessidades dos aprendizes;
- 4) complementar fornecendo atividades extras.

Conforme esses autores, para selecionar materiais e fazer boas escolhas precisamos ter bons critérios tais como fatores sobre os aprendizes, o papel dos materiais, os tópicos, a linguagem e a apresentação. Esses critérios devem ser considerados na análise de materiais. Muito freqüentemente precisamos avaliar uma unidade ou uma atividade e não um livro inteiro. Identificar e separar o conteúdo real e o profissional de atividades específicas é crucial nesse processo. O conteúdo profissional deve ser apropriado e o conteúdo real deve atingir os objetivos do curso. Para os autores, a única forma de verificar isso é sendo um aluno e fazendo as atividades.

De acordo com Hutchinson e Waters (1987), a criação de materiais é um dos aspectos mais característicos do IPE. Eles argumentam que o processo de escrita de materiais pode ajudar os professores a se tornarem mais atentos ao que está envolvido no ensino-aprendizagem. Todavia, também afirmam que a produção de materiais seria a última opção para professores de IPE.

Segundo Dudley-Evans e St John (1998), o desenvolvimento de um novo material poderia partir de dois pontos iniciais: (A) ter bom insumo/contéudo profissional ou

(B) quando existe uma lacuna no material. No primeiro ponto, o próximo passo é analisar o conteúdo profissional e determinar qual conteúdo real poderia ser explorado. No segundo ponto, há um objetivo, algum conteúdo real para o qual não há material disponível apropriado. Nesse caso, o primeiro passo é procurar por conteúdo profissional apropriado.

A nosso ver todo professor, não só de IPE, é capaz de desenvolver um material, se for necessário, se ele é capaz de avaliar, selecionar, ser criativo, modificar materiais disponíveis no mercado, bem como fornecer atividades extras. Considerando que o professor de IPE se depara com contextos muito específicos de aprendizagem, nem sempre é possível apenas utilizar o que está disponível, mas sim necessário que ele desenvolva, muitas vezes, um material voltado para as necessidades e interesses de seu público-alvo.

Celani e outros (2005) julgam relevantes não só a produção de material por professores, como também a troca de materiais e experiências entre esses profissionais. Para os autores isso é importante para o crescimento profissional dos professores, diminuindo o isolamento profissional desses docentes. Conforme Celani e outros, no início da década de 80, a forma como a metodologia de ensino de IPE chegou ao Brasil, teria originado esse isolamento profissional uma vez que o fato de cada aprendiz ser único gerou a produção isolada de materiais. Isso ocorreu porque os professores de IPE começaram a criar materiais para seus alunos com propósitos específicos, entretanto não os compartilhavam com ninguém. Para que esse isolamento fosse amenizado, os autores relatam a criação e a organização de um centro de recursos⁴ onde professores de IPE poderiam procurar por materiais já preparados e até mesmo fornecer ao centro seus próprios materiais.

Concordamos com Celani e outros (2005) com relação à relevância da criação de materiais e a troca destes e de experiências entre professores. Nesse sentido é importante a organização e a participação de/em seminários e encontros de profissionais da área.

⁴ CEPRIL – localizado até hoje na PUC - SP

Capítulo 2 - Metodologia

2.1 Natureza da Pesquisa

Conforme Merriam (1998), todos os tipos de pesquisa qualitativa são baseados na concepção de que a realidade é construída por indivíduos interagindo com seus mundos sociais. Os pesquisadores qualitativos estão interessados no significado construído pelas pessoas, ou seja, na maneira pela qual elas vêem o mundo e as experiências que elas têm.

Segundo essa autora, uma pesquisa qualitativa apresenta cinco características:

- 1) Preocupa-se fundamentalmente em entender o fenômeno de interesse a partir dos pontos de vista dos participantes e não dos pesquisadores;
- 2) O pesquisador é o instrumento principal para a coleta e análise dos dados. Os dados são mediados por meio deste instrumento humano, o pesquisador;
- 3) Envolve, geralmente, trabalho de campo;
- 4) Emprega principalmente uma estratégia de pesquisa indutiva. Isto é, este tipo de pesquisa permite a construção de abstrações, conceitos, hipóteses ou teorias ao invés de testar teorias existentes;
- 5) Foca o processo, o significado e a interpretação, logo seu produto é ricamente descritivo.

Merriam afirma ainda que em um estudo qualitativo o investigador é o principal instrumento para reunir e analisar os dados e, como tal, pode se responsabilizar pela situação, proporcionando maiores oportunidades para a coleta e produção de informação significativa. Conforme a autora, o papel do investigador na pesquisa qualitativa pode ser comparado ao de um detetive. No início, tudo é importante e todo mundo é suspeito. Leva

tempo e requer paciência para buscar e seguir pistas, encontrar as peças que faltam e montar o quebra-cabeça.

Conforme Holmes (1992), a pesquisa qualitativa ou interpretativista objetiva descrever fenômenos para então compreendê-los ou interpretá-los.

De acordo com Merriam (1998, p. 11), o termo estudo qualitativo básico ou genérico se refere a estudos que exemplificam as características da pesquisa qualitativa discutida anteriormente. Pesquisadores que conduzem estudos deste tipo simplesmente buscam descobrir e entender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visões de mundo das pessoas envolvidas.

O investigador também deve ter sensibilidade ou ser altamente intuitivo neste tipo de pesquisa. Ele deve ser sensível ao contexto e sua variável, incluindo o cenário físico, as pessoas e os seus planos declarados e secretos e o comportamento não-verbal. Ele deve ser sensível à informação que está sendo coletada. Finalmente, deve estar atento a qualquer preconceito (viés) pessoal e como ele pode influenciar a investigação.

É importante lembrar que uma das suposições filosóficas que permeia esse tipo de pesquisa é a de que a realidade não é uma entidade objetiva, pois há múltiplas interpretações dela. O pesquisador traz sua construção da realidade para a pesquisa, construção a qual interage com as construções ou interpretações de outras pessoas do fenômeno em estudo.

Em vista disso, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que investigamos os elementos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de inglês para propósitos específicos em contexto empresarial. Para tal, consideramos os relatos dos participantes como fonte de coleta de dados e buscamos descrevê-los para então interpretá-los.

2.2 Contextos de Pesquisa

Descrevemos nesta seção o perfil das duas empresas por nós investigadas, bem como dos dois cursos de inglês, um em cada uma delas, oferecidos em suas instalações.

2.2.1 Empresa I

A empresa I produz compressores herméticos para refrigeração doméstica e comercial desde 1972. Ela é subsidiária de uma empresa norte-americana que está no mercado desde os anos 30. Em razão de ser uma multinacional, há a necessidade de que seus funcionários aprendam a língua inglesa. Entretanto, essa empresa não custeia o curso por motivos financeiros, permitindo o uso de suas instalações pelos professores e funcionários.

2.2.1.1 Curso de Inglês da Empresa I

O curso de inglês oferecido na empresa I tem um preço mais acessível do que nas escolas de idiomas da cidade onde a empresa está sediada e é coordenado pelo tradutor técnico dessa empresa. As aulas são realizadas durante o horário de almoço, antes do início ou depois do fim do turno dos funcionários e geralmente duas vezes por semana, tendo cada aula a duração de uma hora e trinta. Não há a aplicação de um teste de nível para que os grupos sejam formados, por isso eles são divididos informalmente de acordo com os próprios funcionários-alunos, ou seja, um funcionário frequenta a turma do nível que ele acredita acompanhar. Há grupos de nível básico, intermediário e avançado, existindo alguns intitulados como “conversação” e “business”.

Não há a realização de uma análise de necessidades formal prévia ao planejamento do curso. O coordenador do curso descreve as necessidades da empresa e dos funcionários embasado naquilo que observa durante sua rotina de trabalho, já que é o tradutor técnico da empresa I e tem contato direto com as tarefas executadas pelos funcionários dessa empresa. Declara que o objetivo desse curso é preparar os alunos para atenderem ligações internacionais, participarem de “conference calls” e elaborarem relatórios e documentos em geral⁵. Além disso, o material adotado é selecionado geralmente pelo coordenador e pelas professoras. As professoras, participantes deste estudo e aqui denominadas A e B, utilizam tanto materiais didáticos disponíveis no mercado quanto materiais e atividades que confeccionam, esses materiais, criados pelas próprias docentes, podem ser os principais ou apenas complementares, isso depende do foco de cada turma e do desejo de cada professora.

2.2.2 Empresa II

A empresa II é uma das filiais de uma das principais empresas aéreas do Brasil. Nela é realizada a manutenção de aeronaves. Os manuais técnicos utilizados na realização do trabalho de seus funcionários estão em inglês. Essa empresa custeia o curso e cede suas instalações, pois necessita que seus funcionários aprendam a língua inglesa para que ela receba uma certificação internacional. Deixa claro que está interessada em que seus funcionários-alunos aprendam a ler os manuais e não a falar, a escrever ou a ouvir.

2.2.2.1 Curso de Inglês da Empresa II

⁵ Salientamos que na empresa I funcionários da produção também freqüentam o curso de inglês e, de acordo com o que eles declararam receber e/ou produzir durante sua rotina de trabalho, não parecem ter as mesmas necessidades que aquelas citadas pelo coordenador (vide apêndice 4 e Capítulo 3).

Esse curso é o resultado de uma parceria entre uma universidade pública do interior do estado de São Paulo e a empresa II. Ele é coordenado por duas docentes do departamento de Letras dessa universidade, responsáveis pelo projeto que integra a empresa II e essa universidade.

Ele tem sido oferecido por cinco anos e, nesta empresa, é realizada uma análise de necessidades⁶ prévia ao planejamento do curso, os professores trabalham em equipe, participando de reuniões semanais com suas coordenadoras, e o material é desenvolvido baseado nos manuais técnicos utilizados pelos funcionários-alunos. Como a necessidade da empresa II e de seus funcionários é a leitura de manuais, a habilidade focada nesse curso é a leitura.

Os funcionários-alunos fazem um teste de nível para serem separados em módulo A, B ou C⁷. O módulo A tem como objetivo introduzir as estratégias de leitura que ajudarão os alunos a compreender os manuais de manutenção utilizados na execução de sua rotina de trabalho. No módulo B, as professoras fazem uma revisão das estratégias previamente estudadas no módulo A, bem como apresentam outras por meio de textos mais difíceis. Já no módulo C, há a consolidação das estratégias vistas nos módulos anteriores e o desenvolvimento de novas estratégias por meio da leitura de textos ainda mais difíceis.

O chefe de cada oficina decide quem pode fazer o teste para então fazer o curso, a fim de que a execução das tarefas de trabalho não seja prejudicada. As aulas são realizadas de segunda a quinta-feira (quatro vezes por semana) e têm duração de 1 hora e 30 minutos cada. Os módulos duram dois meses (64 horas-aula).

2.3 Participantes da Pesquisa

⁶ O processo de análise de necessidades realizado na empresa II está descrito no apêndice 41.

⁷ A descrição dos conteúdos dos módulos A, B e C estão nos apêndices 38, 39 e 40.

Participaram desta pesquisa os coordenadores do curso das empresas I e II (CI e CII), duas professoras do curso da empresa I (PA e PB), duas professoras do curso da empresa II (PC e PD), oito funcionários-alunos da empresa I (F1I, F1II, F1III, F1IV, F1V, F1VI, F1VII E F1VIII) e dez funcionários-alunos da empresa II (F2I, F2II, F2III, F2IV, F2V, F2VI, F2VII, F2VIII, F2IX E F2X).

2.3.1 Coordenadores dos Cursos

O coordenador do curso da empresa I cursou licenciatura em Letras em uma universidade pública do interior do estado de São Paulo; residiu dois anos nos Estados Unidos e está contratado como tradutor técnico dessa empresa. Em razão de sua experiência no ensino de língua inglesa, responsabilizou-se pela coordenação do curso oferecido dentro dessa empresa. É ele quem seleciona os professores, divulga o curso e escolhe, juntamente com os docentes, o material didático a ser utilizado.

A coordenadora informante do curso da empresa II também cursou licenciatura em Letras em uma universidade pública do interior do estado de São Paulo; é docente no departamento de Letras de uma universidade pública e é uma das coordenadoras do projeto de extensão por meio do qual a universidade presta serviço à empresa. É uma das responsáveis pela escolha dos professores (alunos do curso de Letras em que leciona), pela orientação na criação do material utilizado e por fazer contato com a direção da empresa.⁸

2.3.2 Professoras do Curso da Empresa I

⁸ A outra coordenadora do curso não participa deste trabalho, pois é orientadora desta pesquisadora, evitando então uma suposta manipulação dos dados.

A professora A cursou licenciatura em Letras em uma universidade pública do interior do estado de São Paulo e está formada há quase dois anos. Leciona em diferentes contextos tais como em escolas de idioma, em cursinho pré-vestibular, na empresa em estudo, além de dar aulas particulares em casa. Na empresa I leciona para um grupo de nível básico, um intermediário e um avançado. Nunca havia lecionado em empresas e vê essa experiência como um aprendizado.

A professora B cursou licenciatura em Letras em uma universidade pública do interior de São Paulo e está formada há dez anos. Também trabalha em diferentes contextos: escolas de idioma, nesta empresa e em casa dando aulas particulares. Na empresa I leciona em dois grupos de nível básico, um avançado e um conversação.

2.3.3 Professoras do Curso da Empresa II

A professora C dava aula já aos 15 anos e concluiu o curso de licenciatura em Letras em uma universidade pública do interior do estado de São Paulo no final do ano de 2006. Atua, também, em uma escola de idiomas e iniciou seu mestrado no início do ano de 2007. Participa deste projeto de extensão há três anos e atualmente leciona para um grupo do módulo A.

A professora D está no último semestre da graduação em uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. Nunca havia lecionado em empresa. Assim como a professora C leciona para um grupo de módulo A.

2.3.4 Funcionários-Alunos da Empresa I

Participaram da pesquisa oito funcionários da empresa I. Esses oito funcionários são trabalhadores da produção da fábrica e trabalham em sistema de turnos. Têm necessidade de aprender a língua inglesa, uma vez que a empresa I é uma multinacional e deseja que seus funcionários estudem essa língua.

Organizamos a função que esses funcionários exercem nessa empresa e há quanto tempo eles trabalham nela no quadro abaixo:

Funcionários-alunos da empresa I	Função exercida dentro da empresa I	Há quanto tempo trabalha na empresa I
FII	Analista de processos	3 anos
FIII	Coordenador de ferramentaria	5 anos e meio
FIIII	Preparador e ajustador de máquinas	10 anos
FIIIV	Trainee Industrial	14 anos e 4 meses
FIV	Não Informou	7 anos
FIVI	Eletricista	21 anos
FIVII	Analista de processo	3 anos
FIVIII	Técnico	7 anos

Tabela 1 – Função exercida pelos funcionários da empresa I e o tempo que estão na empresa

2.3.5 Funcionários-Alunos da Empresa II

Participaram da pesquisa dez funcionários da empresa II. Esses funcionários trabalham com a manutenção de aeronaves e utilizam os manuais de manutenção na execução de suas tarefas de trabalho.

As funções exercidas por esses funcionários e há quanto tempo eles trabalham na empresa II estão descritas abaixo:

Funcionários-alunos da empresa II	Função exercida dentro da empresa II	Há quanto tempo trabalha na empresa II
F2I	Mecânico	10 meses
F2II	Trabalha na oficina de material composto (não especificou sua função)	8 meses
F2III	Mecânico	1 ano
F2IV	Mecânico	1 ano
F2V	Auxiliar técnico	4 anos
F2VI	Mecânico	2 anos
F2VII	Trabalha na manutenção e fabricação de componentes	6 meses
F2VIII	Trabalha no setor de estruturas	6 meses
F2IX	Trabalha no hangar	6 meses
F2X	Técnico em eletrotécnica	5 anos

Tabela 2 - Função exercida pelos funcionários da empresa I e o tempo que estão na empresa

2.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Para que a coleta de dados fosse realizada, utilizamos os seguintes instrumentos:

1) *Entrevistas semi-estruturadas com os coordenadores e professores (roteiros nos apêndices 1 e 2)*: realizamos uma entrevista com os coordenadores CI e CII e uma entrevista com cada professora participante de nossa pesquisa.

A entrevista realizada com os coordenadores CI e CII continha questões sobre o número de grupos de alunos que cursam inglês dentro das empresas I e II, a necessidade que a empresa e os funcionários têm em aprender a língua-alvo, o perfil do professor que as empresas procuram, bem como se o material utilizado nas aulas é adequado às necessidades e aos interesses das duas empresas. Em suma, as questões feitas forneceram o perfil do curso, do professor e do material de cada empresa que investigamos.

Realizamos também uma entrevista com as professoras PA, PB, PC e PD. Nessa entrevista, foram feitas questões sobre a seleção do material didático, se elas procuram ou não atender os propósitos e as expectativas das empresas I e II e dos seus funcionários, além do número de grupos em que lecionam nesses contextos. A partir dos dados coletados com essas perguntas, pudemos traçar o perfil das professoras e dos cursos oferecidos nas instalações das empresas I e II, mas agora a partir do ponto de vista dessas docentes.

2) *Questionários respondidos pelos funcionários-alunos das empresas I e II (roteiro no apêndice 3)*: Os questionários foram respondidos por oito funcionários-alunos do curso de inglês da empresa I. Desses oito, quatro são alunos da professora A e quatro são alunos da professora B. Responderam também dez funcionários-alunos da empresa II. Desses dez, cinco são alunos da professora C e cinco são alunos da professora D.⁹

As questões contidas nesse roteiro nos proporcionaram conhecer as necessidades e os interesses dos funcionários-alunos das duas empresas, se o material que utilizam em suas aulas atende ou não a essas necessidades e interesses, bem como o que produzem e/ou recebem em inglês dentro dos locais onde trabalham.

3) *Amostras do material adotado nos cursos de inglês das empresas I e II (apêndices 28 ATÉ 37)*: Amostras do material adotado nos cursos dessas empresas foram fornecidas pelas professoras A, B, C e D e são analisadas porque o MD faz parte do processo

⁹ Os funcionários não foram entrevistados devido à incompatibilidade de horário entre eles e a pesquisadora, por isso, pedimos às professoras que entregassem e recolhessem o questionário a seus alunos.

de ensino-aprendizagem de uma língua e como tal é um dos aspectos importantes de um curso de inglês tanto para propósitos gerais quanto para propósitos específicos, assim como para que respondamos à terceira pergunta de pesquisa deste trabalho.

2.5 Procedimentos de análise

Para respondermos a primeira questão de pesquisa, a respeito da forma pela qual os coordenadores I e II sabem explicar as necessidades das empresas I e II, foi considerada a entrevista semi-estruturada concedida por esses participantes.

Para tal, consideramos as respostas de CI e CII às perguntas: *Por que os funcionários precisam ou procuram o curso de inglês? e Que tipo de documentos a empresa recebe e/ou produz em inglês?*.

Com o objetivo de avaliar se as empresas I e II têm consciência das necessidades de seus funcionários em relação à aprendizagem da língua inglesa, utilizamos as respostas desses coordenadores às perguntas: *Qual o perfil do professor que a empresa procura? e A empresa custeia o curso? Por quê?*.

No que diz respeito à segunda questão, para respondê-la utilizamos os dados constantes no questionário respondido pelos funcionários-alunos das empresas I e II, a fim de discutirmos em que medida os funcionários têm consciência de suas necessidades lingüísticas para o melhor desempenho de sua rotina de trabalho. Dessa forma, utilizamos as respostas desses funcionários às perguntas: *Por que você procurou o curso de inglês da empresa? e O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?*.

No que tange à terceira questão, em relação à existência de pontos nos quais as necessidades e interesses dos funcionários-alunos, tanto na empresa I quanto na II, coincidem ou diferem, fazemos uso, primeiramente, das respostas dos funcionários à pergunta: *O curso e*

o material atendem aos seus interesses? Por quê?. Também utilizamos as respostas das professoras A, B, C e D às perguntas: *Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos seus funcionários-alunos?* e *Quais são os interesses dos funcionários?*. Por fim, retomamos a análise dos dados provenientes das respostas dos coordenadores às perguntas: *Qual o perfil do professor que a empresa procura?* e *A empresa custeia o curso? Por quê?*.

Salientamos que utilizamos novamente as respostas de CI e CII à pergunta citada acima, com o propósito de triangular os dados provenientes das respostas dos funcionários, professores e coordenadores para que discorramos sobre a consciência das duas equipes envolvidas nos cursos das empresas I e II a respeito das necessidades lingüísticas em LE para o melhor desempenho profissional de seus funcionários.

A fim de responder a quarta questão, a qual busca analisar a relação entre o material didático adotado nos cursos de inglês das duas empresas participantes deste trabalho e as necessidades e os interesses citados pelos funcionários-alunos, fazemos uso dos dados provenientes das respostas das professoras A e B à pergunta: *Você produz o seu próprio material de acordo com as necessidades dos alunos?*. Também utilizamos as respostas das professoras C e D à pergunta: *Como e por quem o material didático é selecionado?*. Além disso, utilizamos as respostas dos funcionários-alunos das duas empresas à pergunta: *O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?*

Apresentamos, ainda, uma breve análise de alguns exercícios constituintes dos materiais adotados pelas professoras dos cursos de inglês das empresas I e II.

Reiteramos que as amostras do material adotado pelas professoras desses cursos foram utilizadas como instrumento de coleta de dados, haja vista que o MD é parte importante do processo de ensino de IPE. Não é nosso objetivo avaliar a abordagem e o tipo

de exercício que constituem esses materiais, mas a relação deles com as necessidades e os interesses apontados pelos funcionários-alunos das duas empresas por nós investigadas.

No próximo capítulo, procedemos à análise dos dados coletados.

Capítulo 3 - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos os dados coletados para que respondamos as questões que norteiam esta pesquisa. No decorrer do texto utilizamos as teorias apresentadas no referencial teórico deste trabalho embasando, assim, nossa discussão.

Primeiramente, retomamos as quatro questões propostas:

1. Em que medida os coordenadores dos cursos de inglês das empresas por nós investigadas sabem explicar as necessidades dessas empresas?
2. Em que medida os funcionários das empresas I e II estão conscientes de suas necessidades lingüísticas em LE para seu melhor desempenho profissional?
3. Em que pontos as necessidades e interesses dos funcionários-alunos tanto da empresa I quanto da empresa II:
 - a) coincidem?
 - b) diferem?
4. Qual a relação do material didático adotado nos cursos das empresas I e II com as necessidades e interesses apontados pelos funcionários-alunos?

Para respondermos as questões, utilizamos as respostas dadas pelos participantes desta investigação (coordenadores I e II; professoras A, B, C e D; funcionários-alunos das empresas I e II) durante as entrevistas semi-estruturadas e no questionário respectivamente. Além disso, analisamos alguns exercícios dos materiais didáticos utilizados e fornecidos pelas professoras dos cursos de inglês das duas empresas.

3.1 As Necessidades das Empresas e dos Funcionários-Alunos

Discorreremos nesta seção sobre as necessidades das empresas e de seus funcionários-alunos a partir dos relatos dos participantes desta pesquisa. Por meio dessa discussão, respondemos as questões de pesquisa norteadoras deste trabalho.

3.1.1 As Necessidades das Empresas sob o Ponto de Vista dos Coordenadores I e II

Para avaliarmos de que maneira os coordenadores dos cursos de inglês das empresas I e II sabem explicar as necessidades da empresa, bem como se esses coordenadores têm consciência das reais necessidades em cada um desses contextos, utilizamos, primeiramente, as respostas obtidas com as perguntas *Por que os funcionários precisam ou procuram o curso de inglês?* e *Que tipo de documentos a empresa recebe e produz em inglês?*. Reiteramos que as respostas foram obtidas a partir da entrevista semi-estruturada realizada com os coordenadores I e II.

Os coordenadores I e II responderam a essa primeira questão da seguinte forma:

CI (vide apêndice 4): A (empresa I) é uma empresa americana, portanto, toda documentação que circula nos departamentos todos os dias é em inglês e os funcionários então precisam saber ler esses documentos, responder mensagens de e-mails, tradução de normas técnicas. Muitas vezes têm que atender (...) eles têm que atender o telefone e a pessoa que está do outro lado é um americano daí a necessidade deles terem que saber inglês.

CII (vide apêndice 5): Os funcionários têm que lidar com um vocabulário muito específico em seu ambiente de trabalho e em todas as seções da empresa as peças estão em inglês, bem como os manuais de manutenção de cada seção¹⁰.

Analisando a fala de CI, observamos que a empresa I, por ser uma multinacional, tem em sua rotina de trabalho a presença de documentos, normas técnicas em inglês, entre outros. Podemos inferir que os funcionários dessa empresa precisam saber ler esses documentos e normas, assim como ler e escrever *e-mails* e conversar com estrangeiros ao telefone. Portanto, concluímos que esses funcionários precisariam desenvolver todas as habilidades: a leitura, a escrita e as orais.

CII afirma que na empresa II as peças e os manuais de manutenção com os quais os funcionários lidam todos os dias na execução de suas tarefas de trabalho estão em inglês. Explica também que o vocabulário, provavelmente desses manuais, é muito específico. Até aqui, acreditamos que os funcionários dessa empresa têm a necessidade de desenvolver a leitura para que compreendam esses manuais e sua linguagem peculiar, bem como as peças que estão na língua – alvo.

CI e CII responderam a segunda questão de maneiras diferentes. CI reiterou sua primeira resposta dizendo que na empresa I são recebidos e produzidos em inglês *e-mails*, normas técnicas e acrescentou que há manuais de máquinas nessa língua.

CI: A empresa produz e recebe em inglês e-mails, normas técnicas, manuais de máquinas, principalmente isso.

Já CII reafirma que a empresa recebe manuais de manutenção na língua inglesa e explica que esses manuais são emitidos para diversos países, uma vez que o inglês é a língua franca.

Pesquisadora: Que tipo de documentos a empresa recebe e produz em inglês?

¹⁰ As seções de trabalho da empresa II apresentam manuais de manutenção diferentes porque as partes da aeronave assim como as tarefas executadas por seus funcionários são diferentes.

CII: Os manuais de manutenção. Como esses manuais são emitidos para vários países, o inglês é a língua franca e todas as oficinas, no mundo inteiro, recebem manuais versados em inglês.

Retomamos Nickerson (2005) em sua afirmação de que estudos realizados em diferentes países confirmam que o inglês é parte intrínseca da comunicação em contextos multinacionais e é uma realidade na vida de profissionais da área empresarial.

Verificamos essa realidade nas empresas por nós investigadas, haja vista que nesses dois contextos há a necessidade de que seus funcionários aprendam a língua-alvo para executar suas tarefas. No caso da empresa I, o fato de ser multinacional é que faz do inglês necessário à comunicação dentro da empresa. Entretanto, a empresa II tem a necessidade de que seus funcionários aprendam a língua-alvo em razão de que os manuais de manutenção utilizados na realização do trabalho dos funcionários são escritos em inglês. Além disso, essa empresa precisa que seus funcionários aprendam a língua-alvo para que possa receber uma certificação internacional.

Isso posto, avaliamos também se as empresas I e II têm consciência das necessidades de seus funcionários, já que elas escolheram esses coordenadores para planejarem os cursos, assim como selecionarem os professores que lecionam neles. Para tal, utilizamos as respostas frente às questões: *Qual o perfil do professor que a empresa procura? E A empresa custeia o curso? Por quê?*. A nosso ver essas informações são relevantes porque contribuem para avaliarmos até que ponto os coordenadores sabem explicar as necessidades da empresa, uma vez que quando a empresa sabe claramente suas reais necessidades em relação à língua toda a equipe que organiza e oferece o curso também tem isso mais claro e consegue, assim, planejar um curso que atenda a essas necessidades (AUGUSTO; OUTROS, no prelo).

Concluimos, a partir da resposta de CI à pergunta sobre o perfil do professor, que esse coordenador apresenta a visão de que o professor de língua estrangeira deva ser fluente, ter vivido em um país onde o inglês é a língua nativa e que essas características (se presentes no professor) ajudam o funcionário-aluno a se tornar independente ao utilizar essa língua.

CI: O perfil do professor tem que ser o professor (...) tem que ser uma pessoa fluente no idioma, de preferência que tenha morado em um país onde o inglês é a língua nativa porque o que se procura no professor é que ele seja capaz de passar os conhecimentos para o funcionário de modo que o funcionário se torne autônomo, se torne independente quando se precisa aplicar o inglês.

Notamos na fala de CI, que professor fluente e com experiência de vida em um país estrangeiro seria capaz de tornar um aluno autônomo no uso da língua-alvo. A nosso ver “passar os conhecimentos” e tornar o aluno autônomo são idéias contraditórias, uma vez que se o aluno apenas recebe o conhecimento e o reproduz, ele não tem autonomia nem independência para utilizar o que lhe foi “passado”. Gostaríamos de lembrar que esse coordenador é o tradutor técnico dessa empresa e como ele mesmo afirma *com uma experiência de aproximadamente uns trinta anos no ensino de idiomas*, por isso acreditamos que tenha sido escolhido pela empresa I para ser o responsável pelo curso de inglês. Além disso, salientamos que não é nosso intuito criticar sua função dentro da empresa I, mas sim atentar para o fato de que sendo o tradutor técnico dessa empresa, provavelmente, não tenha tempo para se dedicar ao planejamento do curso de inglês oferecido nas instalações da empresa I. Reiteramos que o desenvolvimento de um curso de IPE requer um trabalho de equipe, a realização de uma análise de necessidades cuidadosa, o planejamento do currículo a ser ensinado durante o curso, além da seleção e/ou confecção de um material didático e isso tudo exige tempo e dedicação por parte daqueles envolvidos no curso. Ademais, o

conhecimento de teorias contemporâneas sobre o ensino-aprendizagem de LE e mais especificamente de IPE no caso de empresas parece fundamental para um trabalho menos intuitivo.

A nosso ver, a administração da empresa I por apenas desejar que seus funcionários aprendam a língua inglesa (por se tratar de uma multinacional), não parece ter consciência das necessidades específicas de todos seus funcionários. Parece-nos que, para a empresa I e para CI, todos os funcionários devem aprender o que já definimos anteriormente como Inglês para Propósitos de Negócios, ou seja, eles não parecem notar que funcionários de cargos diferentes têm necessidades diferentes. Portanto, os funcionários da área técnica da empresa, os quais precisam compreender os manuais de máquinas e normas técnicas, não teriam suas necessidades atendidas.

A coordenadora II afirma não saber o perfil de professor que a empresa II procura, já que essa empresa deixa essa escolha por conta da mesma. Entretanto, notamos que a empresa II procurou essa coordenadora porque ela faz cursos específicos os quais atendem a necessidades específicas de um público-alvo. Logo, podemos inferir que a empresa II parece ter consciência de que é preciso o ensino da língua inglesa para seus funcionários focando suas necessidades específicas para a execução de seu trabalho. Como mencionamos anteriormente, suas necessidades seriam desenvolver a compreensão escrita da língua-alvo de seus funcionários, haja vista os manuais de manutenção que utilizam no seu trabalho.

CII: A empresa nos procurou inicialmente por saber que fazemos cursos específicos para as necessidades do público-alvo, uma das características do inglês instrumental. (...) Não sei o que a empresa pensa ou gostaria de ter como professor, pois essa função ela deixa pra nós decidirmos.

Podemos dizer que a coordenadora II parece saber explicar as necessidades da empresa II de forma mais clara porque, como já explicitamos no capítulo 2 deste trabalho, ela

é quem comumente se reúne com a direção dessa empresa para discutirem sobre o andamento do curso de inglês, mantendo-se sempre informada daquilo que a empresa e seus funcionários necessitam.

Para comprovarmos nossa suposição de que a empresa I e o CI aparentam não estar conscientes de todas suas necessidades e que, todavia, a empresa II e a CII parecem estar mais adequadamente envolvidas com essa questão, utilizamos suas respostas à pergunta sobre o financiamento dos cursos.

Pesquisadora: A empresa custeia o curso?

*CI: Não, a empresa não paga. Até o ano passado a empresa subsidiava 50% do valor da mensalidade. Ai então ela decidiu que o curso de inglês seria cortado, não mais haveria o curso de inglês. Então, nós sugerimos que o funcionário pagasse do próprio bolso e a empresa apenas cedesse as instalações e ela **(a empresa)** concordou. (...)*

Pesquisadora: Por quê?

CI: Devido à crise que se instalou na empresa e nas empresas brasileiras em geral que trabalhavam com exportação por causa da cotação do dólar (...) caiu muito (...) então eles resolveram cortar e começaram cortando o curso de inglês e outros benefícios importantes para o funcionário.

Diante dessas respostas, podemos afirmar que a administração da empresa I aparenta não estar consciente de que é importante que ela valorize mais o curso, pois assim seus funcionários prestarão maior atenção à relevância de se estudar a língua para executarem seu trabalho.

No entanto, CII relata que a empresa II custeia o curso porque precisa obter uma certificação internacional a qual só é possível se seus funcionários aprenderem inglês.

Pesquisadora: A empresa custeia o curso? Por quê?

CII: Sim, porque para ela é fundamental que os alunos tenham conhecimento da língua, porque sem isso a empresa não pode receber certificação internacional.

Confirmamos com essa resposta que a empresa II parece ter consciência de que seus funcionários precisam aprender a língua inglesa. A nosso ver, essa consciência seria transmitida para os funcionários, como veremos na seção seguinte.

Para finalizarmos essa discussão, utilizamos a resposta de mais uma pergunta *O material didático utilizado nas aulas é selecionado de acordo com as necessidades dos funcionários?*

Ao analisarmos a resposta do coordenador I a essa quarta questão, observamos que este apresenta a visão de que o “método” (ao que nos parece o material didático na visão desse participante) a ser utilizado deve ser selecionado de acordo com o nível cultural dos alunos e de que o material utilizado no curso da empresa I atende sim às necessidades dos funcionários.

CI: Sim, o material didático é escolhido de acordo com a necessidade da empresa e do funcionário, por exemplo, é da produção, nós aplicamos o método que ele tenha acesso a ele pra que isso não se torne difícil, desmotivador (...) para os funcionários administrativos, o método é outro porque o nível cultural deles é um pouco mais alto.

Com base nessa resposta, reiteramos que o coordenador não parece saber claramente quais as necessidades dos funcionários da empresa I. Além disso, seleciona o material didático de acordo com o “nível cultural” dos alunos e, a nosso ver, não sabe distinguir método e MD. Concluimos, então, que o material utilizado, provavelmente, não atenda às necessidades dos funcionários da “produção”¹¹. Gostaríamos de atentar para o comentário de CI a respeito do “nível cultural” dos funcionários-alunos da empresa I, pois não concordamos quando diz que um método de ensino deve ser escolhido de acordo com a

¹¹ Funcionários da produção são aqueles que trabalham no setor onde o trabalho é mais técnico e mecânico.

cultura dos aprendizes, principalmente, porque CI parece acreditar que funcionários da área técnica têm menos cultura e por isso materiais utilizados com funcionários de outras áreas da empresa seriam difíceis para os técnicos acompanharem, logo materiais considerados fáceis seriam mais adequados a esses profissionais. A nosso ver, um material deve ser escolhido de acordo com as necessidades e o nível de proficiência já adquirido pelo aprendiz.

A coordenadora II descreve que o material utilizado na empresa II tem sido elaborado a partir dos manuais utilizados pelos funcionários.

CII: Cada vez mais o material tem sido elaborado com base nos manuais que os funcionários utilizam, utilizando tanto atividades de compreensão como de produção.

Cabe lembrarmos que a coordenadora II e a empresa II relatam que nesse contexto há a necessidade da leitura dos manuais de manutenção. Observamos novamente que a coordenadora II aparenta saber explicar com maior clareza as necessidades dessa empresa e de seus funcionários.

Ressaltamos que, provavelmente, a consciência ou não das empresas I e II esteja relacionada às suas origens, ou seja, a empresa I por ser americana deseja que seus funcionários aprendam a língua inglesa, porém parece acreditar que isso é de total responsabilidade desses funcionários. Já a empresa II, por ser brasileira precisa comprovar que é capaz de se manter no mercado, para tal precisa que seus funcionários aprendam a língua-alvo a fim de que receba uma certificação internacional. Portanto, aparentam estar conscientes de suas necessidades lingüísticas em LE e conscientizariam também seus funcionários.

Cabe aqui retomarmos Hutchinson e Waters (1987) e Augusto e outros (no prelo) quando discutem a questão da consciência em um curso de IPE. Para os primeiros estudiosos, o que difere um curso de IPE de um de IPG é a consciência que o aprendiz tem de suas necessidades, portanto não basta ter necessidade de aprender uma língua, tem que estar

consciente dela. Augusto e outros (no prelo) demonstraram que, muitas vezes, a própria empresa não tem consciência das necessidades reais de seus funcionários em relação à língua-alvo e conseqüentemente esses profissionais também não têm. Concordamos com esses pesquisadores e acreditamos que a conscientização de todos aqueles envolvidos no processo de ensino de um curso de IPE é importante para que o curso atenda a essas necessidades e seja aperfeiçoado à medida que é desenvolvido.

3.1.2 A Consciência dos Funcionários em Relação às suas Necessidades Lingüísticas para seu Desempenho Profissional

Discutimos aqui em que medida os funcionários têm consciência de suas necessidades lingüísticas para melhor desempenhar suas funções dentro das empresas I e II. Essa discussão nos auxilia a responder a segunda questão de pesquisa proposta neste trabalho, a qual reescrevemos:

2. Em que medida os funcionários das empresas I e II estão conscientes de suas necessidades lingüísticas em LE para seu melhor desempenho profissional?

Utilizamos as respostas dadas pelos funcionários-alunos das empresas por nós investigadas às perguntas: *Por que você procurou o curso de inglês da empresa?* E *O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?*, por ocasião do questionário entregue e recolhido pelas professoras A, B, C e D.

Iniciamos nossa investigação a partir das respostas dos funcionários-alunos da empresa I à primeira pergunta. Verificamos essas respostas no quadro abaixo:

Funcionários da empresa I	Por que procurou o curso de inglês da empresa
F1I	Custo menor; melhor aproveitamento do horário de almoço.
F1II	Por ser na própria empresa; horário das aulas.
F1III	Por gostar e porque hoje em dia é necessário.
F1IV	Por comodidade e preço.
F1V	Necessidade e por ser na própria empresa.
F1VI	O inglês é importante porque trabalha com manuais e painéis de comando.
F1VII	Custo viável e horário flexível.
F1VIII	Custo menor; por ser na própria empresa e horário das aulas.

Tabela 3 – Motivos pelos quais os funcionários da empresa I procuraram seu curso

Como podemos observar, sete desses funcionários (F1I, F1II, F1III, F1IV, F1V, F1VII e F1VIII) citaram mais de um motivo para frequentar o curso da empresa. Utilizamos as respostas de alguns deles enquanto exemplo.

Pesquisadora: Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

F1I (apêndice 10): 1º) Custo menor quando comparado ao mercado

2º) Aproveitar melhor o horário de almoço

F1II (apêndice 11): Devido meu horário de trabalho e a facilidade de ser na própria empresa, pois as aulas são 2x por semana, 1 hora antes do meu horário de entrada p/ o trabalho.

F1IV (apêndice 13): Comodidade e preço.

Diante dessas respostas, notamos que o custo menor foi citado por quatro funcionários (F1I, F1IV, F1VII e F1VIII), como podemos observar abaixo:

F1VII (Apêndice 16): Custo benefício viável, disponibilidade, horário flexível.

F1VIII (apêndice 17): Por estar enquadrado no meu orçamento, ser nas dependências da empresa e em horário que concilia o meu horário de serviço e de estudo.

Também aparece quatro vezes (F1II, F1IV, F1V e F1VII) o fato de ser na empresa uma das razões pelas quais eles escolheram esse curso. O fator horário das aulas também foi mencionado por três funcionários (F1II, F1VII e F1VIII). F1III e F1VI apresentaram razões diferentes dos outros funcionários.

Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

F1III (vide apêndice 12): Por que gosto e nos dias de hoje é necessário.

F1VI (vide apêndice 15): O inglês é importante para diversas área, pois trabalho com painéis de comando e o esquema elétrico e os manuais são na maioria em inglês.

Com base nessas respostas, podemos dizer que, em sua maioria, os funcionários da empresa I afirmam freqüentar o curso de inglês nessa empresa, uma vez que o custo é menor, o horário das aulas é mais flexível e é cômodo o curso ser na própria empresa. Observamos a influência da cultura norte-americana nos depoimentos desses participantes, uma vez que alegam freqüentar o curso oferecido nessa empresa já que eles podem “aproveitar melhor o horário de almoço”, por exemplo. O fato de o curso ter preço menor do que o de mercado também atrai esses funcionários, todavia essa característica significa, geralmente, menor tempo de dedicação da equipe envolvida com o oferecimento do curso e, conseqüentemente, menor qualidade de ensino e, portanto, o não sucesso na aprendizagem de uma LE.

Um funcionário (F1III) alega que gosta de estudar a língua-alvo e acredita que nos dias de hoje é necessário, mas não dá exemplos concretos da relação de seu desempenho profissional com a língua. A nosso ver, essa é uma idéia difundida pela mídia de que atualmente é necessário que aprendamos o inglês ou até mesmo outros idiomas para que tenhamos um melhor emprego, por exemplo. Apenas F1VI afirma ter procurado o curso da

empresa por que precisa do inglês para executar suas tarefas de trabalho, haja vista que se depara com painéis de comando e manuais nessa língua.

Diante desses relatos, concluímos que esses funcionários parecem ter a mesma visão que a própria empresa I de que precisam aprender inglês porque trabalham em uma multinacional que, como tal, recebe e produz *e-mails*, normas, documentos, entre outros nessa língua. Além disso, parecem reproduzir o discurso veiculado, tanto por empresas quanto pela mídia, de que aprender uma LE “nos dias de hoje é necessário”.

Em vista disso, como mencionamos na seção anterior, os funcionários, assim como a própria empresa e CI, aparentam não ter a consciência de que precisam do inglês, não somente porque a mídia ou o mercado de trabalho exige, mas principalmente, porque se deparam com a língua-alvo durante a execução de suas tarefas de trabalho e que os gêneros com que trabalham são específicos, assim como a existência de uma metodologia própria e adequada para esses casos, o IPE. Dessa forma, a aprendizagem dessa língua seria importante para o melhor desempenho lingüístico em LE na realização da rotina de trabalho desses funcionários. Lembramos que é relevante que todos os envolvidos no desenvolvimento de um curso de IPE estejam conscientes das necessidades a respeito de uma LE.

Passemos à análise das respostas dos funcionários da empresa II a essa primeira pergunta.

Funcionários da empresa II	Por que procurou o curso de inglês da empresa
F2I	Necessidade.
F2II	Dificuldade para compreender os manuais.
F2III	Convite da empresa.
F2IV	Convite da empresa.
F2V	Aperfeiçoar os conhecimentos sobre os manuais.
F2VI	Pelo fato dos manuais serem em inglês.

F2VII	Melhorar a leitura e compreensão dos manuais e baixar fichas de reparo.
F2VIII	Conhecer o inglês instrumental.
F2IX	Aprender a traduzir os manuais.
F2X	Conhecer melhor os manuais.

Tabela 4 - Motivos pelos quais os funcionários da empresa II procuraram seu curso

Ao analisarmos a tabela 2, verificamos que seis funcionários (F2II, F2V, F2VI, F2VII, F2IX e F2X) afirmam ter procurado o curso da empresa II porque precisam compreender os manuais, como podemos verificar abaixo:

Pesquisadora: Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

F2II (apêndice 19): Pela dificuldade em entender os manuais.

F2VII (apêndice 24): Para melhorar a leitura, o entendimento dos manuais, e baixar fichas de reparo.

F2IX (apêndice 26): Melhorar e aprender a traduzir manuais.

Dois funcionários (F2III e F2IV) alegam terem sido convidados pela empresa para freqüentarem o curso; F2I alegou que tem necessidade, por isso procurou o curso e F2VIII afirmou ter procurado o curso para conhecer o “inglês instrumental”.

F2III (apêndice 20): Fui convidado a fazer o curso.

F2IV (apêndice 21): Fui convidado a fazer o curso pela empresa.

F2VIII (apêndice 25): Para conhecer o inglês instrumental e aprender esta linguagem.

A nosso ver, a maioria desses funcionários parece ter consciência de suas necessidades lingüísticas para o melhor desempenho de seu trabalho. A partir das respostas de F2III e F2IV, podemos observar a consciência da empresa ao convidá-los para fazerem o curso, mas eles não deixam claro se atenderam ao convite por receio ou por consciência, provavelmente pela primeira razão, já que não elegeram relatar necessidade e sim o convite da

empresa. Reiteramos que os funcionários são selecionados para fazerem o curso de uma forma que isso não atrapalhe o andamento das atividades dentro dessa empresa, por isso os funcionários não freqüentam o curso todos de uma vez.

Em relação à afirmação de F2VIII sobre ter procurado o curso para conhecer o “inglês instrumental”, inferimos que saiba de sua necessidade em estudar inglês e por isso teria decidido conhecer a metodologia utilizada no curso dentro da empresa. Em vista disso, parece-nos que os funcionários da empresa II estão mais conscientes sobre suas necessidades em relação à língua-alvo. Reiteramos que, como discutimos na seção anterior, a empresa II e a coordenadora II parecem saber com maior clareza quais as necessidades dos funcionários, portanto seus funcionários também parecem estar mais conscientes dessas necessidades.

Isso posto, avaliamos as respostas dos funcionários à segunda pergunta. Primeiramente, verificamos as respostas dos funcionários da empresa I, como podemos observar no quadro abaixo:

Funcionários da empresa I	O que recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa
F1I	Nada.
F1II	<i>E-mails</i> e relatórios.
F1III	Mensagens de erros e manuais de equipamentos.
F1IV	Gráficos, planilhas e relatórios.
F1V	<i>E-mails</i> .
F1VI	Não respondeu. ¹²
F1VII	Normas, cotações, programas de máquinas, catálogos, <i>e-mails</i> .
F1VIII	Desenhos, manuais e encartes de equipamentos e instrumentos.

10 FVI respondeu da seguinte forma: *O meu conhecimento de inglês atualmente é voltado para o meu próprio interesse, pois é para meu próprio desenvolvimento profissional.*

Tabela 5 – O que é recebido e/ou produzido em inglês dentro da empresa I

A partir dessas respostas, observamos que os funcionários da empresa I mesmo não tendo mencionado, em sua maioria, que precisam estudar inglês para executarem suas tarefas de trabalho, ao mencionarem o que recebem e/ou produzem em inglês dentro da empresa, indicam, em sua maioria, que há a necessidade de que desenvolvam sobretudo a leitura para que compreendam *e-mails*, relatórios, programas de máquinas, manuais, encartes de equipamentos, entre outros.

Relembramos que F1I afirma ter procurado o curso da empresa I pelo fato de ser mais barato e para aproveitar melhor seu horário de almoço (ver tabela 3). Ao responder a segunda pergunta, alega não receber e/ou produzir “nada” em inglês dentro dessa empresa. Portanto, esse funcionário parece freqüentar o curso por interesse, comodidade e por reproduzir a cultura norte-americana de melhor aproveitar seu horário de almoço.

Gostaríamos de atentar para F1VI (ver tabela 3), já que nos informou que trabalha com painéis de comando e o esquema elétrico e os manuais são em inglês, por isso teria procurado o curso da empresa I. Entretanto, ao responder a segunda pergunta, afirma que faz o curso de inglês porque é de seu interesse, uma vez que almeja o próprio desenvolvimento profissional. Parece-nos que esse funcionário tem consciência de que precisa do inglês para executar seu trabalho e, ao mesmo tempo, acredita que aprender a língua-alvo vai ajudá-lo a se desenvolver profissionalmente, ou seja, talvez o ajude a crescer dentro da empresa e não somente a executar suas tarefas. Observamos também que ele associa necessidade com interesse, uma vez que precisa do curso porque se depara com manuais em inglês no seu trabalho e declara que faz o curso por interesse e para seu desenvolvimento profissional. Nesse caso, necessidades e interesses parecem estar integrados, o que nem sempre ocorre, como nos lembram Augusto-Navarro e outros (no prelo).

Avaliamos então as respostas dos funcionários da empresa II à segunda pergunta. Verificamos suas respostas no quadro que segue:

Funcionários da empresa II	O que recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa
F2I	Tarefas e respostas sobre o trabalho feito.
F2II	Tudo.
F2III	Tarefas e respostas sobre a tarefa.
F2IV	Tarefas e respostas sobre a tarefa.
F2V	Manuais e fichas de serviço.
F2VI	Manuais.
F2VII	Fichas de peças.
F2VIII	Manuais.
F2IX	Pouco.
F2X	Fichas sobre as tarefas executadas.

Tabela 6 - O que é recebido e/ou produzido em inglês dentro da empresa II

Diante dessas respostas, notamos que a maioria dos funcionários também tem a necessidade de desenvolver a produção escrita, haja vista que recebem e preenchem fichas sobre as tarefas que executam em sua rotina de trabalho. Todavia, com base nos dados coletados a partir das respostas desses funcionários à primeira pergunta (ver tabela 1), inferimos que os manuais sejam a base primária para que eles realizem seu trabalho. Podemos observar que esses funcionários parecem estar conscientes de suas necessidades lingüísticas para melhor desempenharem suas tarefas.

Gostaríamos de comentar a resposta de F2IX à segunda pergunta, pois afirma receber e/ou produzir “pouco” em inglês dentro da empresa. No entanto, alegou ter procurado o curso da empresa II porque precisa aprender a traduzir os manuais. Então, parece-nos que esse funcionário não recebe nem preenche fichas de serviço, apenas tem que compreender os manuais, o que para ele seria “pouco”. Além disso, esse funcionário acredita ter que traduzir os manuais e não compreendê-los, o que viria contra a metodologia de ensino de IPE.

A partir do que discutimos anteriormente, os funcionários da empresa I parecem acreditar que necessitam aprender a língua inglesa porque a empresa I é uma multinacional e essa aprendizagem os ajudaria a crescer dentro da empresa. Por isso, parecemos que, com base nas respostas desses funcionários à pergunta - *O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?* – os funcionários-alunos aparentam não ter consciência de suas necessidades lingüísticas em LE para seu melhor desempenho profissional, tais como desenvolver a compreensão e produção escrita em inglês.

Acreditamos que seria relevante um trabalho direcionado nessa empresa, pois sabem que aprender inglês pode fazer diferença na carreira, mas não parecem saber que há a necessidade de que freqüentem um curso que seja voltado para aquilo que declararam receber e/ou produzir durante a execução de suas tarefas de trabalho (vide tabela 5). Além disso, possuem o imaginário de que precisam aprender a falar, quando não necessitam, principalmente os técnicos, diretamente dessa habilidade.

Já os funcionários da empresa II parecem ter mais consciência de suas necessidades lingüísticas para seu melhor desempenho profissional, pois mencionaram em suas respostas às perguntas a necessidade que têm em compreender os manuais utilizados durante seu trabalho. Podemos dizer também que há a necessidade de que desenvolvam a produção escrita, haja vista que recebem e preenchem fichas de serviço.

Ressaltamos que a consciência da empresa em relação a suas necessidades lingüísticas em LE é essencial para que os funcionários também a tenham. Pudemos observar que a empresa I, o coordenador I e os funcionários-alunos dessa empresa vêm a aprendizagem da língua-alvo enquanto necessária porque essa empresa é uma multinacional e seus funcionários poderiam se desenvolver profissionalmente. Salientamos que a empresa I não é a única a apresentar essa visão.

Já a empresa II, a coordenadora II e os funcionários-alunos dessa empresa aparentam estar conscientes de que é necessário que seus profissionais aprendam essa língua, em razão dos manuais de manutenção utilizados na execução das tarefas de trabalho estarem em inglês. Portanto, parece-nos que esses participantes estariam mais atentos às necessidades lingüísticas em LE específicas da empresa II. Contudo, não podemos afirmar com certeza que todos os funcionários-alunos dessa empresa teriam sido sinceros ao responderem ao questionário talvez por recearem que suas respostas caíssem nas mãos da diretoria da empresa na qual trabalham. Além disso, há a possibilidade de que esses funcionários apenas estejam repetindo o discurso tanto da empresa II quanto da equipe de professores que atuam nesse contexto de que a necessidade da empresa seja aprender a língua para compreender os manuais, da mesma forma que os funcionários-alunos da empresa I parecem reproduzir o que pregam as multinacionais, o mercado de trabalho e a mídia.

3.1.3 A Relação entre as Necessidades e Interesses dos Funcionários-Alunos

Após analisarmos as necessidades lingüísticas em LE para o melhor desempenho profissional dos funcionários-alunos das empresas I e II, bem como se eles estão conscientes ou não dessas necessidades, avaliamos se há pontos nos quais as necessidades e interesses desses alunos coincidem ou diferem.

Fazemos essa avaliação com o objetivo de respondermos a terceira questão proposta nesta pesquisa:

3. Em que pontos as necessidades e interesses dos funcionários-alunos tanto da empresa I quanto da empresa II:

a) coincidem?

b) diferem?

Para tal, utilizamos os dados oriundos das respostas dos funcionários à pergunta: *O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?*. Também fazemos uso das respostas das professoras às perguntas: *Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários-alunos?* e *Quais são os interesses dos funcionários?*. Utilizamos essas duas perguntas, pois somente PC nos informou os interesses dos funcionários ao responder a primeira pergunta. PA e PD descreveram os interesses desses alunos ao responderem a segunda pergunta e PB parece ter confundido os termos interesses e necessidades como veremos no seu relato.

Por fim, retomamos a análise dos dados provenientes das respostas dos coordenadores I e II às perguntas *Qual o perfil do professor que a empresa procura?* e *A empresa custeia o curso? Por quê?*.

Devemos lembrar, primeiramente, que além de necessidades, os funcionários-alunos também possuem interesses em relação à aprendizagem da língua inglesa. Além disso, a consciência que esses alunos têm sobre suas necessidades e interesses é importante para que eles atinjam seus objetivos de aprendizagem. Segundo Hutchinson e Waters (1987), também é necessário que se identifique as lacunas no conhecimento dos aprendizes em relação à língua, bem como os desejos dos aprendizes sobre a língua-alvo.

Iniciamos nossa análise avaliando as respostas dos alunos à pergunta *O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?*.

Diante de suas respostas, notamos que os interesses de dois funcionários da empresa I são diferentes de suas necessidades. Esses funcionários parecem estar interessados em idéias veiculadas como cruciais pela mídia, como conversação, compreensão oral e pronúncia. Esses informantes aparentam não perceber a inconsistência entre o que apontam

como necessidade e o que revelam querer aprender, conforme podemos observar nas transcrições abaixo.

Funcionário IVI (apêndice 15): No momento atendem e espero esforçar-me para chegar a falar um inglês fluente, pois acredito que o importante é educar o ouvido para entender.

Funcionário IVII (apêndice 16): (...) viso melhorar principalmente a conversação e a gramática.

Provavelmente essa situação seja fruto de uma possível falta de consciência de que existem várias maneiras de estudar LE que venha ao encontro de suas necessidades específicas.

Ressaltamos que dois funcionários (FII e FIVIII) afirmam que o curso e o material atendem aos seus interesses, uma vez que as professoras fornecem materiais complementares.

FII (apêndice 10): Sim, pois a professora consegue atender outros temas que o livro não aborda.

FIVIII (apêndice 17): Sim, pois sempre estamos utilizando materiais complementares.

A partir desses relatos, inferimos que o material atende parcialmente a todos os interesses desses funcionários, por isso as professoras complementariam com atividades extras. Sabemos que a maioria dos materiais didáticos encontrados no mercado não atende a todas as necessidades e interesses, principalmente, de profissionais da área técnica das empresas. Esse fato é confirmado por Dudley-Evans e St John (1998), ao afirmarem que é raramente possível usar um livro sem a necessidade de material complementar e às vezes não existem materiais publicados que atendam a certas necessidades identificadas.

Entretanto, esses aprendizes não parecem ver claramente que suas necessidades não são atendidas pelo curso e pelo material adotado por este. Além disso, alguns desses aprendizes realmente parecem acreditar que seus interesses são atendidos, já que têm a idéia, muito difundida pela mídia e por escolas de idioma, de que precisam ter boa pronúncia, compreensão oral, enfim, falar fluentemente.

Os funcionários F1II, F1III e F1V também afirmam que o curso e o material adotado atende aos seus interesses, mencionando razões diferentes daquelas dos funcionários já citados.

F1II (apêndice 11): Sim, porque está atualizado, mas deveríamos ter o CD e o Vídeo em sala como auxiliares.

F1III (apêndice 12): Sim. É a forma ideal p/ estudar.

F1IV (apêndice 13): Sim, em partes.

F1V (apêndice 14): Sim. Porque o conteúdo é de boa qualidade.

Avaliando essas respostas, podemos observar que F1II e F1V acreditam que o material “está atualizado” e é “de boa qualidade”. Contudo F1II pensa que é necessário que se use CD e vídeo como auxiliares do material. Podemos observar que esses alunos aparentam ter a concepção de que material com temas atuais e conteúdos os quais consideram interessantes atende aos seus interesses, assim como F1II acredita que há a necessidade de exercícios de compreensão oral, provavelmente, por meio de músicas, diálogos e filmes. Já F1IV alega que o material atende parcialmente aos seus interesses, assim como F1I e F1VIII afirmaram, porém F1IV não explicita suas razões. É importante ressaltar que não objetivamos criticar as opiniões desses funcionários, mais sim descrevê-las.

Reiteramos que, de acordo com esses mesmos funcionários, eles recebem e/ou produzem em inglês dentro da empresa I relatórios, *e-mails*, manuais de equipamentos, entre outros. Logo, a nosso ver, seria necessário que o curso e o material adotado nesse contexto

objetivassem atender os propósitos específicos dessa empresa e de seus funcionários, tais como a leitura e a produção escrita. As outras habilidades podem ser trabalhadas colateralmente tendo sempre em mente os objetivos principais.

Salientamos que na empresa I também cabe um curso voltado para propósitos de negócios, uma vez que os diretores necessitam desenvolver as quatro habilidades devido a tarefas de trabalho. Segundo Dudley-Evans e St John (1998), o ensino de Inglês para Propósitos de Negócios (IPN) é a área de maior crescimento em IPE. Isso se deve à expansão dos negócios internacionais, entretanto, parece-nos que nessa empresa o ensino de IPN não é adequado para todos os funcionários, já que aqueles da área técnica têm necessidades diferentes desses diretores, por exemplo. Acrescentamos que, conforme esses autores, a análise de necessidades é também fundamental para o ensino de inglês para negócios. Contudo, podemos inferir que na empresa I não há a realização dessa análise em momento algum do curso.

Por fim, podemos dizer que F1II também acredita que o curso e o material atendam aos seus interesses de forma incompleta, assim como outros já disseram, uma vez que alegaram que as professoras utilizam materiais ou atividades complementares.

A nosso ver, as necessidades e os interesses desses alunos diferem à medida que, em sua rotina de trabalho, precisam ler e alguns, até mesmo, escrever utilizando a língua inglesa. Todavia, declaram ter interesse em se tornar fluentes, obterem uma pronúncia melhor, assim como uma melhor compreensão oral. Ressaltamos que muitos aprendizes de língua inglesa, até mesmo de outras línguas estrangeiras, têm esses objetivos ao procurarem por cursos de idiomas. Apesar disso, esses funcionários parecem acreditar que suas necessidades e interesses coincidem, já que não parecem perceber a inconsistência entre o que apontam como necessidade e o que revelam ter vontade de aprender. Cabe salientarmos que é importante que o aprendiz tenha claros suas necessidades e expectativas para que esteja consciente de seus

objetivos ao aprender uma LE. Assim, saberá conciliar os dois durante seu processo de aprendizagem.

Isso posto, passemos à análise das respostas dos funcionários da empresa II. Conforme o que dissemos na seção anterior, constatamos que os funcionários da empresa II mencionam suas necessidades de aprendizagem do inglês para executarem seu trabalho. Ao avaliarmos suas respostas à pergunta - *O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?* - podemos dizer que todos afirmam que sim. Contudo, quatro funcionários (F2III, F2IV, F2V e F2VIII) não explicaram o porquê, por isso não utilizaremos suas respostas, já que não temos condições de explorá-las.

O funcionário I também acredita que o curso atende aos seus interesses porque ele está interessado em aprender a língua.

F2I (apêndice 18): Sim, porque eu quero aprender inglês.

Podemos inferir que esse aprendiz além de saber de sua necessidade em aprender a língua-alvo, também se interessa pela língua. Já que o curso busca suprir as necessidades da empresa ao ensinar inglês, ele também atende aos interesses de F2I, integrando necessidade e interesse. Quando existe essa integração para o aprendiz, acreditamos que se estabeleça uma oportunidade bastante rica de se atingir os objetivos de um curso de língua para propósitos específicos, uma vez que se instaura uma motivação para o alcance do conhecimento de que se necessita.

Ressaltamos que três funcionários (F2II, F2VI e F2VII) afirmam que têm os seus interesses atendidos pelo curso e pelo material, haja vista que estes são voltados para suas necessidades ao realizarem suas tarefas de trabalho.

F2II (apêndice 19): Sim, ensina o que necessito durante a execução do meu trabalho.

F2VI (apêndice 23): Sim, são voltados especificamente para uso dentro da empresa.

F2VII (apêndice 24): Sim, quero aprender muito sobre os manuais.

Com base nessas respostas, inferimos que esses funcionários têm necessidade e interesse em aprender a língua para desempenhar melhor suas funções dentro da empresa. Dessa forma, parece-nos que as necessidades e interesses desses funcionários coincidem. Todavia, reiteramos que talvez por recearem que suas respostas fossem lidas pelos diretores da empresa II, esses funcionários-alunos teriam respondido de tal maneira. Além disso, também há a possibilidade de que eles estejam apenas repetindo o discurso da empresa e de toda a equipe de professores sobre a necessidade de compreenderem os manuais de manutenção utilizados em sua rotina de trabalho.

Os funcionários 2IX e 2X também confirmam que têm seus interesses atendidos, porém apresentam razões diferentes.

F2IX (apêndice 26): Sim. Conhecimento nunca é demais.

F2X (apêndice 27): Sim, são métodos que eu já utilizava sem saber.

Lembramos que F2IX declarou ter procurado o curso da empresa II por necessidade (ver tabela 4), o que nos faz supor que precisa do inglês para desempenhar seu trabalho. No entanto, afirma que o curso e o material atendem aos seus interesses porque fornecem conhecimento, entretanto a utilização da palavra “nunca”, ao relatar que “conhecimento nunca é demais”, dá um sentido negativo a sua resposta. Talvez esse funcionário se sinta obrigado a fazer o curso ou, então, suas necessidades sejam diferentes daquelas da empresa II.

Já F2X afirma que os “métodos” utilizados no curso da empresa II são os mesmos que ele sempre utilizou, provavelmente, para ler os manuais. Entendemos, então, que

as necessidades e interesses desse aprendiz coincidem, uma vez que declarou ter procurado o curso para conhecer melhor os manuais da empresa (ver tabela 4).

Isso posto, analisamos as respostas das professoras às perguntas *Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários?* e *Quais são os interesses dos funcionários?*.

Avaliamos primeiro as respostas das professoras A e B da empresa I à primeira pergunta.

PA (vide apêndice 6), ao respondê-la, declara que procura atender aos interesses e necessidades tanto da empresa quanto de seus funcionários, contudo afirma que não leciona sempre assuntos relacionados à empresa.

PA: Sim, procuro. Dependendo do nível dos meus alunos. Não é integral, somente voltado para a empresa. As aulas não são totalmente voltadas para a empresa. Tem mais o ensino de inglês (...) assim, às vezes curso, não no contexto da empresa.

PB (vide apêndice 7) não respondeu claramente a essa questão, apenas citou o cronograma o qual deve ser seguido em uma empresa, bem como o tempo de curso geralmente adotado em escola de idioma no qual PB também leciona.

PB: Geralmente sim, né? Porque é uma combinação dos interesses dos alunos porque na empresa você tem que seguir um cronograma, tem um número de aulas exatas. Quando os alunos vão lá pra ter informação sobre quanto tempo de duração tem o curso de inglês (...) principalmente têm duração de quatro anos ou quatro anos e meio (...). Tem que ter então uma concordância.

Podemos observar que a professora associa necessidade e interesse ao tempo de duração de um curso. Provavelmente, esteja habituada a trabalhar com cursos de inglês para propósitos gerais os quais comumente abrangem todas as habilidades (*listening, speaking, reading e writing*).

Ao analisarmos as respostas das professoras C e D, podemos dizer que os funcionários da empresa II aparentam ter interesse na aprendizagem de outras habilidades, além da leitura.

PC (apêndice 8): (...) o aluno se interessa por outras habilidades da língua como a fala, pronúncia.

PD (apêndice 9): Pelo que eu percebo com os meus alunos, alguns se interessam por inglês e gostariam de praticar speaking também nas aulas, (...)

Diante dessas respostas, notamos que os funcionários da empresa II também têm interesse em aprender outras habilidades e aspectos da língua-alvo que são enfatizadas pela mídia tais como *speaking* e pronúncia. Nesse ponto, aprendizes das empresas I e II teriam os mesmos interesses em relação à aprendizagem da língua inglesa. Entretanto, como vimos acima, os alunos da segunda empresa não afirmam ter esses interesses ao responderem ao questionário (vide apêndice 3). Porém, de acordo com o relato de PC e PD, esses funcionários também parecem possuir outros interesses.

Provavelmente, em razão do trabalho de conscientização realizado na empresa II, ainda que os funcionários tenham outros interesses ditados pela mídia, eles parecem ter uma noção mais precisa de qual é o objetivo do curso que fazem na empresa. Segundo Augusto-Navarro e outros (no prelo), um trabalho contínuo de conscientização é crucial em casos em que empresas, ou outras entidades promovem cursos de línguas para propósitos específicos, já que uma vez conscientes da proposta terão maiores chances de aceitá-la e de não criar expectativas que poderão frustrá-los no decorrer curso.

Continuando nossa análise, apresentamos as respostas da professora PA face à pergunta: *Quais são os interesses dos funcionários?*.

PA afirma que a maioria de seus alunos faz o curso porque a empresa pede e que alguns deles freqüentariam o curso por estarem cursando a faculdade ou mestrado.

Acrescentamos que PA nos informou, ao responder a segunda pergunta da entrevista (vide apêndice 6) que seus alunos da empresa I têm necessidade de aprender a língua-alvo por que precisam ler manuais e falar inglês. O que confirmaria o que os funcionários teriam citado ao descreverem o que é recebido e/ou produzido em inglês dentro da empresa I (vide tabela 3). Entretanto, ela parece acreditar que as necessidades e interesses desses aprendizes coincidem, pelo menos em sua maioria.

PA: É (...) de todos os meus alunos dois ou três só que têm interesse também pra fora, pra faculdade que eles tão fazendo, pra mestrado (...), mas a maioria dos meus alunos são interessados somente pra empresa. Fazem porque a empresa pede pra que tenha o inglês apesar de não incentivar financeiramente.

Contudo, como já dissemos, segundo nossa análise, suas necessidades e interesses diferem, porém para esses funcionários coincidem, uma vez que não parecem perceber que o curso por eles freqüentado não seria adequado para suprir suas necessidades. Esse fato é lamentável, já que na maioria dos casos parece haver necessidade e interesse integráveis, o que poderia gerar resultados mais frutíferos.

PB não nos informou quais os interesses dos funcionários que são seus alunos na empresa I, pois parece ter descrito os interesses de seus alunos de outros contextos nos quais leciona (vide apêndice 7). No entanto, utilizamos sua resposta na pergunta - *Então você faz o material de acordo com o que eles precisam? De acordo com as necessidades dos alunos?* - com o intuito de avaliarmos como PB explica as necessidades de seus aprendizes.

PB: Exatamente. Mais assim, por exemplo, eu tenho turmas variadas (...) é pessoal de chefia, mestre, diretor é mais ênfase em conversação pra praticar o inglês, pra ter fluência. Agora os funcionários operários é mais pra atender o que eles nunca viram na vida. Eles estão lá pra tentar se comunicar mais pra também aprender.

Podemos observar que PB, assim como PA, afirma que nesse contexto de ensino há funcionários que têm necessidades diferentes em utilizar o inglês na execução de seu trabalho. Aqueles que ocupam postos mais altos precisam desenvolver principalmente a conversação, já que, provavelmente, recebem a visita de estrangeiros, bem como viajam para outros países a trabalho. Diferentemente de PA, PB tem a visão de que seus alunos operários freqüentam o curso para “tentar” se comunicar utilizando a língua-alvo, ou seja, esses aprendizes teriam um conhecimento mínimo ou nulo de inglês e, com dificuldade, eles estariam tentando progredir e se comunicar em inglês. Lembramos que esses funcionários da área técnica possuem necessidades diferentes dos diretores da empresa I, haja vista que precisam ler manuais, encartes, interpretar erros, entre outros. Parece-nos que PB não percebe essa diferença e que, por isso, ensina outras habilidades que não a leitura. Dessa forma, acaba atendendo aos interesses de seus alunos, pois eles declararam desejar aprimorar sua fluência oral da língua.

Finalizamos esta análise discutindo, novamente, as respostas dos coordenadores I e II face às perguntas: *Qual o perfil do professor que a empresa procura?* e *A empresa custeia o curso? Por quê?*. Faremos essa retomada para triangularmos os dados provenientes das respostas dos funcionários, professores e coordenadores a fim de que discorramos sobre a consciência das duas equipes dos cursos das empresas I e II a respeito das necessidades lingüísticas em LE para o melhor desempenho profissional de seus funcionários. A partir disso, podemos analisar os reflexos dessa consciência na conscientização desses funcionários sobre suas necessidades e interesses em relação à aprendizagem da língua inglesa.

A partir da resposta do coordenador I face à primeira pergunta, podemos observar que ele, representando a empresa I, tem a visão de que um professor deve tornar o

aluno independente no uso da língua-alvo e para tal deve ser fluente na língua e ter vivido em um país onde o inglês seja o primeiro idioma.

PA: O perfil do professor tem que ser o professor (...) tem que ser uma pessoa fluente no idioma, de preferência que tenha morado em um país onde o inglês é a língua nativa porque o que se procura no professor é que ele seja capaz de passar os conhecimentos para o funcionário de modo que o funcionário se torne autônomo, se torne independente quando se precisa aplicar o inglês.

Notamos também que CI tem a visão de professor enquanto transmissor de conhecimento, logo o aluno seria um mero receptor desse conhecimento, aplicando-o em suas atividades de trabalho. Reiteramos que nem a empresa I nem CI parece ter conhecimento teórico e/ou prático sobre IPE, além disso, parecem ter uma visão tradicional sobre o ensino-aprendizagem de línguas.

Ressaltamos que essa visão já está ultrapassada e um professor de inglês para propósitos específicos seria um gerenciador, aquele que organiza e coordena os aspectos envolvidos no ensino-aprendizagem de LE para fins específicos. Além disso, segundo a metodologia do IPE (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 1998; HUTCHINSON; WATERS, 1987) o professor pode exercer diferentes papéis tais como consultor, analista, escritor e fornecedor de materiais, entre outros, tendo sempre em mente atender às necessidades específicas de seus alunos. Além disso, conforme Dudley-Evans e St John, no ensino de IPE o professor não é quem detém o conhecimento primário do conteúdo profissional do material. Contudo não parece que a empresa I e CI tenham conhecimento dos diversos papéis que um professor, e principalmente ele – coordenador, pode (e deve) exercer.

Isso posto, passamos agora à análise da resposta da coordenadora II face a essa primeira pergunta.

Conforme sua resposta, ela foi contratada pela empresa devido aos seus conhecimentos sobre o ensino de inglês para fins específicos. Todavia, afirma que as crenças que os gerentes da empresa têm a respeito da aprendizagem de uma língua podem ser contrárias ao que o IPE pressupõe.

Coordenadora II (apêndice 5) *A empresa nos procurou inicialmente por saber que fazemos cursos específicos para as necessidades do público-alvo, uma das características do inglês instrumental. Entretanto, dependendo da chefia que nos atende, percebemos que as crenças de como se aprende uma língua acaba afetando a visão que podem ter do nosso trabalho. Eles querem, muitas vezes, que se ensine por tradução ou pela gramática, metodologia essa que vai de encontro com o que o inglês instrumental pressupõe. Não sei o que a empresa pensa ou gostaria de ter como professor, pois essa função ela deixa pra nós decidirmos.*

Com base nessa resposta, parece-nos que a empresa II sabe das necessidades específicas de seus funcionários e que para supri-las é relevante que se organize um curso que atenda a essas necessidades, todavia suas concepções sobre o ensino de língua e até mesmo a falta de conhecimento sobre a metodologia de ensino de inglês para propósitos específicos, contrariam essa metodologia.

A nosso ver, a coordenadora II, por ter o conhecimento teórico e prático dessa metodologia, aparenta ter consciência da importância de se planejar um curso voltado para os fins específicos de seu público-alvo a partir de uma prévia análise de necessidades. Além disso, toda a equipe de professores que leciona nessa empresa é orientada por ela, e por mais uma coordenadora¹³ para atenderem às necessidades da empresa. Portanto, todo o material utilizado também seria preparado com esse propósito. Para Hutchinson e Waters (1987), o ensino de IPE é uma metodologia de ensino de língua que objetiva atender às necessidades

¹³ Escolhemos apenas uma das coordenadoras do curso da empresa II, haja vista que uma delas também é orientadora desta pesquisa. Portanto, para que houvesse um certo distanciamento na coleta de dados, escolhemos apenas uma para que fosse nossa informante.

dos aprendizes. Além disso, grande parte do trabalho realizado por profissionais que adotam essa metodologia está relacionado ao planejamento de cursos para diferentes aprendizes.

Lembramos que, conforme Widdowson (1998), o termo Inglês para Propósitos Específicos (IPE) pressupõe que é um inglês próprio da gama de princípios e procedimentos os quais definem uma profissão particular. Dessa forma, temos um inglês que é específico, associado a um tipo de atividade institucional a qual é também concebida enquanto específica.

A respeito da importância da realização de uma análise de necessidades, Dudley-Evans e St John (1998) afirmam que essa análise é o alicerce de um curso de inglês para propósitos específicos e sua utilização proporciona a criação de um curso bem direcionado a esses propósitos. A esse respeito, Augusto-Navarro e outros (no prelo) ressaltam que a análise de necessidade deve ser processual, repetida ao longo do desenvolvimento de um curso de IPE e que ao longo do processo novas informações e detalhes vão surgindo, assim, segundo as autoras, a análise de necessidades repetida periodicamente contribui para o desenvolvimento de cursos mais eficazes.

Por fim, analisamos as respostas dos coordenadores face à segunda pergunta, a qual reescrevemos: *A empresa custeia o curso? Por quê?*

Como vimos anteriormente, CI afirma que a empresa I não custeia mais o curso para seus funcionários por motivos financeiros.

CI: Não, a empresa não paga. (...)

Pesquisadora: Por quê?

CI: Devido à crise que se instalou na empresa e nas empresas (...)

Considerando que não parece haver qualquer tipo de análise formal na empresa I, inferimos que a empresa possa ter desistido de subsidiar parte do custo do curso de língua inglesa para os seus funcionários em razão de não estar vendo o resultado deste em atender às necessidades da mesma.

Dudley-Evans e St John (1998) e Hutchinson e Waters (1987) ressaltam que o profissional de IPE também está comumente envolvido em vários tipos de avaliação, incluindo os testes feitos por alunos e a avaliação de cursos e materiais. No entanto, como na empresa I não parece haver a realização de um teste de nível para separar os funcionários de acordo com sua proficiência. Afinal, segundo PB (apêndice 7), e como explicitamos no capítulo 2 deste trabalho, os funcionários informam a CI em que nível acreditam estar e CI permite que eles assistam aula na turma que estaria neste nível. Se o aluno achar que acompanha a turma, ele continua nela, se não tenta seguir outra turma.

Com base no que já vimos, quando observamos a resposta de CII à segunda pergunta, inferimos que a empresa II aparenta ter consciência de suas necessidades lingüísticas em LE, uma vez que, para obter uma certificação internacional, seus funcionários precisam aprender a língua-alvo. Nesse caso a empresa tem um interesse direto, claro e objetivo de ter suas necessidades bem delimitadas e atendidas, acompanha mais assiduamente o trabalho da equipe que desenvolve o curso, arca com as despesas, enfim, está intimamente envolvida nesse processo. Entretanto, como veremos na próxima seção, essa empresa não permite que o conteúdo dos manuais de manutenção seja divulgado, por isso não pudemos utilizá-los em nossa investigação. Além disso, como já mencionamos, a empresa II também não autoriza que as professoras foquem habilidades que não a leitura, bem como façam uso de textos que fujam ao tema aviação.

CII: Sim, porque para ela é fundamental que os alunos tenham conhecimento da língua, porque sem isso a empresa não pode receber certificação internacional.

Diante desses dados, podemos inferir que a empresa I, CI, PA e PB não estão conscientes das reais necessidades dos funcionários dessa empresa. Em razão disso, esses funcionários também não aparentam estar conscientes de suas necessidades lingüísticas em LE para realizarem seu trabalho, por isso suas reais necessidades diferem daquelas que

declaram ter em relação à língua inglesa. Todavia, essas necessidades apontadas por esses funcionários coincidem com seus interesses em aprender uma LE para aproveitarem melhor seu horário de almoço e desenvolverem sua carreira profissional. Reiteramos que se a empresa tem consciência de suas necessidades, ela provavelmente conscientiza seus funcionários, assim todos sabem o porquê de aprender a língua inglesa.

No que tange à empresa II, ela parece estar consciente de suas necessidades e, juntamente com a equipe que coordena e organiza o curso em suas instalações, aparentam ter conscientizado seus funcionários. Entretanto, relembramos que talvez esses funcionários estejam apenas repetindo o discurso da empresa e das professoras sobre a necessidade de desenvolver a leitura em inglês para compreenderem os manuais de manutenção e assim melhor desempenharem seu trabalho. Em razão disso, podemos dizer que aparentemente as necessidades e os interesses profissionais dos funcionários-alunos da empresa II coincidem, entretanto seus interesses pessoais a respeito da aprendizagem de inglês (conversação, pronúncia) diferem da necessidade que têm em ler os manuais de manutenção. Provavelmente se a administração da empresa fosse menos rígida com relação ao foco exclusivo na habilidade de leitura poder-se-ia conseguir um grau de satisfação ainda maior entre os funcionários-aprendiz.

3.2 O Material Didático Adotado nos Cursos e as Necessidades e Interesses dos Funcionários-Alunos

Analisamos nesta seção a relação entre o material didático adotado nos cursos das empresas I e II e as necessidades e os interesses citados pelos funcionários-alunos. Essa análise é feita para que respondamos à quarta questão desta pesquisa, a qual reescrevemos:

4. Qual a relação do material didático adotado nos cursos das empresas I e II com as necessidades e interesses apontados pelos funcionários-alunos?

A fim de responder a essa questão, utilizamos as respostas das professoras A e B à pergunta: *Você produz o seu próprio material de acordo com as necessidades dos alunos?*¹⁴ Utilizamos também as respostas das professoras C e D à pergunta: *Como e por quem o material didático é selecionado?*. Analisamos também as respostas dos funcionários-alunos à pergunta: *O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?*. Além disso, fazemos uso de alguns exercícios constituintes dos materiais adotados pelas professoras dos cursos de inglês das empresas I e II.

Ressaltamos que durante nossa análise, retomamos as necessidades e os interesses apontados pelos funcionários-alunos os quais discutimos nas seções anteriores.

Analisamos primeiramente as respostas das professoras A e B à pergunta citada anteriormente.

Pesquisadora: Você produz o seu próprio material de acordo com as necessidades dos alunos?

PA: Sim, eu dou muito material extra porque os materiais escolhidos não são voltados pra empresa. Então, esses materiais (...) aí sim eu procuro exercícios extras e textos e atividade extra¹⁵, porém eu tenho uma turma de business que o material é ótimo e ele é especialmente pra empresa. É uma turma mais avançada e eles têm conversação (...) eles já se dão bem mesmo no inglês.

Pesquisadora: Então você faz o material de acordo com o que eles precisam? De acordo com as necessidades dos alunos?

¹⁴ Como a entrevista era semi-estruturada, surgiram questões diferentes daquelas estabelecidas no roteiro durante a entrevista. Portanto, ao observarmos a entrevista de PII, notamos que há alguns termos diferentes nessa mesma pergunta: *Então você faz o material de acordo com o que eles precisam? De acordo com as necessidades dos alunos?*.

¹⁵ PI não nos forneceu essas atividades complementares.

PB: Exatamente. Mais assim, por exemplo, eu tenho turmas variadas: é pessoal da chefia, mestre, diretor é mais ênfase em conversação pra praticar o inglês, pra ter fluência. Agora, os funcionários operários é mais pra atender o que eles nunca viram na vida. Eles estão lá pra tentar se comunicar mais pra também aprender.

Ao observarmos o relato de PA, inferimos que apenas o material didático utilizado na turma de nível avançado é que atende aos interesses e necessidades dos funcionários-alunos, pois, segundo essa professora, essa turma precisa desenvolver a conversação e esse material teria os elementos necessários para o desenvolvimento dessa habilidade. Cabe lembrarmos que PA (vide apêndice 6) declarou ter alunos também com a necessidade da leitura de manuais. Já que alega que, apenas o material utilizado na turma mais avançada é que é “voltado pra empresa”, provavelmente, o material utilizado no ensino de suas turmas de funcionários da área técnica não seja adequado às necessidades e aos interesses deles.

Quando avaliamos o depoimento de PB, notamos que essa professora também possui alunos com necessidades diferentes, uma vez que afirma ter alunos de diversos cargos. O material utilizado com os diretores, por exemplo, parece atender às necessidades e aos interesses desses aprendizes, os quais precisam praticar a conversação e melhorar a fluência. Contudo, não atenderia aos interesses e às necessidades reais dos operários, haja vista que PA e esses funcionários declaram que estes precisam ler manuais, normas técnicas, encartes de máquinas, entre outros.

A partir das respostas das professoras C e D, concluímos que o material didático adotado na empresa II parece atender às necessidades e aos interesses dos funcionários-alunos, já que é produzido a partir dos manuais fornecidos e utilizados pelos funcionários.

Pesquisadora: Como e por quem o material didático é selecionado?

PC: A gente não utiliza material didático pronto porque é difícil você encontrar um material bem direcionado pra esse contexto. (...) A gente pega os próprios manuais e transforma esses manuais em uma apostila. Como assim? A gente recolhe manuais que os próprios alunos dão pra gente. Aí, com os manuais, a gente prepara exercício de compreensão, tem exercício de gramática, tem tudo que ajude ele a compreender melhor o que tá escrito e aí a gente faz reunião de várias atividades assim coleta, agrupa e coloca numa apostila. Essas atividades são desenvolvidas por nós alunos da graduação ou da pós que trabalham que atuam como professores no projeto, mas são supervisionadas, orientadas e corrigidas por duas professoras do departamento que são orientadoras do projeto de extensão.

PD: Todos os professores em conjunto montam o material com base nos manuais de manutenção que os próprios alunos fornecem pra gente.

Podemos observar que o material é produzido pelas professoras do curso que, por sua vez, são orientadas por duas professoras coordenadoras do projeto de extensão que integra uma universidade pública e a empresa II. A nosso ver, o ensino de inglês nesse contexto é planejado e organizado por uma equipe a qual trabalha em conjunto para o melhor desempenho dos funcionários-alunos na execução de seu trabalho. Além disso, como mencionamos anteriormente, essas coordenadoras possuem um conhecimento teórico-prático da metodologia de ensino de IPE, logo o curso e o material didático parecem ser voltados para atender às necessidades e aos interesses dos funcionários-alunos. Reiteramos que além do aparente interesse em aprender a compreender os manuais de manutenção, os funcionários da empresa II também possuem outros interesses como desenvolver a conversação, a pronúncia, entre outros. Nesse ponto, podemos dizer que o material não atende completamente esses interesses, pois seu objetivo principal é a leitura.

Isso posto, passemos à análise das respostas dos funcionários-alunos à pergunta *O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?*.

Avaliamos primeiro as respostas dos funcionários da empresa I.

Diante dessas respostas, podemos observar que cinco (F1I, F1II, F1V, F1VII e F1VIII) funcionários da empresa I afirmam que o material atende as suas necessidades, entretanto eles apresentam diferentes razões para isso.

F1I: Sim, pois o material é focado para as necessidades profissionais.

F1II: Sim, porque o livro trata do cotidiano. Temos também atividades paralelas ao livro, como músicas e outros.

F1V: Sim. Porque é bem abrangente.

F1VII: Sim, porque é um material que explora leitura, gramática, conversação e listening, como vocabulário aplicado a negócios e a situações de trabalho.

F1VIII: Sim, mas todo material de apoio e buscas de recursos são sempre bem vindas.

Provavelmente, sem o conhecimento de uma metodologia de ensino desenvolvida para atender a necessidades específicas, da mesma forma como justificam que o material atende aos seus interesses (ver seção anterior), eles explicam que o material atende às suas necessidades, uma vez que é voltado para “as necessidades profissionais”, “trata do cotidiano”, “é abrangente” e explora as diferentes habilidades. Verificamos que, mais uma vez, os funcionários mencionam a relevância de atividades extras que complementam o conteúdo do material adotado, reproduzindo o discurso de que é importante o uso de diversos recursos na aprendizagem de uma língua.

Destacamos os relatos de F1I e F1VII, pois F1I justifica sua resposta afirmando que o material é voltado para as necessidades profissionais, todavia declarou não receber e/ou produzir “nada” (ver tabela 3) em inglês dentro da empresa I. Portanto, inferimos

que esse funcionário esteja freqüentando o curso porque acredita que aprender outra língua ajude-o a se desenvolver profissionalmente, idéia veiculada pela mídia, escolas de língua e empresas. Já F1VII, apesar de afirmar receber e/ou produzir em inglês descritivos e normas técnicas, cotações, programas de máquinas (ver tabela 3), entre outros, justifica sua resposta alegando que o material abrange diferentes habilidades e aspectos da língua-alvo como leitura, gramática, conversação, *listening* e vocabulário específico da área de negócios. Parece-nos que esse funcionário realmente acredita que suas necessidades são atendidas pelo material didático.

Os funcionários F1III e F1IV afirmam que o material atende “parcialmente” às suas necessidades.

F1III: Parcialmente. Havia necessidade de um DVD p/ melhorar.

F1IV: Parcialmente, pois não temos aulas com DVDs e CDs.

Com base nessas respostas, notamos que esses funcionários também reproduzem o discurso da necessidade de se usar recursos como “dvd” e “cd” no ensino-aprendizagem de uma língua, justificando que por essa razão o material não atenderia completamente as suas necessidades. Lembramos que F1III afirma que o material atende aos seus interesses, uma vez que “é a forma ideal p/ estudar” (ver seção anterior). A nosso ver, F1III parece ter a visão de que o uso de livros didáticos é a melhor maneira de se estudar uma língua, logo seus interesses seriam atendidos. Já F1IV afirma que o material atende aos seus interesses também parcialmente (ver seção anterior), contudo não explica o porquê.

Por fim, analisamos a resposta de F1VI.

F1VI: Depois deste tempo 1 ano e seis meses eu parei e estou retornando, por isso eu não sei se o curso e o material estão atendendo às minhas necessidades.

Diante dessa resposta, inferimos que esse funcionário não sabe se o material atende ou não as suas necessidades porque não parece estar consciente de quais são suas reais

necessidades, haja vista que afirmou ter procurado o curso oferecido na empresa I por trabalhar com esquemas elétricos e manuais em inglês (ver tabela 1). Entretanto, esse aluno afirma que seus interesses são atendidos pelo material (ver seção anterior), uma vez que deseja falar inglês fluentemente e “educar o ouvido para entender”. Podemos observar que F1VI também reproduz o discurso veiculado pela mídia de que é importante falar fluentemente e ter uma boa compreensão oral da língua-alvo.

A partir do que discutimos anteriormente, podemos dizer que, conforme a maioria dos funcionários da empresa I, o material atende as suas necessidades e aos seus interesses lingüísticos em LE para seu melhor desempenho profissional. Contudo, inferimos que o material parece atender à necessidade de aprenderem inglês porque precisam para crescer profissionalmente, bem como o interesse de falar fluentemente, melhorar sua pronúncia e ouvir melhor.

Isso posto, iniciemos a análise das respostas dos funcionários da empresa II.

Ao observarmos as respostas desses funcionários, podemos notar que a maioria (F2II, F2III, F2IV, F2V, F2VI, F2VII, F2VIII e F2X) afirma que o material atende as suas necessidades. Demonstramos abaixo suas justificativas a essa afirmação com exceção de F2V que não justificou sua resposta.

F2II: Sim, como o nome diz é um Inglês para Fins Específicos.

F2III: Sim, Porque tem tudo a ver com o que eu faço dentro da empresa.

F2IV: Sim, porque o material adotado tem a ver com o meu serviço.

F2VI: Sim. São voltados especificamente p/ uso dentro da empresa.

F2VII: Sim, ajuda muito no entendimento dos textos.

F2VIII: Sim, no módulo A atendeu um pouco, mas precisaria terminar outros módulos.

F2X: Sim, foca o assunto requerido.

Diante dessas respostas, podemos concluir que o material parece atender às necessidades desses funcionários, bem como reiteramos que eles parecem estar conscientes de suas necessidades lingüísticas em LE, haja vista que seis funcionários afirmam que o material é voltado para aquilo que fazem dentro da empresa II. Apenas F2VIII relata que o “módulo A atendeu “um pouco” as suas necessidades”. A nosso ver, isso é normal, já que o curso é constituído por três módulos (A, B e C) e F2VIII cursou apenas o primeiro.

Dois funcionários (F2I e F2IX) afirmam que o material atende “mais ou menos” às suas necessidades.

F2I: Mais ou menos, porque o material estava mais direcionado a reparos estruturais.

F2IX: Mais ou menos. Pode ser melhorado.

Podemos observar que F2I alega que o material não atende completamente as suas necessidades porque, provavelmente, as professoras estavam utilizando manuais específicos de uma oficina da empresa em que F2I não trabalha. Parece-nos que os manuais utilizados no trabalho dessa empresa são diferentes, ou seja, cada oficina lida com diferentes peças e procedimentos, havendo a necessidade de que o material abranja a todas elas. Contudo, mesmo não tendo atendido a essa necessidade específica do funcionário 2I, notamos que o material aparenta ser voltado para as necessidades da empresa e dos funcionários.

F2IX afirma que o material não atende completamente as suas necessidades, porém não explica com clareza o porquê. Alega que o material “pode ser melhorado”, mas não esclarece o motivo. Talvez, F2IX também tenha observado que haviam textos de manuais utilizados em oficinas diferentes de onde trabalha e por isso acreditaria que o material pode ser melhorado com o acréscimo de manuais que ele faz uso na execução de seu trabalho.

Relembramos que, como vimos na seção anterior, a maioria dos funcionários da empresa II afirmam que o material também atende aos seus interesses. Cabe ressaltar que

em sua maioria esses funcionários parecem ter interesse em aprender inglês para melhor realizarem seu trabalho, bem como parecem ter outros interesses, como desenvolverem a fala e a pronúncia, conforme relato das professoras III e IV.

Conforme o que discutimos até aqui, podemos inferir que o material adotado no curso da empresa I atende aos interesses e às necessidades apontados pelos funcionários – alunos. Todavia, segundo os dados que analisamos e discutimos nas seções anteriores, as reais necessidades lingüísticas em LE para melhor desempenharem suas funções dentro da empresa parecem não ser atendidas pelo material adotado no curso. Além disso, esses funcionários aparentam estar contentes com o curso que freqüentam, uma vez que utilizam o horário de almoço e o período antes de iniciarem ou depois de encerrarem seu turno de trabalho.

A respeito da empresa II, verificamos que o material adotado no seu curso parece atender às necessidades e aos interesses apontados explicitamente pelos funcionários-alunos, haja vista que o material é produzido com o objetivo de desenvolver a compreensão escrita dos manuais que os funcionários utilizam durante sua rotina de trabalho. No entanto, esse material não atenderia aos interesses que foram apontados pelas professoras C e D.

Isso posto, passemos à análise de alguns exercícios dos materiais utilizados pelas professoras dos cursos das empresas I e II.

Unit 5
The Internet

LANGUAGE FOCUS Relative clauses

1 Have you ever heard of an Internet site called lastminute.com? Look at this extract from their website. What services do you think they might offer?

do something lastminute.com
our site is 100% secure

hello there!
Thought you could make it through the winter without going on a city break or escaping somewhere hot? Well, take a look out the window, have a rethink.

today's highlights
From Florida
DUBLIN Guinness, Joyce, U2... and you? from £67.30

2 Read this article about Martha Lane Fox, who founded lastminute.com with her partner, Brent Heberman.

- Why doesn't lastminute.com's offices seem like 'the nerve-centre of a multi-million-pound Internet business'?
- Martha Lane Fox describes herself as 'about as technical as a peanut'. What do you think she means?
- How did lastminute.com get started?
- How did her friends react when they found out what she was doing? Why did they react like this?
- What services does the company offer?

3 Work in pairs and discuss these questions.

- Does Martha Lane Fox match your image of an Internet entrepreneur? Why, or why not?
- Why do you think they chose the name lastminute.com? What do you think it says about the kind of customers the company attracts?
- Would you use lastminute.com's services? Why, or why not?

48 Unit 5 The Internet

Defining and non-defining relative clauses

Look at these examples of relative clauses (a-g) and answer the questions (1-3).

- She takes after her father, **Robin**, who informed her only the other day that he had just used a cash machine for the very first time.
- Mr Lane Fox tells the story of a gentleman **who** wrote to express his thanks.
- All my friends, **who** are now leaving their jobs to join Internet start-ups, said ...
- The reception area, **which** is on the seventh floor of an anonymous office building, consists of ...
- ... she leads me into a boardroom **which** contains a long table ...
- The section **that** I like the most is called 'Serious Money'.
- She landed a job at a management consultancy called Spectrum, **which** advised big companies on the uses of new technology.

- Which sentences are examples of defining clauses (where the information is essential) and which are examples of non-defining clauses (where the information is additional and not essential)?
- In which case(s) can the relative pronoun be omitted? Why?
- Look back at the article on page 47 and find examples of other relative pronouns. Are they used in defining or non-defining clauses?

Packet Book page 17

Relative clauses and prepositions

In relative clauses, a relative pronoun can be the object of a preposition. In speech or informal writing (e.g. emails), we generally put the preposition at the end of the clause, otherwise it may sound very formal or awkward.

Compare the following sentences. Which sentence sounds more natural, and why?

- The people with whom I keep in touch are mainly friends.
- The people (whom) I keep in touch with are mainly friends.

You can put quantifiers such as *all, each, some, several, many, or most* before of whom and of which to give extra information about the whole or a part of a particular group.

Search engines find a lot of sites, most of which are generally irrelevant to your needs. Few met a lot of people through chatlines, some of whom have now become my friends. Newspaper websites, the majority of which are free, are a good source of financial information.

Packet Book page 17

Underline the most appropriate form in *italics* (O = no pronoun). If both forms are possible, underline both.

After leaving university in 1994, the year ¹ *which / that* I was twenty-one, I took some time off to go travelling. ² *which / that* turned out to be the best decision of my life, I ended up in Thailand. ³ *which / that* was where I met my business partner, Alex. We worked out the size for a website company over dinner in the hotel ⁴ *where / that* we were both staying in.

We started the company in 1998. ⁵ *which / O* was the year the Internet really took off. The place ⁶ *which / where* we finally decided to base ourselves was Dublin. ⁷ *where / O* there are lots of hi-tech companies. One of the things ⁸ *that / O* I like best about this job is the freedom to experiment and explore new possibilities. I have to admit that I owe most of my success to Alex, ⁹ *who / that* is the real 'idea' person.

Figura 1 – Amostra do material utilizado na empresa I

Ao avaliarmos alguns dos exercícios de uma unidade de um livro utilizado por PA no curso da empresa I, verificamos que é um material voltado para atividades realizadas por funcionários de uma empresa os quais têm a necessidade de redigir *e-mails*, por exemplo. Como podemos observar, essa unidade tem o objetivo de desenvolver a escrita de *e-mails* e para isso apresenta o vocabulário e aspectos gramaticais que podem ser utilizados na escrita desse tipo de texto. A nosso ver, esse material atende às necessidades e aos interesses apontados explicitamente pelos funcionários da empresa I, entretanto não atende às reais necessidades desses funcionários tais como a leitura de manuais de equipamentos, encartes, normas técnicas, entre outros tipos de contato com a língua apontados por estes, conforme figura 5. Para aqueles funcionários que alegam receber *e-mails*, essa unidade atende especificamente a essa necessidade de aprendizagem.

Como já mencionamos, nessa empresa parece haver o ensino de IPN e toda a equipe, assim como os funcionários, parece acreditar que esse tipo de curso seja o mais adequado para suprir suas necessidades lingüísticas em LE para seu desempenho profissional. Isso ocorre porque o coordenador I, as professoras A e B e os funcionários não aparentam

estar conscientes daquilo que os diferentes cargos necessitam, pois funcionários da área técnica da empresa utilizam a mesma metodologia de ensino que os funcionários os quais precisam desenvolver habilidades como conversação e audição (*listening*), já que estes recebem a visita de estrangeiros e também viajam para outros países a trabalho.

Recebemos o material abaixo como exemplo de exercícios extras utilizados na empresa I.

PRACTICE

1. Write sentences using the comparative of the adjective in brackets.

- London / Madrid (big)
London is bigger than Madrid. 
- The Pyramids / The Eiffel Tower (old)
-2500 
- Chinese / English (difficult) 
- Woody Allen / Marlon Brando (thin) 
- Leonardo DiCaprio / Sean Connery (young) 
- Reading books / playing video games (interesting) 
- A month's holiday / a week's holiday (good) 
- Finland / Spain (cold) 

2. Complete the sentences with the comparative or the superlative of the adjective in brackets.

- The Empire State is the highest (high) building in New York.
- The Nile is _____ (long) than the Thames in London.
- In your opinion, who is the _____ (good) singer in the world?
- Reading a good book is a much _____ (relaxing) way to pass the time than watching TV.

3. Mark with an X the place in the sentence where you could add an intensifier and specify which could be used (there may be more than one possibility).

- much - many - a lot - far - a little - a bit - a few - less

much / a lot / far

- This house is (X) bigger than the other one. _____
- This film was less frightening than the one we saw last week. _____
- The weather is colder than last week. _____
- I am ten centimeters taller and my clothes feel smaller. _____
- The first exercise was easier but this one is more difficult. _____
- I've got more CDs than you, so I can lend you some. _____
- My room is bigger than my sister's but she is always complaining. _____

4. Choose the correct word from the box to complete the sentences.

- Jane is ... taller than Jennifer. A very B much C many
- My friend Peter is as old ... me. A than B like C as
- She likes the same things ... I do. A than B like C as
- Our house is ... from the station than yours. A farthest B more far C farther
- Your shirt isn't ... clean as mine. A as B like C than
- Frank is the most intelligent boy ... the class. A of B into C in

Figura 2 – Amostra do material utilizado na empresa I

Diante desses exercícios, inferimos que o material extra utilizado também aparenta atender às necessidades e aos interesses apontados explicitamente pelos funcionários dessa empresa. Contudo, não parece suprir às reais necessidades de todos os funcionários. A nosso ver, o estudo da gramática pode ser utilizado no ensino-aprendizagem de língua, porém

é necessário que ela seja relevante e significativa para o aprendiz a fim de que ele perceba o uso da língua dentro de cada contexto e não apenas analise a estrutura dessa língua. Retomamos Hutchinson e Waters (1987) ao defenderem o ensino de LE a partir de uma abordagem centrada na aprendizagem e não somente na língua. No entanto, observamos que o material acima foca apenas a estrutura da língua-alvo por meio de exercícios mecânicos de produção de sentenças a partir de um vocabulário e tópico gramatical previamente estudados.

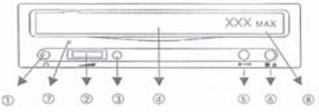
Passemos agora à análise do material utilizado no curso da empresa II.

English for Specific Purposes - Level A

Exercícios

Observe o texto abaixo atentosamente e responda as questões a seguir:

CD - ROM OPERATION



- ① **Headphone Jack:**
For connection to headphones to get sound output.
- ② **Analog Volume Control:**
For adjusting the volume level of the sound that comes from the headphone Jack.
- ③ **On/Busy LED:**
The On/Busy LED flashes while the CD-ROM disc is in normal accessing.
- ④ **Disc Tray:**
For loading or unloading the disc.
- ⑤ **Play/Skip:**
For playing the first song or skipping a song when a CD-DA disc is loaded.
- ⑥ **Open/Close:**
For opening or closing the disc tray, and for stopping playing a CD-DA disc.
- ⑦ **Emergency Eject:**
For opening the disc tray when both Open/Close button and software control fail. To eject the disc tray, press a thin rod into the emergency eject hole.
- ⑧ **CD-ROM Speed:**
This user's manual is used for a series of this product. Hence, the speed of CD-ROM Drive will be indicated here, for example, 36X, 40x, 44x, 50x... etc.

Remark: For ⑧, some models are digital volume control, the functions are all the same with analog volume control.

11

English for Specific Purposes - Level A

- 1) Considerando o layout, deduza que tipo de texto é esse:

- 2) Onde você poderia encontrar um texto como esse? Coloque um (x) na melhor opção:

() Revista () Jornal () Manual de computador
- 3) Escreva abaixo algumas palavras que possam confirmar a resposta anterior:

- 4) Escreva pelo menos três palavras cujos significados você conseguiu adivinhar pelo uso do contexto.

- 5) O que os números de 1 a 8 (no texto) indicam?

- 6) Baseado em seu conhecimento prévio, escreva o que as palavras *play*, *open*, *close* significam.

- 7) Que outros aparelhos vêm acompanhados de textos como esse? Cite três exemplos.

Exercícios

- 1) Tente adivinhar que palavras poderão aparecer em um texto intitulado *Auto Flight System Presentation*.

- 2) Agora, leia o texto rapidamente para confirmar (ou não) as suas hipóteses.

12

Figura 3 – Amostra do material utilizado na empresa II

English for Specific Purposes Level A

4) Por quem ele será ministrado?

5) Onde será realizado o curso?

6) Quanto tempo durará o curso?

a) 5 meses
b) 5 dias
c) 5 semanas

7) O que você deve fazer para obter mais informações?

8) Os sistemas de teste em voo serão apresentados através de:

a) Somente teoria
b) Somente prática
c) Teoria e prática

9) Quais palavras do texto se parecem com palavras em português? Escreva-as abaixo:

Source: Aerospace Testing International, Maio, 2003

English for Specific Purposes Level A

Observe o texto abaixo:

ATIVIDADE EXTRA

IBIS SYSTEMS FLIGHT TEST COURSE
Aerodynamics Training

The majority of flight test effort is now devoted to SYSTEMS test and evaluation. Many flight test personnel have received little or no SYSTEMS flight test training. The Ibis SYSTEMS FLIGHT TEST COURSE addresses this need.

FIVE WEEK COURSE BASED IN THE UK

- MODERN SYSTEMS THEORY
- SYSTEMS FLIGHT TEST THEORY & PRACTICE
- AIRBORNE AND SIMULATOR PRACTICAL EXPERIENCE
- PRESENTED BY EXPERIENCED TEST PILOTS AND AEROSYSTEMS QUALIFIED AIRCREW

Specialists for Test & Evaluation Flight Test Course and Program Specialist or Flight Test Data to Operational Test & Evaluation Centres Military and Civil Applications

Visit us at www.ibis.org.uk or Tel/Fax: +44 (0) 1224 792027 for more information

Responda as seguintes perguntas:

1) Que tipo de texto é esse? Como você chegou a essa conclusão?

2) Do que trata o texto?

a) De um curso de sistemas de teste de voo.
b) De um curso de sistemas de combustíveis para aviões.
c) De um curso de comparação entre aviões.

3) Qual o nome da empresa que está oferecendo o curso?

Figura 4 – Amostra do material utilizado na empresa II

Podemos observar que o material utilizado na empresa II parece ser voltado para o ensino da leitura, uma vez que, em seus exercícios de compreensão de texto, aparenta buscar a conscientização dos funcionários-alunos a respeito do que é importante na leitura de um texto, bem como ensiná-los a utilizarem as estratégias de leitura.

Além disso, como discutimos anteriormente, nessa empresa, segundo os participantes deste trabalho, o material é confeccionado a partir dos manuais¹⁶ fornecidos pelos próprios funcionários-alunos, logo são criados exercícios com base nesses textos. A partir desses exercícios, podemos notar que o material produzido pelas professoras da empresa II aparenta ter o objetivo de atender às necessidades e interesses apontados pelos funcionários-alunos: a leitura de manuais. Porém, os interesses pessoais dos alunos não recebem atenção, em consonância com o que ocorre em diversas situações em IPE, conforme

¹⁶ Não nos foram fornecidos exemplos dos manuais utilizados na empresa II, uma vez que no contrato entre essa empresa e a universidade pública que desenvolve o curso de inglês nesse contexto não é permitida a divulgação do conteúdo desses manuais.

discutido por Hutchinson e Waters (1984 e 1987), assim como por Dudley-Evans e St Johns (1998).

Conforme Augusto-Navarro e outros (no prelo), baseando-se na necessidade de se considerar as necessidades dos aprendizes, as coordenadoras do curso de inglês da empresa II, mudaram o planejamento desse curso com o propósito de atender as expectativas dos alunos e, conseqüentemente, aumentar a motivação deles. Como resultado, enfatizaram-se bastante os desejos e não as necessidades desses alunos, o que fez com que os patrocinadores questionassem a metodologia utilizada. A direção da empresa afirmou que o curso vinha dando muita atenção à compreensão e expressão oral, quando a prioridade deles era a leitura. Dessa forma, também não foi autorizado que fossem utilizados textos que contivessem assunto diferente do que é visto dentro da empresa II. Considerando que essa atitude seja comum, e até compreensível, em razão de questões financeiras, as autoras salientam que aprendizes em contextos semelhantes devam ser claramente informados sobre os motivos pelos quais a metodologia será aplicada da maneira solicitada pelo patrocinador.

Diante da discussão dos dados apresentados nesta seção, podemos inferir que o material adotado na empresa I aparenta atender às necessidades e aos interesses apontados por seus funcionários-alunos. Todavia, não parece suprir às reais necessidades de todos os funcionários, haja vista que se oferece um curso de IPN a todos eles. Reiteramos que os participantes desta pesquisa são funcionários da área técnica dessa empresa e por isso, de acordo com o que declararam produzir e/ou receber em inglês na empresa I, sugerimos que seria necessário um curso de inglês que procurasse suprir as necessidades específicas desse grupo de aprendizes. Inferimos também que o material utilizado na empresa II parece atender, principalmente, às necessidades e aos interesses da empresa II, bem como às necessidades e aos interesses apontados por seus funcionários-alunos uma vez que é produzido embasado nos manuais que esses utilizam na execução de suas tarefas dentro da empresa. Acrescentamos

que aparenta não suprir as necessidades e os interesses explicitados pelas professoras C e D como demonstraram Augusto-Navarro e outros (no prelo).

CONCLUSÃO E POSSIBILIDADES DE PESQUISAS FUTURAS

1 Conclusão

Os objetivos deste trabalho consistiram, primeiramente, em investigar os cursos de inglês de duas empresas, comparando-os com a finalidade de avaliar qual o tratamento dado às especificidades de uso da língua no desempenho das funções dos alunos (funcionários) em suas rotinas de trabalho. Avaliamos, também, em que medida o material utilizado atende às necessidades e aos interesses desses aprendizes e se suas necessidades e interesses coincidem ou não.

Reiteramos que esses objetivos foram estabelecidos tendo em vista a relevância de se realizar uma análise de necessidades prévia ao início de cursos de IPE, assim como a necessidade de se relacionar essas necessidades, o planejamento do curso e o material didático. Ademais, discutir com maior profundidade o conceito de análise de necessidades e interesses.

Salientamos que os dados foram avaliados à luz dos questionamentos de autores como Augusto (1997), Augusto-Navarro e outros (no prelo), Dudley-Evans e St John (1998), Hutchinson e Waters (1984, 1987), Johns (1991), Johns e Price-Machado (2001), Nickerson (2005), entre outros.

Analisando o caso da empresa I em nosso estudo, chegamos à conclusão de que a falta de conhecimento sobre a metodologia de ensino de línguas para propósitos específicos pode limitar os resultados de cursos de LE em empresas e outros contextos em que exista a necessidade de domínio de um escopo delimitável da língua-alvo. Com base nos resultados da investigação na empresa II verificamos que uma equipe com conhecimento

prático e, sobretudo, teórico, sobre IPE pode conseguir um resultado mais satisfatório para fins profissionais. Porém, observamos, também, que os interesses pessoais de alunos-funcionários são geralmente desconsiderados, o que poderia ter efeitos negativos na motivação dos alunos.

Como bem nos lembram Augusto-Navarro e outros (no prelo) funcionários ou alunos que necessitam freqüentar cursos de IPE por razões profissionais devem receber orientações explícitas e ter a oportunidade de serem esclarecidos sobre os objetivos dos cursos e o porquê será conduzido com uma ênfase pré-determinada e, por vezes, exclusiva em alguma (s) habilidade (s) da língua-alvo, por exemplo.

Este trabalho traz uma revisão abrangente de características e conceitos do ensino de línguas, mais precisamente a inglesa, para fins específicos. Nesse sentido, este estudo pode ser utilizado como um embasamento teórico inicial para professores de língua estrangeira, especialmente língua inglesa, que queiram conhecer ou saber mais a respeito do planejamento de um curso para fins específicos.

A nosso ver, o que parece crucial é que os profissionais que se disponham a trabalhar com essa metodologia estudem com bastante profundidade suas peculiaridades, busquem embasamento teórico prévio para a sua prática profissional, o que nos parece requerer alguma orientação durante o processo de formação de professores de línguas. Essa orientação é relevante para que professores de língua estrangeira sejam aptos a atuarem em diferentes contextos e entendam as especificidades de cada um deles, uma vez que as possibilidades de atuação desses professores, sobretudo aquele de língua inglesa, no mercado de trabalho, são várias, incluindo o ensino de IPE, devido ao seu contínuo crescimento.

No que tange às limitações desta pesquisa, pelo fato de não termos entrevistado os funcionários-alunos das empresas I e II, não podemos afirmar com certeza que as necessidades e os interesses apontados pelos alunos do curso I são realmente diferentes

daquelas inferidas a partir do que declaram receber e/ou produzir em suas rotinas de trabalho. Além disso, também não sabemos até que ponto as necessidades e os interesses citados pelos funcionários-alunos da empresa II coincidem ou não.

Por fim, no que diz respeito ao material didático utilizado nos cursos das empresas por nós investigadas, não pudemos avaliá-los completamente, uma vez que não acompanhamos o uso desse material em sala de aula.

2 Possibilidades de Pesquisas Futuras

Nossa pesquisa investigou os cursos de inglês de duas empresas, avaliando a relação das necessidades lingüísticas em LE desses dois contextos com o planejamento do curso e o material didático. Essa relação foi analisada tendo em vista a importância da realização de uma análise de necessidades prévia ao início de cursos de inglês para propósitos específicos (IPE), bem como a relevância da conscientização dos alunos funcionários de empresas em relação as suas necessidades sobre a língua inglesa na execução de seu trabalho.

Ao empreendermos tal estudo, pudemos observar por meio dos dados avaliados, assim como das discussões feitas por outros estudiosos que a formação inicial dos professores de LE também é parte importante da formação de um profissional de IPE. Como já mencionamos, há a necessidade de que professores e formadores de professores estejam atentos aos elementos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de línguas para propósitos específicos ao se proporem a trabalhar com essa metodologia.

Em razão disso, acreditamos que seria interessante uma pesquisa sobre qual o papel que um curso de licenciatura em Letras deveria exercer na formação de professores de língua estrangeira, sobretudo de língua inglesa para fins específicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, M. A. G.V. (1999) Alunos com motivação instrumental em um curso de inglês geral: um conflito de objetivos? *Intercâmbio*, 8, 65-80.
- AUGUSTO, E.H. (1997) Ensino instrumental na língua-alvo: uma proposta de ensino da escrita em ambiente acadêmico. Dissertação de Mestrado, IEL, UNICAMP, Campinas.
- AUGUSTO-NAVARRO, E.H.; ABREU-E-LIMA, D.M. & DE OLIVEIRA, L. (NO PRELO) Once isn't enough: Ongoing needs analyses in Brazil. In: A. SMITH & G. STRONG (Eds.), *Adult learners: Context and Innovation*. Alexandria, VA : Teachers of English to Seakers of Other Languages.
- BRAINE, G. (2001) Twenty years of needs analyses reflections on a personal journey. In: FLOWERDEW, J. & PEACOCK, M. (Eds.) *Research perspectives on English for Academic Purposes*. (195-207) New York: Cambridge University Press.
- CELANI, M.A.A. (1998) A retrospective view of na ESP teacher education programme. *The ESPecialist*, 19(2), 233-244.
- CELANI, M.A.A.; DEYES, A.F; HOLMES, J.L. & SCOTT, M.R. (2005) ESP in Brazil: 25 years of evolution and reflection. Mercado de Letras, São Paulo: EDUC.
- CELANI, M.A.A. & HOLMES, J. (2006) Sustainability and local knowledge: The case of the Brazilian ESP Project 1980-2005. *English for Specific Purposes*, 25, 109-122.
- COSTA, E.A. (2002) A aprendizagem de inglês em empresas: o aluno e suas representações. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- DUDLEY-EVANS, T. & ST JOHN, M.J. (1998) *Developments in English for Specific Purposes: A multidisciplinary approach*. New York: Cambridge University Press.
- FLOWERDEW, J. & PEACOCK, M. (2001) The EAP curriculum: Issues, Methods, and Challenges. In: FLOWERDEW, J. & PEACOCK, M. (Eds.) *Research perspectives on English for Academic Purposes*. (177-194) New York: Cambridge University Press.
- HARRIS, S. & BARGIELA-CHIAPPINI, F. (2003) Business as a site of language contact. *Annual Review of Applied Linguistics*, 23, 155-169.
- HEBERLE, V.M & SALM, A.M. (2002) An overview of Business English materials. *The ESPecialist*, 23(2), 155-177.
- HOLMES, J. (1992) Research and the postmodern condition: the changed nature of doing research in applied linguistics. In: CELANI, M.A.A. & ZANOTO, A. *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: PUC.
- HUTCHINSON, T. & WATERS, A. (1984) How communicative is ESP? *ELT Journal*, 38 (2), 108-113.

HUTCHINSON, T. & WATERS, A. (1987) *English for Specific Purposes: a learning-centred approach*. New York: Cambridge University Press.

JOHNS, A.M. & DUDLEY-EVANS, T. (1991) English for Specific Purposes: International in Scope, Specific in Purpose. *Tesol Quarterly*, 25(2), 297-314.

JOHNS, A.M. PRICE-MACHADO, D. (2001) English for Specific Purposes: Tailoring courses to students needs – and to the outside world. In: CELCE-MURCIA, M. (Ed.), *Teaching English as a second or foreign language*(3rd ed.) Boston, MA: Heinle & Heinle.

MERRIAM, S.B. (1998) *Research and case study Applications in Education*. San Francisco: Jossey-Bass.

NICKERSON, C. (2005) English as a *lingua franca* in international Business contexts. *English for Specific Purposes*, 24, 367-380.

RAMOS, R.C.G. (2005) Instrumental no Brasil: a desconstrução de Mitos e a Construção do Futuro. In: FREIRE, M.M.; ABRAHÃO, M.H.V. & BARCELOS, A.M.F. (ORGS). *Linguística Aplicada e contemporaneidade*. (109-124) São Paulo: Pontes.

SULLIVAN, P. & GIRGENER, H. (2002) The use of discourse analysis to enhance ESP teacher knowledge: an example using aviation English. *English for Specific Purposes*, 397-404.

ST JOHN, M.J. (1996) Business is booming: English in the 1990's. *English for Specific Purposes*, 15(1), 3-18.

VIAN JR, O. (2002) O planejamento de cursos instrumentais de produção oral com base em gêneros do discurso: mapeamento de experiências vividas e interpretações sobre um percurso. Tese de Doutorado. LAEL, PUC, São Paulo.

WIDDOWSON, H.G. (1998) Communication and community: The Pragmatics of ESP. *English for Specific Purposes*, 17(1), 3-14.

BIBLIOGRAFIA

- BELCHER, D.D. (2004) Trends in teaching English for Specific Purposes. *Annual Review of Applied Linguistics*, 24, 165-186.
- CAVALCANTI, M.C. & MOITA LOPES, L.P. (1991) Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 17, 133-144.
- COWLING, D.J. (2007) Needs analysis: Planning a syllabus for a series of intensive workplace courses at a leading Japanese company. *English for Specific Purposes*, 26, 426-442.
- DOVEY, T. (2006) What purposes, specifically? Re-thinking purposes and specificity in the context of the 'new vocationalism'. *English for Specific Purposes*, 25, 387-402.
- ESTEBAN, A.A. & CAÑADO, M.L. (2004) Making the case method work in teaching Business English: a case study. *English for Specific Purposes*, 23, 137-161.
- HOLMES, J. (2000) What's my methodology? *The ESPECIALIST*, 21(2), 127-146.
- RAMOS, R.C.G.; LIMA-LOPES, R.E. & GAZOTTI-VALLIM, M.A. (2004) Análise de necessidades: identificando gêneros acadêmicos e um curso de leitura instrumental. *The ESPECIALIST*, 25(1), 1-29.
- SCHLIEMANN, M.M.C.O. & SCHLIEMANN, C. (1999) É possível definir um curso de inglês instrumental mesmo sem utilizar "needs analysis" como recurso prévio? *Intercâmbio*, 8, 57-64.
- SWALES, J.M. (2000) Languages for Specific Purposes. *Annual Review of Applied Linguistics*, 20, 59-76.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM OS COORDENADORES DOS CURSOS DAS EMPRESAS INVESTIGADAS

Nome/ O que faz/ Há quanto tempo

- 1) Por que os funcionários precisam ou procuram o curso de inglês? Quantos subgrupos existem? Você pode comentar as características ou especificidades de cada grupo?
- 2) Que tipo de documentos a empresa recebe e produz em inglês?
- 3) Qual o perfil do professor que a empresa procura para atender às necessidades dos funcionários?
- 4) O material didático utilizado nas aulas é selecionado de acordo com as necessidades dos funcionários? Quem o seleciona?
- 5) Quantos funcionários fazem o curso de inglês atualmente? Quantos já fizeram?

APÊNDICE 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DOS CURSOS DE INGLÊS DAS EMPRESAS EM ESTUDO

Nome/formada ou não/ onde/há quanto tempo/que curso fez ou está fazendo

- 1) Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários-alunos? Por quê? Quais são elas?
- 2) Como e por quem o material didático é selecionado?
- 3) Você já havia lecionado inglês em contexto empresarial? Fale sobre essas experiências anteriores.
- 4) Quantos e quais grupos você dá aula? Qual a carga horária total? E por grupo? Como os grupos são formados? Quem escolhe os participantes? Em que hora o curso é realizado?
- 5) A sua formação inicial proporcionou a você saberes necessários para dar aula em contexto empresarial?
- 6) Como você pensa que deve ser a formação de professores de inglês para lecionar em empresas? Por quê?
- 7) Conte algum incidente crítico que tenha ocorrido no tempo que você leciona inglês em empresas.
- 8) Como é o interesse, a participação e o aprendizado dos alunos? Por quê?
- 9) Como você foi selecionada para trabalhar nesta empresa?

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS FUNCIONÁRIOS-ALUNOS DOS CURSOS DE INGLÊS DAS DUAS EMPRESAS EM ESTUDO

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

- 1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?
- 2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?
- 3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?
- 4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?
- 5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?
- 6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?
- 7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

APÊNDICE 4- ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO CURSO DE INGLÊS OFERECIDO NA EMPRESA I (CI)

1) Por que os funcionários precisam ou procuram o curso de inglês?

CI: *A empresa I é uma empresa americana, portanto, toda documentação que circula nos departamentos todos os dias é em inglês e os funcionários então precisam saber ler esses documentos, responder mensagens de e-mails, tradução de normas técnicas; muitas vezes tem que atender, eles têm que atender o telefone e a pessoa que está do outro lado é um americano daí a necessidade deles terem que saber inglês.*

2) Que tipo de documentos a empresa recebe e produz em inglês?

CI: *A empresa produz e recebe em inglês e-mails, normas técnicas, manuais de máquinas, principalmente isso.*

3) Qual o perfil do professor que a empresa procura?

CI: *O perfil do professor tem que ser o professor (...) tem que ser uma pessoa fluente no idioma, de preferência que tenha morado em um país onde o inglês é a língua nativa por que o que se procura no professor é que ele seja capaz de passar os conhecimentos para o funcionário de modo que o funcionário se torne autônomo, se torne independente quando se precisa aplicar o inglês.*

4) Quantos subgrupos existem? Você pode comentar as características ou especificidades de cada grupo?

CI: *Atualmente, o número de alunos gira em torno de 80. É pouco. Poderia haver mais, mas devido às dificuldades que os funcionários têm, limitações de horários, muitos deixam de fazer. Seria em torno de uns 80 hoje.*

5) A empresa custeia o curso?

CI: *Não, a empresa não paga. Até o ano passado a empresa subsidiava 50% do valor da mensalidade. Ai, então, ela decidiu que o curso de inglês seria cortado, não mais haveria o curso. Então, nós sugerimos que o funcionário pagasse do próprio bolso e a empresa apenas cedesse as instalações e ela concordou. Então, a empresa não paga um centavo para o funcionário. O que é uma grande pena.*

6) Por quê?

CI: *Devido à crise que se instalou na empresa e nas empresas brasileiras em geral que trabalham com exportação por causa da cotação do dólar (...) caiu muito (...) não manteve o valor que eles esperavam, então eles resolveram cortar e começaram cortando o curso de inglês outros benefícios importantes para o funcionário.*

7) O material didático utilizado nas aulas é selecionado de acordo com as necessidades dos funcionários?

CI: *Sim, o material didático é escolhido de acordo com a necessidade da empresa e do funcionário sendo que se o funcionário, por exemplo, é da produção, nós aplicamos o método que ele tenha acesso a ele pra que isso não se torne difícil, desmotivador (...) para os funcionários administrativos, o método é outro por que o nível cultural deles é um pouco mais alto.*

8) Quem o seleciona?

CI: *Eu mesmo. (primeira resposta depois deu uma mais completa)*

CI: *Eu próprio seleciono o material. Com uma experiência de aproximadamente uns trinta anos no ensino de idiomas, já tenho familiaridade com os diversos métodos disponíveis no mercado então toda vez que uma turma se forma, eu vou buscar aquele método que mais se adequa à necessidade daquele grupo. As editoradoras Oxford, Cambridge todas têm métodos os mais variados possíveis, então, eu vou e procuro aquele método que se encaixa exatamente a necessidade do aluno, visando o sucesso do curso.*

Pesquisadora: E os professores não influenciam nessa escolha do material?

CI: *Ao escolher o material, eu coloco a disposição do professor pra que ele dê também o seu ponto de vista. Nenhum professor usa o método com o qual ele não concorda. Eu coloco a disposição dele os diversos métodos e ele vai selecionar aquele que ele achar melhor também e muitas vezes eu aceito sugestão do professor. Se ele me diz, por exemplo, que determinado método é bom, que ele já usou que ele conhece, eu vou atrás, pesquiso e nós aplicamos. Foi o caso com o espanhol. Por eu não ter experiência com o ensino de espanhol, eu pedi aos professores de espanhol que me sugerissem um método e assim nós fizemos a escolha.*

Pesquisadora: Então é material, livro didático encontrado no mercado? Não é um material produzido, voltado para a empresa?

CI: *Não, mas o que nós fazemos é sempre incorporar nas aulas um material adicional que vá ajudar o aluno no seu dia-a-dia na empresa, por exemplo, há uma professora que treina os alunos como preparar mensagens de e-mail e pra isso ela usa as situações que o funcionário encontra no dia-a-dia. Como, por exemplo, fazer uma cotação do preço de uma máquina, mandar um e-mail para um representante fora do país, um e-mail para um gerente, então nós adaptamos. Não existe um método próprio só para a empresa I, não. Os métodos que estão aí são ótimos e nós podemos utilizá-los. Nós acrescentamos algo a mais aí.*

P.S: O coordenador quis complementar a resposta da questão 8.

CI: *Também após o professor juntamente comigo decidirmos sobre o método, nós o colocamos para que o aluno veja o método que vai ser aplicado com ele para que ele também dê sua opinião se ele gosta ou não, se ele tem alguma sugestão e nós levamos isso em conta na hora da aplicação do método.*

Pesquisadora: As necessidades do aluno, as lacunas de aprendizagem, o que ele tem interesse também é levado em consideração?

CI: *Sim, a opinião do aluno e do professor são importantíssimas por que depois são eles que vão trabalhar com o método. Se você escolher um método que só agrada o professor e desagrade o aluno, você não vai ter alunos lá. Por outro lado, se o aluno quiser que seja um método só do gosto dele com o qual o professor não (...) que acha que o aluno não terá progresso também não pode. Tem que haver uma decisão em comum para que o curso seja, alcance os objetivos estabelecidos.*

APÊNDICE 5 - ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE INGLÊS OFERECIDO NA EMPRESA II (CII)

1) Por que os funcionários precisam ou procuram o curso de inglês?

CII: *Os funcionários têm que lidar com um vocabulário muito específico em seu ambiente de trabalho e em todas as seções da empresa as peças estão em inglês, bem como os manuais de manutenção de cada seção.*

2) Que tipo de documentos a empresa recebe e produz em inglês?

CII: *Os manuais de manutenção. Como esses manuais são emitidos para vários países, o inglês é a língua franca e todas as oficinas, no mundo inteiro, recebem manuais versados em inglês.*

3) Qual o perfil do professor que a empresa procura?

CII: *A empresa nos procurou inicialmente por saber que fazemos cursos específicos para as necessidades do público-alvo, uma das características do inglês instrumental. Entretanto, dependendo da chefia que nos atende percebemos que as crenças de como se aprende uma língua acaba afetando a visão que podem ter do nosso trabalho. Eles querem, muitas vezes, que se ensine por tradução ou pela gramática, metodologia essa que vai de encontro com o que o inglês instrumental pressupõe. Não sei o que a empresa pensa ou gostaria de ter como professor, pois essa função ela deixa pra nós decidirmos.*

4) Quantos subgrupos existem? Você pode comentar as características ou especificidades de cada grupo?

CII: *Desde o início temos 3 tipos de subgrupos mais frequentes: básico, ou módulo 1 ou A, intermediário, ou módulo 2 ou B e avançado, ou módulo 3 ou C. Como fazemos um teste de suficiência no início do período para termos noção de quanto de compreensão o aluno pode ter do texto da área e de textos em geral, conseguimos classificá-los nesses 3 níveis. Geralmente colocamos no primeiro grupo alunos que não têm conhecimento de língua ou muito pouco, no segundo grupo quem já tem algum conhecimento, mas ainda apresenta problemas de compreensão e no terceiro grupo quem apresenta condições de aprofundamento na língua.*

5) A empresa custeia o curso? Por quê?

CII: *Sim, porque para ela é fundamental que os alunos tenham o conhecimento da língua, porque sem isso a empresa não pode receber certificação internacional.*

6) O material didático utilizado nas aulas é selecionado de acordo com as necessidades dos funcionários?

CII: *Cada vez mais o material tem sido elaborado com base nos manuais que os funcionários utilizam, utilizando tanto atividades de compreensão como de produção.*

7) Quem o seleciona?

CII: *Os próprios estagiários, professores do curso. São eles que, junto com os alunos (funcionários) selecionam o que é mais importante para ser trabalhado em sala de aula.*

APÊNDICE 6 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA A (PA) DA EMPRESA I

1) Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários – alunos?

PA: *Sim, procuro. Dependendo do nível dos meus alunos. Não é integral, somente voltado para a empresa. As aulas não são totalmente voltadas para a empresa. Tem mais o ensino de inglês assim, às vezes, não no contexto da empresa.*

2) Quais são as necessidades dos alunos?

PA: *Eles (...) a empresa pede por ser uma multinacional, eles pedem o inglês por que eles lêem muito o manual, eles precisam falar muito o inglês e eles têm interesse por que eles realmente usam.*

3) Quais são os interesses dos funcionários?

PA: *É (...) de todos os meus alunos dois ou três só que têm interesse também pra fora, pra faculdade que eles tão fazendo, pra mestrado (...), mas a maioria dos meus alunos são interessados somente pra empresa. Fazem por que a empresa pede pra que tenha o inglês apesar de não incentivar financeiramente.*

4) Quais as necessidades da empresa?

PA: *Então, eu tenho... depende da turma. Eu tenho uma turma que precisa muito pra dar palestras. Eles conversam e eles que fecham negócio com o pessoal de fora que fala inglês, então, esses precisam mais pra conversação e pra dar palestras. Agora, tem outras turmas que eles usam na leitura mesmo (...) é (...) em máquinas, em manual e é na parte de produção mesmo que eles usam.*

5) Por que você procura atender aos interesses e necessidades e interesses da empresa e dos funcionários – alunos?

PA: *Pela procura (...) como é que eu vou te dizer?(...) É (...) eles têm os seus interesses em saber o inglês por que eles precisam e eu procuro atender os pedidos deles.*

6) Como e por quem o material didático utilizado é selecionado?

PA: *Quando eu entrei, ele (o coordenador I) já tinha escolhido os materiais. O (...) os professores anteriores já tinham escolhido os materiais e eu continuei. Mas o nosso chefe ele dá liberdade pra que os próprios professores escolham os materiais.*

Pesquisadora: Você produz o seu próprio material de acordo com as necessidades dos alunos?

PA: *Sim, eu dou muito material extra por que os materiais escolhidos não são voltados pra empresa. Então, esses materiais (...) aí sim eu procuro exercícios extras e textos e atividade extra, porém eu tenho uma turma de business que o material é ótimo e ele é especialmente pra empresa. É uma turma mais avançada e eles têm conversação (...) eles já se dão bem mesmo no inglês.*

7) Você já havia lecionado inglês em contexto empresarial?

PA: *Não, nunca.*

8) Quantos e em quais grupos você dá aula?

PA: *Eu tenho três grupos. Um grupo é o avançado (...) é o de business, o segundo grupo é básico tão começando agora (...) e o terceiro grupo (...) eles fazem o New Interchange azul*

(...) vamos dizer que é intermediário só que eles são muito básico. Eu não vejo progresso nessa turma.

9) Qual a carga horária total?

PA: *Eles têm duas horas semanais. Seria seis meses cada módulo.*

10) Como os grupos são formados? Quem escolhe os participantes?

PA: *Não tem uma seleção. Se o aluno acha que ele é básico, ele entra na turma de básico; se ele acha que é avançado, ele entra na turma de avançado. Então, ele chega pra mim: posso assistir sua aula pra ver se eu acompanho? Se gosto, ele continua, se não, ele tenta outra turma. E quem faz isso são os próprios professores. E o coordenador não. Ele divulga, ele pede (...) fala pros alunos que ta tendo aula, fala os horários (...) os alunos que procuram os professores e os professores que acabam selecionando os alunos.*

11) Que horas o curso é realizado?

PA: *No horário de almoço deles. As aulas que eu dô. Durante o almoço.*

12) A sua formação inicial proporcionou a você saberes necessários para dar aula em contexto empresarial?

PA: *Não em contexto empresarial. O meu curso ajudou muito em dar aula em geral. Certo (...) em lecionar (...), mas empresa não especificamente em empresas é uma aula nova pra mim dar aula em empresas.*

13) E suas outras práticas?

PA: *Não, me ajudaram só na prática de ensino de língua. Me ajudaram na parte de entender as diferenças dos alunos. Como é dar aulas pra aluno de empresa, pra aluno de seja lá do sindicato seja lá pessoas que trabalham o dia inteiro ou pra cursinho. Cada um tem o seu objetivo então isso me ajudou só pra diferenciar tipos de alunos mais não em relação à empresa.*

14) Como você pensa que deve ser a formação de professores de inglês para lecionar em empresas?

PA: *Ah (...) talvez até uma disciplina a respeito de empresa. Isso falta (...) não tem uma disciplina própria.*

15) É preciso ser licenciado ou basta saber falar bem?

PA: *Não. Tem muita gente que sabe falar bem, mas não sabe ensinar. Então, você precisa ter toda sua didática e além de falar bem também o inglês.*

16) Como você foi selecionada para trabalhar lá na empresa I?

PA: *Foi por classificados. Eu tinha colocado no jornal... no Primeira Página e o coordenador I me ligou.*

17) Quais características suas foram apontadas por ele como necessárias para trabalhar nesta empresa?

PA: *Ele depois de ter visto o meu currículo que ele gostou, ele falou: você fala bem? Por que eu tô procurando uma pessoa que fala bem por que a entrevista foi em inglês. Então, começou assim. O segundo ponto (...) ele queria uma pessoa bonita (...) ele falou que eu era bonita então ele queria uma pessoa bem apresentável pra dar aula lá na empresa e mais,*

enfim, a necessidade maior dele era falta de professor ele tava com muita pressa para arranjar um professor.

Pesquisadora: Então você acha que ele te escolheu por que você fala bem ou por que você é formada em letras?

PA: *Também formada em letras. Ele enfatizou isso. Ele queria alguém que fosse da área.*

18) Como você decidiu dar aulas de inglês nesse segmento do mercado de trabalho?

PA: *Por que é uma (...) por que ia me ensinar muito (...) por que eu ia aprendê coisas novas. Em empresa eu nunca tinha trabalhado, eu nunca tinha tido experiência. A primeira coisa que eu falei: agora eu vou aprender mais o inglês.*

19) Que outras atividades relacionadas ao ensino de inglês você exerce?

PA: *Eu dou aula em cursinho pré-vestibular, dou aula em duas escolas de idioma e na empresa e dou aula particular também.*

20) Por quê?

PA: *Por que eu preciso financeiramente. Não tem como trabalhar em uma só.*

21) Conte algum incidente crítico que tenha ocorrido no tempo que você leciona inglês em empresas.

PA: *Já tive problema. É (...) com os alunos nunca tive problema. A (...) sim eu tive problemas com alunos sim. Turma que os alunos não são assíduos, que eles faltam muito devido à carga deles de trabalho. Eles sempre tão em reunião então, eles faltam muito de aula. Isso é normal e não deveria ser, mas isso é o que pesa por que eles não seguem as aulas direitinho. E agora também já tive problema fora da sala de aula com coordenação a respeito de salário.*

22) Que facilidades/dificuldades encontra em seu trabalho?

PA: *Facilidade (...) eu tenho liberdade de fazer, de ensinar do jeito que eu quero (...) a metodologia que eu quero, o material que eu quero, o material que eu preparo do jeito que eu dou aula. Fora também a respeito de falta. Se um dia eu precisar, os alunos aceitam mudar o dia e tal (...) isso eu não tenho tanta liberdade nas outras escolas. Lá, eu tenho a total liberdade de ensinar do jeito que eu acho que deveria ensinar.*

23) E quanto às dificuldades?

PA: *A falta dos alunos. Os alunos faltarem das aulas (...) a coordenação a respeito de salário atrasado. Outra coisa também é falta de material (...) falta de equipamentos pra dar aula (...) falta de televisão, dvd, som. O som eu tenho que leva todos os dias carregando então, não tem som lá pra mim. É e dvd também é muita burocracia ter que pedir um dvd, colocá o dvd numa sala. É tem muitas burocracias dentro da empresa que eles não facilitam isso pra gente poder dar aula.*

24) Como é o interesse, aprendizado, participação dos alunos?

PA: *Essa é a minha pergunta freqüente. De três em três meses eu tenho uma reunião com eles. Eu paro e falo assim: que que vocês aprenderam até agora? Eu gostaria que vocês parassem um pouquinho pra pensar. Vocês aprenderam alguma coisa nesse tempo? Principalmente pra aquela minha turma que eu não vejo evolução por que eles não têm tanto interesse. Eles fazem por que os chefes deles estão ali vendo eles fazendo aula, então, eles procuram tá ali pra talvez (...) por estar fazendo inglês, mas não vejo interesse nessa turma.*

As outras turmas são muito interessadas (...) têm consciência assim do que eles tão aprendendo. Essa pergunta que eu faço pra eles sempre faz eles pensarem.

Pesquisadora: Você acha que seria melhor, em contexto de empresa, o material didático ser todo criado para aquele contexto específico?

PA: *A gente não tá satisfeita com todo o material (...) seguir aquilo que ta na lição, aquilo que ta no livro. Sempre a gente pula por que às vezes não tem interesse. Se aquele exercício é irrelevante ou então traz uma atividade a mais, mas eu acho que pra falar a verdade, eu já tive experiência com dois livros de business. É que eu dei uma olhada e tal e fora o que eu trabalho agora (...) eles são bons sim, atendem ao que a empresa pede.*

Pesquisadora: Atendem às necessidades de todos os alunos?

PA: *Não. Essa parte de business é mais pros funcionários (...) engenheiro (...) a parte de administração.*

APÊNDICE 7 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA B (PB) DA EMPRESA I

1) Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários – alunos? Por quê? Quais são elas?

PB: *Geralmente sim, né? Por que é uma combinação dos interesses dos alunos por que na empresa você tem que seguir um cronograma, tem um número de aulas exatas. Quando os alunos vão lá pra ter informação sobre quanto tempo de duração tem o curso de inglês principalmente tem duração de quatro anos ou quatro anos e meio dependendo do curso tem que ter um acordo entre ambos por que você também não pode falar pro aluno que o nível básico vai durar seis meses se acaba sendo um ano. Tem que ter então uma concordância.*

2) Quais são as necessidades dos alunos?

PB: *Os alunos buscam mais conversação e a maioria faz faculdade, estudam em uma universidade federal do interior do estado de São Paulo e na USP. Eles têm necessidade por causa do mestrado ou por que têm textos em inglês que já tem dificuldade e alguns já pararam de fazer o curso e voltam por que têm dificuldade de compreensão. É pra ajudar nos estudos mesmo, e alguns conversação mesmo, pra aprimorar coisas de serviço. Eu dou aulas pra secretária pra estar mais atualizada.*

3) Como e por quem o material didático utilizado é selecionado?

PB: *É (...) o material eu estou usando só pra nível avançado que é o New Interchange. Agora pro básico eu vou preparando em casa tipo uma apostilinha. Eu tenho no meu computador, eu vou preparando e passando pros meus alunos.*

Pesquisadora: Então você faz o material de acordo com o que eles precisam, de acordo com as necessidades dos alunos?

PB: *Exatamente. Mais assim, por exemplo, eu tenho turmas variadas é pessoal da chefia, mestre, diretor é mais ênfase em conversação pra praticar o inglês, pra ter fluência. Agora os funcionários operários é mais pra atender o que eles nunca viram na vida. Eles estão lá pra tentar se comunicar mais pra também aprender.*

4) Você já havia lecionado inglês em contexto empresarial? Fale sobre essas experiências anteriores.

PB: *Não, é a primeira vez.*

5) Quantos e em quais grupos você dá aula? Qual a carga horária total? E por grupo?

PB: *Eu tenho dois grupos de básico, um avançado e um conversação. Dez alunos são básico, dois nesse nível avançado e mais cinco na conversação, então dezessete. A carga horária semanal é de duas horas.*

6) Como os grupos são formados? Quem escolhe os participantes?

PB: *É na verdade assim não tem um teste de classificação. Numa escola comum aplicaria-se um teste, né? Nunca fiz por que lá eles conversam com não seria bem um coordenador. Ele é tradutor técnico lá na empresa I e ele que vai selecionando. Então, coloca pra básico. Através de uma conversa informal mesmo ele organiza e aí depois passa pra gente.*

7) Em que horas é realizado?

PB: *Varia, é variado por que, por exemplo, pra nível básico é das 13 e 30 até 14 e 30 ou das 15 às 16. É quando tem a troca de turno. E o avançado também é das 15 às 16 e também na hora do almoço.*

8) A sua formação inicial proporcionou a você saberes necessários para dar aula em contexto empresarial? E práticas?

PB: *Não muito não. Por que eu não sei agora, mas quando eu me formei em 96 até lá, naquela época, neste período não tinha muita coisa assim, entendeu? Agora pode ser que tenha, né? Mais não tinha não, era mais formação pra escola pública ou particular.*

9) Como você pensa que deve ser a formação de professores de inglês para lecionar em empresas? É preciso sr licenciado ou basta falar bem? Pq?

PII: *Ah, o que poderia ser acrescentado seria assim, por exemplo, o inglês técnico, então talvez tivesse que ter tipo uma matéria optativa ou assim que desse alguma idéia de alguma coisa que fosse trabalhar. Por que a gente vê como você dar uma aula de gramática, como você utilizar livro, escolha de material didático, mas às vezes esse material não se aplica assim exatamente no mesmo período do curso normal, regular. Por exemplo, o curso de inglês que tem lá na empresa I. É (...) os alunos de básico geralmente vão demorar um pouco quem nunca viu vai ter uma certa dificuldade vai demorar um pouco mais. Não dá é (...) tem o cronograma montado, mas às vezes ultrapassa um, pouquinho.*

Pesquisadora: Você acha então que o material didático que você tá usando lá nem sempre atende às necessidades dos alunos?

PB: *Não, atende. Só que, por exemplo, se o aluno tem muita dificuldade então tem que ir um pouco mais devagar. Não dá pra correr muito com eles por que tem uns que têm muita dificuldade mesmo. Tem que começar desde o alfabeto. Acho assim que talvez poderia ter nos cursos um acerta introdução é (...) digamos como você é (...) por que são diferentes (...) vamos supor (...) se você faz uma faculdade de letras, você vai poder dá aula, coisas do tipo. Mas se você vai dar aula numa escola de idioma, você já tem aquele método, entendeu? Se você não tem aquele método próprio, e tipo se você pega esses alunos é (...) com dificuldade no básico então o material que você usaria numa escola pública ou pra uma escola particular não funcionaria pra esses alunos. Então, talvez pudesse ter um direcionamento assim: não então com operários ou então funcionários que teriam mais dificuldades teria que ser um pouco mais prolongado.*

Pesquisadora: Então, você acha que os cursos pra empresa poderiam ser feitos pra empresa, por exemplo, não talvez seguir esses livros. Você acha que poderia ser feito um material específico pra cada contexto?

PB: *É que, por exemplo, esses que eu já tenho montado que eu já tô fornecendo pros alunos. No ano que vem já vai ser montado uma apostila com esses exercícios. Você já chega lá já tem apostila por que tem exercício, exercício de gramática. E aos poucos já tem os textos. De acordo com o nível, né?*

Pesquisadora: É preciso ser licenciado pra trabalhar em empresa ou basta saber só falar bem inglês?

PB: *Eu creio que precisa ter uma formação, né? Por que você pode às vezes saber falar muito bem inglês, mas você pode não ter a didática pra passar pros alunos. De repente você sabe pra você e os alunos não entendem.*

10) Como você foi selecionada pra trabalhar lá na empresa I?

PB: *Na verdade ele (o coordenador) fez uma entrevista por telefone em inglês, né? Ligou pra minha casa e conversou comigo e acabou me selecionando através disso. Mas antes disso, ele já tinha visto meu currículo.*

Pesquisadora: Mas então você acha que pra ele é mais importante você ser formada em letras ou você falar bem?

PB: *Acho que foi os dois por que ele viu também a experiência que eu tenho e quanto tempo que eu dou aula, né? Ele viu que eu sou formada. Eu acredito que lê tenha me selecionado por que eu fiz o curso e pela minha experiência. E pra confirmar ou pra ver mesmo como tava o meu nível de inglês, ele fez a entrevista por telefone.*

11) Como você decidiu dar aulas de inglês nesse segmento do mercado de trabalho?

PB: *É (...) como eu trabalho em outra escola, eu tava com horário vago. E como eu gosto também, eu não teria problema ou imprevisto, eu aceitei.*

12) Que outras atividades relacionadas ao ensino de inglês você exerce? Pq?

PB: *Dou aula em escola de idioma, faço traduções e dou aula particular em casa. É (...) por que eu sempre gostei de fazer tradução na verdade. Mas eu terminei a faculdade e assim por incompatibilidade de horário. Então eu teria que deixar umas aulas pra fazer o curso. Por que aqui não tem na universidade federal do interior do estado de São Paulo, não tem matéria relacionada à tradução. Então tinha na Unicamp e em São Paulo, mas aí eram três vezes por semana a aula. Aí, eu teria que ir e voltar. Como a carga horária da escola já tava formada, eu acabei optando por trabalhar e não ir. Mas agora eu to pensando em fazer.*

13) Conte algum incidente crítico que tenha ocorrido no tempo que você leciona inglês em empresas.

PB: *Até agora não teve assim nenhum incidente não. Por que faz pouco tempo que eu estou dando aula lá.*

14) Que facilidades/dificuldades encontra em seu trabalho?

PB: *Facilidades (...) é o acesso que eu tenho ao coordenador. Eu to sempre conversando com ele. Ele é acessível, então eu não tenho nenhum problema não. Agora, alguns problemas é por parte da empresa mesmo. Do gerenciamento da empresa. Não com relação aos professores, com relação ao coordenador. Por que, por exemplo, é como se fosse uma prestação de serviço. Então tem os alunos que vão uma hora antes do serviço e eles são barrados na portaria. Então, eu precisei fazer um requerimento pra eles com o nome de todos, com o RE de todos pra que eles pudessem entrar. Em relação a material não por que lá na empresa I tem a biblioteca.*

15) Como é o interesse, a participação, o aprendizado dos alunos?

PB: *Ah, eles estão interessados. Eles não faltam, dificilmente. Se faltam, é por assim algum motivo de doença ou por que não pode. Mas eu percebo pelo menos no nível básico que eles têm muita dificuldade, mas tão sempre assim interessados em saber o por quê das coisas. O pessoal do avançado vão nas aulas mais pra praticar conversação. É difícil faltar. Mas agora os chefes e mestres têm reuniões, tem levantamento, inventário essas coisas.*

Pesquisadora: E como é o aprendizado?

PB: *Depende do nível. O básico tá indo mais lento. Por exemplo, eu tenho duas turmas de básico. Uma já é um pouco melhor que a outra. Não sei se é pelo fato (...) eles são sempre dedicados. Ms como eles já trabalham (...) eles entram 15 pras três e saem às 11 e 9 da noite,*

já vão uma hora antes, quer dizer que eles estão motivados. Mas tem uma turma que eles têm um pouco mais de dificuldade. Mas são as mesmas lições, mas uns estão mais adiantados em termos de evolução.

APÊNDICE 8- ENTREVISTA COM A PROFESSORA C (PC) DA EMPRESA II

1) Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários-alunos? Por quê? Quais são elas?

PC: *Sim. Eu acho que eu procuro atender às necessidades da empresa quando eles solicitam que os alunos devem aprender a ler o manual de uma maneira mais rápida e eficiente. Então durante as aulas o foco de ensino é esse, a leitura. Então a gente trabalha com as estratégias de leitura pra que eles possam desenvolver essa habilidade. Com o interesse eu também procuro atingir os interesses do aluno principalmente quando eles perguntam coisas que não estão diretamente relacionadas à matéria ou ao conteúdo ou coisas assim eu procuro atender. Mas no momento atender aos interesses do aluno, está sendo uma tarefa mais difícil. Por que o aluno se interessa por outras habilidades da língua como a fala, pronúncia, eles querem falar tal e a empresa pede pra que a gente não enfatize essas habilidades por que pra eles nesse momento não é necessário. Então, eu acho que aí tem um ponto de divergência por que não dá pra você atender o que a empresa tá pedindo como necessidade e o interesse do aluno sendo que a empresa manda cortar uma parte do conteúdo ou uma forma de trabalhar que o aluno se interessa.*

Pesquisadora: Então, a necessidade da empresa é que ele saiba ler o manual?

PC: *Isso.*

Pesquisadora: E as necessidades do aluno?

PC: *Eles precisam ler. Só que eh (...) inclusive eles precisam ler a mando da empresa pra que eles sigam o procedimento do manual pra efetuar a atividade que eles estão desenvolvendo. Só que aí tem outros problemas por que pesquisando lá com os alunos a gente percebe que a maioria deles não lê o manual por que eles já têm décor o que ele tem que fazer. Então, eu investiguei, né? Vocês eh (...) se tem alguma construção ou palavra que vocês não conhecem, vocês procuram? Eles falaram: ah não a gente já sabe o que tem que fazer. Então, a necessidade dele é compreender aquilo, então ele precisa estudar pra compreender aquilo. Só que eu acho que também engloba a necessidade de falar e de produzir por que eles recebem muitas visitas estrangeiras e às vezes não conseguem se comunicar nem explicar o próprio trabalho. Então, sempre precisa ficar chamando o supervisor pra auxiliar nessa tarefa, então fica bem limitado quem pode acompanhar alguém e quem não pode. Então eu acho que falta ainda essa parte pra gente atender às necessidades do aluno.*

2) Como e por quem o material didático é selecionado?

PC: *A gente não utiliza material didático pronto até por que é difícil você encontrar um material bem direcionado pra esse contexto. E (...) qual é o contexto que a gente tem? Manuais. Onde a gente encontra esse tipo de material? Só dentro da empresa. Ninguém mais trabalha com isso a não ser nesses tipos de empresa. Então, a gente não trabalha com livro didático. A gente pega os próprios manuais e transforma esse manual em uma apostila. Como assim? A gente recolhe manuais que os próprios alunos dão pra gente. Aí, com os manuais a gente prepara exercício de compreensão, tem exercício de gramática, tem tudo que ajude ele a compreender melhor o que tá escrito e aí a gente faz uma reunião de várias atividades assim coleta, agrupa e coloca numa apostila. Essas atividades são desenvolvidas por nós alunos da graduação ou da pós que trabalham, que atuam como professores no projeto, mas são supervisionadas, orientadas e corrigidas por duas professoras do departamento que são as orientadoras do projeto de extensão.*

Pesquisadora: Então, é um material feito pra essa empresa?

PC: *É pra essa empresa. É bem específico. A gente recolhe o material deles e transforma em material didático de sala de aula pra essa empresa.*

3) Você já havia lecionado inglês em contexto empresarial? Fale sobre essas experiências anteriores.

PC: *Não, nunca.*

Pesquisadora: Onde você trabalhou antes?

PC: *Em escolas de idioma e em projetos de extensão na própria universidade federal do interior do estado de São Paulo. Então, são outros dois contextos diferentes e que também são diferentes entre si, mas em empresa desse jeito que a gente trabalha lá é a primeira experiência.*

4) Quantos e quais grupos você dá aula? Qual a carga horária total? E por grupo? Como os grupos são formados? Quem escolhe os participantes? Em que hora o curso é realizado?

PIII: *Dou aula em 1 grupo chamado de A. A carga horária total é de 48 horas sendo 6 horas semanais. É realizado um teste de proficiência para que os grupos sejam formados, mas que escolhe quem vai fazer o teste é a empresa. O curso é realizado de segunda à quinta das 16:30 às 18:00.*

5) A sua formação inicial proporcionou a você saberes necessários para dar aula em contexto empresarial?

PC: *Não. Eu acho que se eu não tivesse participado desse projeto, só as aulas da graduação não me explicam tudo que tem que ser feito dentro de uma empresa. Por que eu acho que dentro da empresa além de você atender às necessidades e aos interesses da empresa e dos alunos, ainda tem o funcionamento de uma empresa que acaba te afetando. Apesar da gente não ser funcionário direto da empresa por que pra gente é um estágio então quem nos supervisiona e coordena são as professoras da Letras, a gente é (...) encontra não é dificuldades são fatores com os quais a gente tem que lidar que são empresariais, por exemplo, eles precisam terminar um trabalho, então não vão à aula, eles precisam viajar e não vou à aula. Isso é muito específico do contexto empresarial. Coisa que na escola não é assim. Dificilmente o aluno falta ou se ele trabalha, ele já tem o horário reservado pra ir pra aula então marca aula no horário que ele não vai trabalhar. Na empresa não. Às vezes ele tem que sair de dentro da aula pra resolver um problema ali dentro e aí a gente também trabalha com o pessoal que tem a questão hierárquica. Às vezes numa mesma sala tem diferentes pessoas com diferentes níveis, diferentes posições dentro da empresa então você trabalha com o chefe com o subordinado dele e isso você só encontra na empresa por que dentro da escola todo mundo é igual né? Você não tem muito isso nítido. Dentro da empresa é nítido. Todo mundo se conhece, trabalha junto e vão pra aula juntos.*

6) Como você pensa que deve ser a formação de professores de inglês para lecionar em empresas? Por quê?

PIII: *Eu acho que o que deveria realmente ter é uma experiência dessa. Ou como forma de projeto de extensão ou como um estágio. Eu sei que isso é meio utópico por que nem toda faculdade vai poder ter esse convênio. Às vezes os professores né? Talvez os professores da graduação pudessem incentivar e também aceitar o estágio em empresa por que no nosso curso eles só aceitam estágio em escola pública. Então por que não aceitar o estágio numa empresa, numa escola particular por que eu acredito que se os alunos fossem oferecer um estágio ou fosse acompanhar um professor na empresa, a empresa até abriria as portas pra*

esses estagiários. Coisa que a gente não pode fazer por que nosso estágio só é válido se for feito na escola pública. Então eu acho que isso seria uma opção por que também acredito que seja difícil incluir dentro da grade algo mais específico voltado pra empresas. A não ser que fosse uma palestra, um mini-curso alguma coisa assim, um relato de experiência que ajudasse quem tá na graduação, mas talvez o estágio seria a melhor forma.

7) Conte algum incidente crítico que tenha ocorrido no tempo que você leciona inglês em empresas.

PC: Eu nunca deixei de dar aula por algum desses problemas, mas a gente já teve assim de chegar lá e o rádio não tá ou chegar lá e a sala tá trancada, então atrasou um pouco a aula, mas eu nunca deixei de dar aula. Até por que quando acontece um problema muito grande que a gente não vai poder dar aula, eles avisam. Eles avisam antes. Não muito antes, mas eles avisam.

Pesquisadora: Lá, as salas são para curso de inglês?

PC: Não, são salas de treinamento. Então, serve pro curso de inglês, serve pra cursos que eles fazem de qualificação cada um na sua área. É pra qualquer curso eles utilizam a sala. Mas é que geralmente os cursos lá são dados durante o expediente e o curso de inglês é após o expediente dos funcionários então não choca e quando choca, eles avisam.

8) Como é o interesse, a participação e o aprendizado dos alunos? Por quê?

PC: Uma pergunta de cada vez.

Pesquisadora: Tá. Então como é o interesse dos alunos em aprender a língua?

PC: Eu colocaria assim é (...) aproximadamente uns 80% da sala têm muito interesse por que eles vêem que o idioma é muito importante hoje em dia não só pro trabalho deles, mas por outras questões. Até por isso que até eles pedem: ai a gente não vai ter conversação ou alguma coisa assim? Porque eles percebem essa necessidade. Pela necessidade eles se interessam. Eu acho que tem essa parte. Também tem a parte que eles vão lá buscando um curso de idiomas assim talvez, então eles são interessados, o interesse a gente vê. Alguns alunos não. Achando que por eles já saberem como realizar o procedimento, eles não precisam de inglês. Então, esses alunos são mais difíceis assim pra trabalhar em sala, mas de maneira geral eles são interessados.

Pesquisadora: E a participação deles como é em sala de aula?

PC: Eu acho que é interligado com interesse né? Os mais interessados têm uma ótima participação em sala. Eles discutem, eles querem saber, perguntam, eles questionam e aquela parte menos interessada eu diria assim deixa até o cansaço influenciar por que como eles não estão tão interessados e tão cansados pelo dia de trabalho, eles acabam não participando muito, né? Não interagindo muito. A maioria da sala é interessada e é participativa, mas há sempre alguns alunos não são muitos. Numa sala de 20 talvez uns dois ou três não correspondam a essa interação na hora da aula.

Pesquisadora: E o aprendizado está interligado com o interesse e a participação?

PC: Sim. Até eu percebo que esses alunos que são menos interessados e participam menos têm mais dificuldade ou até assim eles fazem uma pergunta que a gente já viu na aula passada principalmente em relação à aquisição de vocabulário. Por que o vocabulário do manual ele é um tanto quanto repetitivo. Ele não costuma ter várias palavras pro mesmo significado. Se ele precisa falar primeiro, ele vai usar "first" todas às vezes. Ele não vai ficar usando outras palavras possíveis. Então, o aluno viu isso uma vez duas vezes, aquilo já fica

com ele, ele já vai aprendendo. E esses alunos menos motivados que participam menos, você percebe que não tem essa aquisição. Demoram mais. Eles aí o que é essa palavra? Ué a gente não viu na aula passada? A é deixa eu ver. Volta pra procurar, mas isso acontece com mais frequência do que com os alunos que estão ali motivados, interessados, então eu acho que acaba prejudicando a aprendizagem do aluno.

9) Como você foi selecionada para trabalhar nesta empresa?

PC: Fiquei sabendo do projeto de extensão por outras alunas da graduação e procurei as professoras responsáveis para me informar. Acompanhei algumas aulas como ouvinte e algumas reuniões. Quando algumas das professoras se formaram, entrei no projeto no lugar delas.

APÊNDICE 9 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA D (PD) DA EMPRESA II

1) Você procura atender aos interesses e necessidades da empresa e dos funcionários-alunos? Por quê?

PD: *Sim. Por que isso é o que o projeto se propôs a fazer e como eu entrei no projeto eu pretendo seguir exatamente o que é proposto.*

2) Quais são elas?

PD: *Bom, como os manuais de manutenção são todos em inglês, os alunos têm a necessidade de entender pra fazer o serviço corretamente e de reportar o serviço que eles fizeram em fichas de serviço que também tem que ser reportados em inglês e eles têm muita dificuldade nisso (...) pra interpretar em português e em inglês mais ainda. Realmente eles precisam do inglês.*

Pesquisadora: Mas essa é a necessidade que a empresa tem do funcionário? Ou é a necessidade do funcionário em si? Ou eles têm outros interesses?

PIV: *Pelo que eu percebo com os meus alunos, alguns se interessam por inglês e gostariam de praticar speaking também nas aulas, mas não é possível por que a empresa não dá esse tempo pra fazer um curso mais extenso né? O que eles querem é estratégia de leitura e que os funcionários fiquem aptos a lerem os manuais e fazer o serviço corretamente, mas eu percebo o interesse dos alunos em fazer outras atividades sim.*

3) Como e por quem o material didático é selecionado?

PD: *Todos os professores em conjunto montam o material com base nos manuais de manutenção que os próprios alunos fornecem pra gente.*

4) Você já havia lecionado inglês em contexto empresarial? Fale sobre essas experiências anteriores.

PD: *Empresarial não.*

5) Quantos e quais grupos você dá aula?

PD: *Grupo do módulo A. É o primeiro módulo que eu to dando e é o único.*

6) Qual a carga horária total?

PD: *Eles têm 1 hora e meia por dia, quatro vezes por semana. O que dá 6 horas por semana. E eles fazem durante dois meses e meio.*

7) Como os grupos são formados?

PD: *Os chefes de seção eles selecionam os funcionários que podem não estar precisando do serviço na hora que o curso é oferecido, então eles selecionam um de cada oficina mais ou menos e aí depois vai rodando pra que outros alunos possam fazer o curso.*

Pesquisadora: Mas antes deles entrarem no curso, como que os grupos são divididos?

PD: *Ah, então. Nós aplicamos um teste de nível que é o placement logo no início que é um teste igual pra todo mundo. Aí, dependendo das notas aí eles se encaixam nos módulos A, B e C.*

8) Em que hora o curso é realizado?

PD: *Das 4 e 40 às 6 horas da tarde de segunda à quinta.*

9) A sua formação inicial proporcionou a você saberes necessários para dar aula em contexto empresarial?

PD: *Ah, com certeza. Por que nós tivemos muita teoria lingüística a respeito de ensino e aprendizagem de línguas então mesmo sendo uma aprendizagem parcial, a gente percebe a necessidade dos alunos, a gente consegue sentir o que eles estão pedindo e o que não está encaixando bem.*

Pesquisadora: Mas você aprendeu especificamente para dar aula em empresa?

PD: *Pra dar aula em empresa não. Eu tive um pouco de inglês instrumental no primeiro ano então isso me deu um pouco de base. Ai, agora eu to fazendo a disciplina de metodologia de ensino de inglês instrumental e ai aplicando o que eu to aprendendo nessa disciplina agora que eu já tô na prática também.*

10) Como você pensa que deve ser a formação de professores de inglês para lecionar em empresas? Por quê?

PD: *É acho que poderia haver uma disciplina de inglês voltada para contextos empresariais em geral. Não sei como que ela seria designada, mas acho que ajudaria bastante assim pra gente não chegar meio de pára-quadras.*

11) Conte algum incidente crítico que tenha ocorrido no tempo que você leciona inglês em empresas.

PD: *Não, assim (...) de atrapalhar algumas vezes eu chego e a sala de aula tá fechada não sei por que motivos, mas assim poucas vezes que aconteceu mais só.*

12) Como é o interesse dos alunos? Por quê?

PD: *Alguns alunos se interessam bastante por que eu percebo que eles gostam de inglês e queriam fazer um curso extra em escolas de idiomas. Outros alunos que tão lá só por que a empresa quer que faça o curso, então eles sabem que têm que fazer e eles tão lá simplesmente por isso.*

13) Como é a participação deles?

PD: *Eles participam bem. Os alunos da minha turma pelo menos (...) alguns (...) eles ficavam meio tímidos, inseguros. De modo geral tem uma participação boa na minha turma.*

Pesquisadora: E o aprendizado?

PD: *Os alunos que se dedicam mais é clara a evolução, o aprendizado deles. Agora tem uns que não tão nem aí pra curso e realmente não se interessam (...) têm uma evolução mínima.*

14) Como você foi selecionada para trabalhar nesta empresa?

PD: *Uma das coordenadoras me falou (...) falou pro pessoal da minha turma que tava no quarto ano que tava precisando de alunos pra trabalhar nesse projeto. E como eu sempre me interessei pela área de língua inglesa, e achava esse projeto bem interessante por ser um contexto diferente dos quais eu já havia trabalhado, eu resolvi começar a assistir as aulas.*

APÊNDICE 10 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO FII AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa ;

ANALISTA DE PROCESSOS – 3 ANOS

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

1.º) CUSTO MENOR QUANDO COMPARADO AO MERCADO
2.º) APROVEITAR MELHOR O HORÁRIO DE ALMOÇO

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

SIM, ESTUDEI EM VÁRIAS ESCOLAS. SE SOMADO TODOS OS CURSOS ACREDITO QUE DEVE ESTAR POR VOLTA DE - A ESCOLA AONDE ESTUDEI MAIS TEMPO FOI A WIZARD.

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

SIM, POIS O MATERIAL É FOCADO PARA AS NECESSIDADES PROFissionais.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

SIM, POIS A PROFESSORA CONSEGUE ATENDER OUTROS TEMAS QUE O LIVRO N ABORDA.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

PARA MIM É O LISTENING

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

SIM, PORÉM EU PRECISO ESTUDAR MAIS FORA DAS AULAS.

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

NAO.

APÊNDICE 11 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F1II AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa?

SOU COORDENADOR DE FERRAMENTARIA E TRABALHO
HÁ 5,5 ANOS

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

DEVIDO MEU HORÁRIO DE TRABALHO E A FACILIDADE DE SER NA PRÓPRIA EMPRESA, POIS AS AULAS SÃO 2 X POR SEMANA, 1 HORA ANTES DO MEU HORÁRIO DE ENTRADA P/ O TRABALHO.

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

SIM. NA WIZARD - PIRACICABA, 1.1/2 ANO.

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

SIM. PORQUE O LIVRO TRATA DO COTIDIANO. TEMOS TAMBÉM ATIVIDADES PARALELAS AO LIVRO, COMO MÚSICAS E OUTROS.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

SIM. PORQUE ESTÁ ATUALIZADO, MAS DEVIÁRIAMOS TER O CD E O VÍDEO EM SALA COMO AUXILIARES

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

FALAR / CONVERSACÃO.

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

BASICAMENTE SIM. O ÁUDIO E O VÍDEO ACREDITO QUE SEJAM FACILITADORES.

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

AS VEZES E-MAILS E RELATÓRIOS.

APÊNDICE 12 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F1III AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

Preparador e ajustador de máquina 10 anos

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

Porque gosto e nos dias de hoje é necessário

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

NAO

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

Parcialmente. Havia necessidade de um DVD
pl melhorar.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

Sim. Era a forma ideal pl estudar.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

Entendimento, Formular frases e pronúncia

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

Yes. Na medida do possível (DVD)

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

Algumas coisas tipos mensagem de erros, e alguns manuais de equipamentos

APÊNDICE 13 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F11V AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa?

Rainee Industrial, há 14 anos e 4 meses.

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

Convidação e preço.

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

Sim,

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

Parcialmente, pois não temos aulas com DVDs e

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

Sim, em partes.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

Formular frase, gramática, entendimento.

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

Sim, na medida do possível.

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

Gráficos, planilhas, Relatórios

APÊNDICE 14 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F1V AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo):

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa :

7 ANOS

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

PORQUE SENTI NECESSIDADE, E NA EMPRESA, SE TORNA MAIS FÁCIL FREQUENTAR AS AULAS.

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

SOMENTE O INGLÊS ROTINEIRO DE GINÁSIO.

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

SIM. PORQUE É BEM ABRANGENTE.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

SIM. PORQUE O CONTEÚDO É DE BOA QUALIDADE.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

NÃO EXISTE DIFICULDADE. O QUE FALTA É MAIS DEDICAÇÃO DE MINHA PARTE.

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

SIM. MAS PRECISO ME DEDICAR AO IDIOMA.

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

AS VEZES ALEGUS E-MAILS COM CONTEÚDOS EM INGLÊS.

APÊNDICE 15 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F1VI AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

ELETRICISTA : TEMPO DE SERVIÇO 21 ANOS.

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

R: O INGLÊS É IMPORTANTE PARA DIVERSAS ÁREAS, POIS TRABALHO COM PAINÉIS DE COMANDO E O ESQUEMA ELÉTRICO E OS MANUAIS SÃO NA MAIORIA EM INGLÊS

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

R: EU INICIEI O CURSO DE INGLÊS NA LIVERPOOL ENGLISH SCHOOL DURANTE 1 ANO; E NA ESCOLA FISK, 6 MESES (BOLSA DE ESTUDO).

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

R: DEPOIS DESTES TEMPOS 1 ANO E SEIS MESES EU PAREI E ESTOU RETORNANDO, POR ISSO EU NÃO SEI SE O CURSO E O MATERIAL ESTÃO ATENDENDO AS MINHAS NECESSIDADES.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

NO MOMENTO ATENDEM E ESPERO ESFORÇAR-ME, PARA CHEGAR A FAZER UM INGLÊS FLUENTE, POIS ACREDITO QUE O IMPORTANTE É EDUCAR O OUVIDO PARA ENTENDER.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

R: EU ACREDITO QUE EU PRECISO TER MAIS REZAÇÃO A LÍNGUA INGLESA NO DIA A DIA E TER MAIS ESFORÇO.

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

R: ESPERO QUE O CURSO E O MATERIAL AJUDEM A EU SUPERAR AS MINHAS DIFICULDADES.

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

R: O MEU CONHECIMENTO DE INGLÊS ATUALMENTE É USADO PARA O MEU PRÓPRIO INTERESSE, POIS É PARA O MEU PRÓPRIO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.

APÊNDICE 16 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F1VII AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo):

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa:

Analista de Processo - 3 anos

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

Custo benefício viável, disponibilidade, horário flexível

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

Sim, Wizard 2 anos, 1 ano Liverpool, 2 anos na Faculdade,

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

Sim, porque é um material que explora leitura, gramática, conversação e listening, com vocabulário aplicado à negócios e a situações de trabalho.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

Sim, porque uso melhorar principalmente a conversação e a gramática.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

Listening e Conversação

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

Sim

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

Documentos técnicos, normas, catálogos, programas de máquinas, catálogos, e-mails

APÊNDICE 17 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F1VIII AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos para fins de pesquisa de mestrado:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

Sou técnico e estou a 7 anos e meio na empresa.

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

Por estar se enquadrando no meu orçamento, ser na dependência da empresa e em horário que concilia o meu horário de serviço e de estudo.

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

Sim, por um período de aproximadamente 2 anos entre a escola do Sindicato dos metalúrgicos e particular.

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

Sim, mas todo material de apoio e buscas de recursos são sempre bem vindos.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

Sim, pois sempre estamos utilizando materiais constantemente.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

Conversação e expressão do texto lido no momento de falar.

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

Estão me ajudando com o auxílio da professora.

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

Leitura e interpretação de desenhos, manuais e encartes de equipamentos e instrumentos.

APÊNDICE 18 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2I AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

meccânico - 10 meses

- 1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?
Necessidade
- 2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?
Naõ
- 3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?
mais ou menos, porque o material estava mais direcionado
- 4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?
sim, porque eu quero aprender inglês
- 5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?
verbos, tempos verbais
- 6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?
sim
- 7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?
As tarefas, e temas que responder o trabalho feito

*

APÊNDICE 19 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2II AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

7 TRABALHO NA APENAS 6 MESES NAS OFICINAS ESPECIALIZADAS

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê? ✓

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê? ✓

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa? ✓

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

respostas

1- pela dificuldade em entender os manuais

2- estudei inglês no ensino médio nas escolas estaduais

3- sim, como o nome diz é um inglês para fins

4- sim, embora o que necessita durante a execução

5- a falta de conhecimento e o não-uso já que nativo é o português

6- nem sempre, cumpri apenas 1 modelo de testes

APÊNDICE 20 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2III AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

meccanico, um ano

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

foi convidado a fazer o curso

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

nao

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

sim, porque tem tudo a ver com o que eu faço dentro da empresa

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

sim

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

vocabulário e regras

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

sim

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

as tarefas, responde as tarefas

APÊNDICE 21— RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2IV AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

Sou mecânico, 1 ano

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

Fui convidado a fazer o curso pela empresa

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

NAO

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

Sim, por que o material adotado tem a ver com o meu serviço

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

Sim

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

vocabulário e regras

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

Sim

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

As tarefas, as respostas das tarefas

*

APÊNDICE 22 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2V AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

trabalha como técnico do setor de Poltronas há 4 anos

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

para atualizar meus conhecimentos sobre manuais

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

nao

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

sim

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

sim

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

todo

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

sim

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

manuais, as fichas de serviço

*

APÊNDICE 23 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2VI AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

eu mecano pleno, trabalho na usina de peças e reposição das ferros a quente e a quente

- 1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?
peço pelo fato dos manuais usados na empresa serem em inglês
- 2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?
muito pouco, ginásio, colégio.
- 3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?
sim, são voltados de propósito mesmo para uso dentro da empresa
- 4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?
sim, por serem voltados ao meu dia a dia dentro da empresa
- 5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?
leitura total, hoje já melhorar um pouco, o pior é pronunciar.
- 6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?
claro sim
- 7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

Recebo todas as instruções através do manual escritos em inglês. por isso hoje me sinto mais confiante já consigo entender muitas coisas que antes me complicavam, tendo então que buscar ajuda dos outros.

APÊNDICE 24 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2VII AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa: *manutenção e fabric de componentes, Trabalho A 6 meses.*

- 1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?
- 2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?
- 3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?
- 4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?
- 5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?
- 6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?
- 7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

1) Para poder melhorar a leitura, o entendimento dos man e baixar a fichas de reparo.

2) Não.

3) Sim, ajuda muito no entendimento dos textos.

4) Sim, quero aprender muito sobre os manuais.

5) O significado das palavras.

6) Sim.

7) O recebimento de fichas dos componentes, e por baixo das mesmas e necessita ser em inglês.

APÊNDICE 25 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2VIII AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

TRABALHO NO SETOR ESTRUTURA HA 06 MESES

1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?

PARA CONHECER O INGLÊS INSTRUMENTAL E APREENDER ESTA LINGUAGEM

2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?

SIM, NA ESCOLA DO COLEGIO

3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?

SIM, NO MOMENTO ATENDEM UM POUCO; MAS PRECISARIA TERMINAR OUTROS MATERIAIS.

4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?

SIM.

5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?

EM INTERPRETAR CERTAS PALAVRAS PARA ENTENDER O TEXTO

6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?

SIM

7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?

PRODUZ PARA LER OS MANUAIS E DESENVOLVER O TRABALHO O DIA A DIA.

APÊNDICE 26- RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2VIX AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

Alongar, estrutura 6 meses

- 1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?
melhorar e aprender a traduzir manuais
- 2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?
NÃO.
- 3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?
Mais ou menos. Pode ser melhorado
- 4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?
Sim, conhecimento nunca é demais.
- 5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?
Tempo para praticar
- 6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?
Mais ou menos.
- 7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?
Pouco.

APÊNDICE 27 – RESPOSTAS DO FUNCIONÁRIO F2X AO QUESTIONÁRIO

Roteiro para entrevista com os funcionários-alunos:

Perguntar primeiramente:

Nome (facultativo)

O que faz na empresa e há quanto tempo trabalha nesta empresa

Técnico em Eletrotécnica, trabalho faz a 5 anos.

- 1) Por que você procurou o curso de inglês da empresa?
Para ter um conhecimento melhor do manuais da empresa.
- 2) Você já havia estudado inglês antes? Se sim, onde e durante quanto tempo?
Sim, na própria empresa, nos módulos anteriores 1, 2, 3 e 4.
- 3) O curso e o material adotado atendem às suas necessidades? Por quê?
Sim, foca o assunto requerido.
- 4) O curso e o material adotado atendem aos seus interesses? Por quê?
Sim, são métodos que eu já utilizava sem saber.
- 5) Quais as suas dificuldades em relação à língua inglesa?
É o básico do Inglês.
- 6) O curso e o material adotado ajudam você a superar essas dificuldades?
Sim, me ajudaram a superar uma dificuldade ainda da escola.
- 7) O que você recebe e/ou produz em inglês dentro da empresa?
Preenchimento de fichas de tarefas executadas.

✶

APÊNDICE 28 – EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NO CURSO DA EMPRESA I

Unit 5

The Internet

OVERVIEW

- Defining and non-defining relative clauses + prepositions
- Internet vocabulary
- *make/let/allow/enable/permit*
- Phrasal verbs: *make/get/let*
- Avoiding ambiguity
- Making your point clearly
- Writing emails

LANGUAGE FOCUS

Relative clauses

1 Have you ever heard of an Internet site called lastminute.com? Look at this extract from their website. What services do you think they might offer?



2 Read this article about Martha Lane Fox, who founded lastminute.com with her partner, Brent Hoberman.

- 1 Why don't lastminute.com's offices seem like 'the nerve-centre of a multi-million-pound Internet business'?
- 2 Martha Lane Fox describes herself as 'about as technical as a peanut'. What do you think she means?
- 3 How did lastminute.com get started?
- 4 How did her friends react when they found out what she was doing? Why did they react like this?
- 5 What services does the company offer?

3 Work in pairs and discuss these questions.

- 1 Does Martha Lane Fox match your image of an Internet entrepreneur? Why, or why not?
- 2 Why do you think they chose the name lastminute.com? What do you think it says about the kind of customers the company attracts?
- 3 Would you use lastminute.com's services? Why, or why not?



46

Defining and non-defining relative clauses

Look at these examples of relative clauses (a–g) and answer the questions (1–3).

- a She takes after her father, Robin, who informed her only the other day that he had just used a cash machine for the very first time.
- b Ms Lane Fox tells the story of a gentleman who wrote to express his thanks.
- c All my friends, who are now leaving their jobs to join Internet start-ups, said ...
- d The reception area, which is on the seventh floor of an anonymous office building, consists of ...
- e ... she leads me into a boardroom which contains a long table ...
- f The section that I like the most is called 'Serious Money'.
- g She landed a job at a management consultancy called Spectrum, which advised big companies on the uses of new technology.

- 1 Which sentences are examples of defining clauses (where the information is essential) and which are examples of non-defining clauses (where the information is additional and not essential)?
- 2 In which case(s) can the relative pronoun be omitted? Why?
- 3 Look back at the article on page 47 and find examples of other relative pronouns. Are they used in defining or non-defining clauses?

 Pocket Book page 17

Relative clauses and prepositions

In relative clauses, a relative pronoun can be the object of a preposition. In speech or informal writing (e.g. emails), we generally put the preposition at the end of the clause, otherwise it may sound very formal or awkward.

Compare the following sentences. Which sentence sounds more natural, and why?

- a The people with whom I keep in touch are mainly friends.
- b The people (who) I keep in touch with are mainly friends.

You can put quantifiers such as *all, each, some, several, many, or most* before *of whom* and *of which* to give extra information about the whole or a part of a particular group.

*Search engines find a lot of sites, most of which are generally irrelevant to your needs.
I've met a lot of people through chatlines, some of whom have now become my friends.
Newspaper websites, the majority of which are free, are a good source of financial information.*

 Pocket Book page 17

- 6 Underline the most appropriate form in italics (\emptyset = no pronoun). If both forms are possible, underline both.

After leaving university in 1994, the year ¹*which / that* I was twenty-one, I took some time off to go travelling, ²*which / that* turned out to be the best decision of my life. I ended up in Thailand, ³*which / that* was where I met my business partner, Alex. We worked out the idea for a website company over dinner in the hotel ⁴*where / that* we were both staying in.

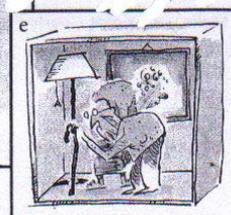
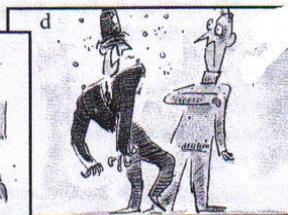
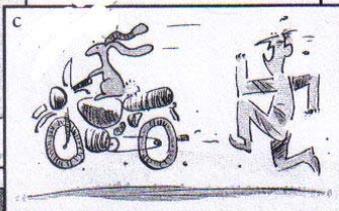
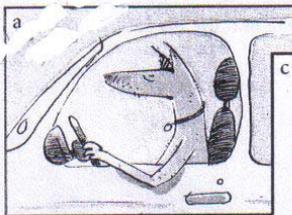
We started the company in 1998, ⁵*which / \emptyset* was the year the Internet really took off. The place ⁶*which / where* we finally decided to base ourselves was Dublin, ⁷*where / \emptyset* there are lots of hi-tech companies. One of the things ⁸*that / \emptyset* I like best about this job is the freedom to experiment and explore new possibilities. I have to admit that I owe most of my success to Alex, ⁹*who / that* is the real 'ideas' person.

APÊNDICE 30 – EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NO CURSO DA EMPRESA I

FOCUS ON FUNCTIONS Making things clear

- 1 Here are some extracts from real stories in newspapers and magazines in the English-speaking world. They all contain an example of *ambiguity* – they are intended to have one meaning, but because of the way they are written they can also mean something else.

Work in pairs. Match each extract with one of the cartoons, and say what makes them ambiguous.



- 1 I bet I'm the only guy who's chased a rabbit on a motorbike round a field and caught the rabbit.
- 2 **The other motorist declared that Mr Howard smelled of drink. So did a policeman.**
- 3 They delivered 66 food parcels to the elderly residents living locally (in a large box).
- 4 If you take your dog in the car, don't let him hang out of a window while driving.
- 5 Like Adela, he had dark brown hair, with enormous black eyebrows, a moustache, and a short beard.

Denys Parsons, *The Best of Shrdlu*

- 2 Here are some tips for writing clear sentences, and avoiding ambiguity.

- Put the *subject* as close as possible to the *verb*.
- Put *adjectives* before the *noun* they describe.
- If there are several *adjectives*, follow this order:
personal opinion + size + age + colour + origin + material + use.
- Be careful how you use *participles* – they usually refer to the *subject* immediately preceding them.

Rewrite the sentences in 1 so that the meaning is clear.

Pronunciation

- 1 You're going to hear three versions of the same sentence, spoken three different ways. A different word is stressed in each to give a particular meaning.

- 1 Decide which word would be stressed in order to produce the response.
- a I went to Paris first.
Oh, not to Rome?
- b I went to Paris first.
So you went, not Elena?
- c I went to Paris first.
So you went to Paris before you went to Rome?
- 2 5.3 Listen and check if you were right.
- 3 Work in pairs. Practise saying the sentences and responding, stressing different words.

- 4 Work in pairs. One person should look at sentences a–c; the other should look at sentences d–f. Underline three different words in each sentence which can be stressed to give a particular meaning.
- a He can play the piano extremely well.
- b Her home number is 212664.
- c Let's meet on Thursday the thirteenth.
- d We're going to the Alps for a skiing holiday.
- e His work address is 16 High Street, Oxford.
- f She should be here before six.

- 2 Take turns to read out your sentences, giving one word a particular stress. Your partner should respond, improvising as necessary.

APÊNDICE 31 – EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NO CURO DA EMPRESA

PRACTICE

1.

Write sentences using the comparative of the adjective in brackets.

1. London / Madrid (big)

London is bigger than Madrid.

2. The Pyramids / The Eiffel Tower (old)



3. Chinese / English (difficult)



4. Woody Allen / Marlon Brando (thin)



5. Leonardo DiCaprio / Sean Connery (young)



6. Reading books / playing video games (interesting)



7. A month's holiday / a week's holiday (good)



8. Finland / Spain (cold)



2.

Complete the sentences with the comparative or the superlative of the adjective in brackets.

- The Empire State is the highest (high) building in New York.
- The Nile is _____ (long) than the Thames in London.
- In your opinion, who is the _____ (good) singer in the world?
- Reading a good book is a much _____ (relaxing) way to pass the time than watching TV.

APÊNDICE 32 – EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NO CURSO DA EMPRESA I

3.

Mark with an X the place in the sentence where you could add an intensifier and specify which could be used (there may be more than one possibility).

· much · many · a lot · far · a little · a bit · a few · less

1. This house is (X) bigger than the other one. much / a lot / far
2. This film was less frightening than the one we saw last week. _____
3. The weather is colder than last week. _____
4. I am ten centimeters taller and my clothes feel smaller. _____
5. The first exercise was easier but this one is more difficult. _____
6. I've got more CDs than you, so I can lend you some. _____
7. My room is bigger than my sister's but she is always complaining. _____

4.

Choose the correct word from the box to complete the sentences.

1. Jane is ... taller than Jennifer. A very B much C many
2. My friend Peter is as old ... me. A than B like C as
3. She likes the same things ... I do. A than B like C as
4. Our house is ... from the station than yours. A farthest B more far C farther
5. Your shirt isn't ... clean as mine. A as B like C than
6. Frank is the most intelligent boy ... the class. A of B into C in

APÊNDICE 33 – EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NA EMPRESA II

English for Specific Purposes -

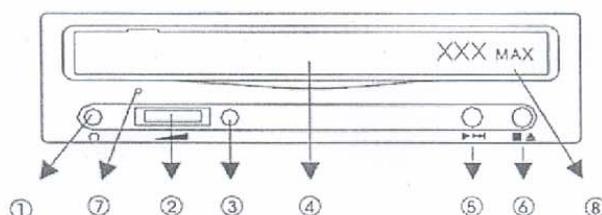
Level A



Exercícios

Observe o texto abaixo atentamente e responda as questões a seguir:

CD – ROM OPERATION



- ① **Headphone Jack:**
For connection to headphones to get sound output.
- ② **Analog Volume Control:**
For adjusting the volume level of the sound that comes from the headphone Jack.
- ③ **On/Busy LED:**
The On/Busy LED flashes while the CD-ROM disc is in normal accessing.
- ④ **Disc Tray:**
For loading or unloading the disc.
- ⑤ **Play/Skip:**
For playing the first song or skipping a song when a CD-DA disc is loaded.
- ⑥ **Open/Close:**
For opening or closing the disc tray, and for stopping playing a CD-DA disc.
- ⑦ **Emergency Eject:**
For opening the disc tray when both Open/Close button and software control fail. To eject the disc tray, press a thin rod into the emergency eject hole.
- ⑧ **CD-ROM Speed:**
This user's manual is used for a series of this product. Hence, the speed of CD-ROM Drive will be indicated here, for example, 36X, 40x, 44x, 50x... etc.

Remark: For ②, some models are digital volume control, the functions are all the same with analog volume control.

APÊNDICE 34 - EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NA EMPRESA II

English for Specific Purposes -

Level A

1) Considerando o **layout**, deduza que tipo de texto é esse:

2) Onde você poderia encontrar um texto como esse? Coloque um (x) na melhor opção:

Revista Jornal Manual de computador

3) Escreva abaixo algumas palavras que possam confirmar a resposta anterior:

4) Escreva pelo menos três palavras cujos significados você conseguiu adivinhar pelo uso do **contexto**.

5) O que os números de 1 a 8 (no texto) indicam?

6) Baseado em seu **conhecimento prévio**, escreva o que as palavras *play*, *open*, *close* significam:

7) Que outros aparelhos vêm acompanhados de textos como esse? Cite três exemplos.

 **Exercícios**

1) Tente adivinhar que palavras poderão aparecer em um texto intitulado *Auto Flight System Presentation*.

2) Agora, leia o texto rapidamente para confirmar (ou não) as suas hipóteses.

APÊNDICE 35 - EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NA EMPRESA II

English for Specific Purposes -

Level A



Ao tentar adivinhar a partir do título o que o texto poderia conter, você praticou uma estratégia chamada **Prediction**. Essa estratégia pode ser muito útil para as suas leituras em inglês. Utilizando tal estratégia, você fica atento àquilo que pode ser muito importante para o entendimento de um texto, sem que você fique preso ao conhecimento de todas as palavras para a compreensão geral. Sempre que você lê um texto rapidamente para detectar se as suas **predições** estão certas, você utiliza uma estratégia chamada **Skimming**.

4) Releia o texto e responda:

a) De qual manual esse texto foi retirado? Justifique.

b) De acordo com o texto, o que o "Auto Flight System" faz?

c) Sabendo que cada "Flight Management and Guidance Computer" é formado por duas partes, tente localizá-las no texto e indique seus nomes.

d) A que o "Auto Flight System" é conectado?

e) O que significa a palavra *NOTE* nos manuais? Qual é a mensagem que ele traz?

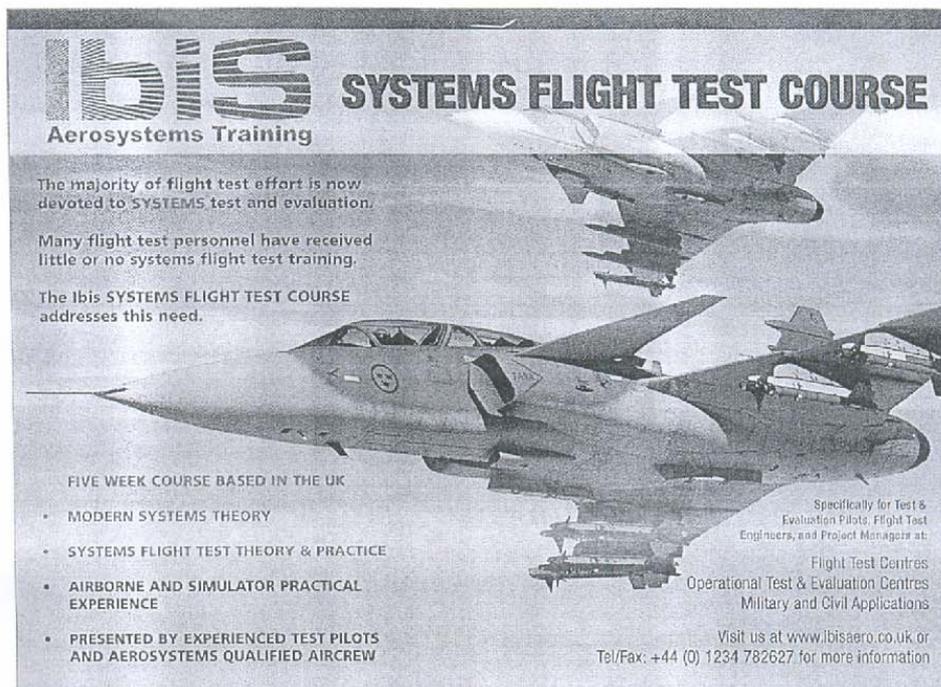
APÊNDICE 36 - EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NA EMPRESA II

English for Specific Purposes - 1

Level A

ATIVIDADE EXTRA

Observe o texto abaixo:



IBIS SYSTEMS FLIGHT TEST COURSE
Aerosystems Training

The majority of flight test effort is now devoted to SYSTEMS test and evaluation.

Many flight test personnel have received little or no systems flight test training.

The Ibis SYSTEMS FLIGHT TEST COURSE addresses this need.

FIVE WEEK COURSE BASED IN THE UK

- MODERN SYSTEMS THEORY
- SYSTEMS FLIGHT TEST THEORY & PRACTICE
- AIRBORNE AND SIMULATOR PRACTICAL EXPERIENCE
- PRESENTED BY EXPERIENCED TEST PILOTS AND AEROSYSTEMS QUALIFIED AIRCREW

Specifically for Test & Evaluation Pilots, Flight Test Engineers, and Project Managers at:
Flight Test Centres
Operational Test & Evaluation Centres
Military and Civil Applications

Visit us at www.ibisaero.co.uk or
Tel/Fax: +44 (0) 1234 782627 for more information

Responda as seguintes perguntas:

1) Que tipo de texto é esse? Como você chegou a essa conclusão?

2) Do que trata o texto?

- a) De um curso de sistemas de teste de voo.
- b) De um curso de sistemas de combustíveis para aviões.
- c) De um curso de comparação entre aviões.

3) Qual o nome da empresa que está oferecendo o curso?

APÊNDICE 37 - EXCERTO DO MATERIAL UTILIZADO NA EMPRESA II

English for Specific Purposes

Level A

4) Por quem ele será ministrado?

5) Onde será realizado o curso?

6) Quanto tempo durará o curso?

- a) 5 meses
- b) 5 dias
- c) 5 semanas

7) O que você deve fazer para obter mais informações?

8) Os sistemas de teste de vôo serão apresentados através de:

- a) Somente teoria
- b) Somente prática
- c) Teoria e prática

9) Quais palavras do texto se parecem com palavras em português? Escreva-as abaixo:

<hr/>	<hr/>

Source: *Aerospace Testing International*, Maio, 2003

APÊNDICE 38- MÓDULO A – CURSO DA EMPRESA II

MODULE A
<p><u>General Objectives</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Introduction of reading strategies that help students in comprehending specific texts in their work area, in this case, airplane maintenance manuals. • Development of strategies through the reading of texts in the aviation area and maintenance manuals of various sectors provided by the company.
<p><u>Content</u></p>
<p>Unit 1: Introduction to Reading and Presentation of Reading Strategies</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introduction to the reading comprehension process and the ESP approach, and presentation of reading strategies to be developed during the module.
<p>Unit 2: Cognates and False Cognates</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definition of cognates and false cognates, presentation of types of cognates in the English language, and practice through exercises in area texts.
<p>Unit 3: Verb Tenses</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presentation of verb tenses (past, present, and future), recognition of the importance of verb tenses for text comprehension. Practical exercises with manuals.
<p>Unit 4: Modals</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presentation and recognition of modal verbs and their importance in manuals, mainly in relation to comprehension of meaning.
<p>Unit 5: Prepositions</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introduction to main prepositions of place/position found in maintenance manuals of various work sectors.
<p>Unit 6: Reference Devices</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explanation of what reference devices are, practice in identifying reference devices in texts, analysis of pronouns most commonly used in maintenance manuals.
<p>Unit 7: Nominal Groups</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identification of types and constituents of nominal groups and practice with exercises with nominal groups in manuals.
<p>Unit 8: Writing Practice</p> <ul style="list-style-type: none"> • Writing practice for filling out forms and service orders most commonly found in each sector of students' work and identification of recurring linguistic structures.
<p>Unit 9: Dictionary Use</p> <ul style="list-style-type: none"> • Use of characteristics and tools present in dictionaries, making the most use of dictionaries for text comprehension.

APÊNDICE 39 – MÓDULO B – CURSO DA EMPRESA II

MODULE B
<p><u>General Objectives</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Review of reading strategies introduced in the previous module • Introduction of new strategies through the reading of more difficult texts in the aviation area and maintenance manuals of various sectors in the company.
<p><u>Content</u></p>
<p>Unit 1: Review of Reading Strategies</p> <ul style="list-style-type: none"> • Review of reading strategies and practice with exercises involving manuals.
<p>Unit 2: Word Formation</p> <ul style="list-style-type: none"> • Study of word formation (prefixes and suffixes) and their importance in vocabulary development.
<p>Unit 3: Keywords</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identification of keywords in manuals and recognition of their importance for text comprehension.
<p>Unit 4: Main Ideas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Development of the ability to identify the main idea in a text to assist in text comprehension.
<p>Unit 5: Topic Sentences</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identification of topic sentences that show the main idea or topic and their importance for comprehension of written language.
<p>Unit 6: Textual Markers</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identification of types of textual markers and their importance for text comprehension such as sequence, addition, comparison, contrast, negation etc present in manuals.
<p>Unit 7: Instructions</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recognition and use of imperative verbs in instructional texts exemplified and practiced through specific parts of manuals.
<p>Unit 8: Writing Practice</p> <ul style="list-style-type: none"> • Writing practice for filling out forms and service orders most commonly found in each sector of students' work and identification of recurring linguistic structures.

APÊNDICE 40 – MÓDULO C – CURSO DA EMPRESA II

MODULE C
<p><u>General Objectives</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Consolidation of reading strategies seen in previous modules with the objective of stimulating students' autonomy to optimize their learning. • Development of new strategies through the reading of more difficult texts in the aviation area and maintenance manuals of various sectors in the company.
<p><u>Content</u></p>
<p>Unit 1: Review of Reading Strategies</p> <ul style="list-style-type: none"> • Review of reading strategies presented in Modules A and B and practice with exercises involving manuals.
<p>Unit 2: Verb Tenses</p> <ul style="list-style-type: none"> • Review of verb tenses (past, present, and future), recognition of the importance of verb tenses for text comprehension. Practical exercises with manuals.
<p>Unit 3: Passive Voice</p> <ul style="list-style-type: none"> • Use of verbs in passive voice in sample texts and practice with texts from manuals with a focus on comprehension and production.
<p>Unit 4: Dictionary Use</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaboration on the use of dictionaries as a reading strategy seen in previous modules with a focus on the use of aviation technical dictionaries.
<p>Unit 5: Phrasal Verbs</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presentation and recognition of <i>phrasal verbs</i>, their meanings and importance for comprehension of manuals.
<p>Unit 6: Video Activity: RADAR</p> <ul style="list-style-type: none"> • Video activity provided by the aviation company involving the development of vocabulary about weather conditions.
<p>Unit 7: Vocabulary Development</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaboration and development of specific vocabulary in the area of tools and equipment present in manuals in students' work environment.
<p>Unit 8: Linguistic Functions</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identification and practice of linguistic functions utilized for talking about work in the aviation field with <i>in locu</i> classes.
<p>Unit 9: Video Activity: Auxiliary Power Unit (APU)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Video activity provided by the aviation company involving the development of vocabulary about APU.

Unit 10: Writing Practice

- Writing practice for filling out forms and service orders most commonly found in each sector of students' work, writing emails as well as formal and informal letters and identification of recurring linguistic structures.

APÊNDICE 41 – ANÁLISE DE NECESSIDADES REALIZADA NA EMPRESA II

Needs Analysis and Implications

Needs Analysis	Instrument	Goals	Procedures	Results and Implications
1st Company Management Staff	Interview	To determine company needs	Every beginning of term, coordinators and management staff get together to determine the goals to be reached	<u>Administrative Changes</u> 1. A teaching assistant was hired to help coordinators follow the course development and improve students' awareness and motivation in the classroom, enabling constant reflection about the program efficacy.
2nd Employees	Written test/ Questionnaire	To evaluate employees' FL knowledge and language learning experience	Every beginning and ending of each term employees take the same tests to compare their improvement and opinions about their learning process	2. A management employee was designated to follow and support the ESP course development. <u>Pedagogical Changes</u> 1. Development of more appropriate activities, as the team was more aware of the students' jobs. 2. Reading activities involved a variety of texts besides AMM and written activities about maintenance reports were included.
3rd EFL teachers	Class Reports	To evaluate the course effectiveness in responding to students' needs.	The EFL teachers write class reports at the end of each class	3. Course organization changed to smaller groups based on student proficiency.
4th Onsite target situation analysis	Onsite observation	To determine real needs for using the target language by workers	Teachers walk through different sectors at the company, observing work routine, job shadowing, taking detailed notes of workers' use of the FL	4. After the 4 th needs analysis, teachers increased shared knowledge with their students; students made reference to things and events that teachers had observed, improving the classroom pedagogy.